



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

O amor enquanto potencial salvador ou carrasco do desenvolvimento do *self*: Impacto da relações de objeto, necessidades do *self* e recursos mobilizadores para a escolha de um par amoroso

Margarida Mendes Sampaio da Silva

Orientação: Professora Doutora Isabel Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de Especialização | Psicologia Clínica
Dissertação

Évora, 2017

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

O amor enquanto potencial salvador ou carrasco do desenvolvimento do *self*: Impacto da relações de objeto, necessidades do *self* e recursos mobilizadores para a escolha de um par amoroso

Margarida Mendes Sampaio da Silva

Orientação: Professora Doutora Isabel Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de Especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

Évora, 2017

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri



O amor enquanto potencial salvador ou carrasco do desenvolvimento do *self*: Impacto da relações de objeto, necessidades do *self* e recursos mobilizadores para a escolha de um par amoroso

Dissertação de Mestrado em Psicologia realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Maria Marques Mesquita, apresentada na Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

*“(...) Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”*

Fernando Pessoa

Dedicatória

*Às minhas pessoas,
Que me motivam todos os dias a ser o melhor de
mim e me aceitam com o mesmo amor quando não
o sou.*

*A vocês,
o meu mais profundo agradecimento e afeto!*

Agradecimentos

Ao finalizar esta fase tão importante da minha vida queria expressar o meu agradecimento a todos aqueles que me acompanharam e apoiaram durante a realização desta dissertação, e que me têm vindo a apoiar ao longo do meu desenvolvimento (em todas as minhas dimensões) para que pudesse ser e fazer tudo aquilo que sou e faço. Se o desenvolvimento do sujeito só ocorre com um outro com quem se possa relacionar, é a todos os meus outros relacionais que quero profundamente agradecer.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Mesquita (Psicóloga Clínica, Psicanalista, Doutorada em Psicologia Clínica e Professora Auxiliar no Departamento de Psicologia da Universidade de Évora) pelo seu apoio e motivação, por fomentar em mim a procura pelo saber, o questionamento e o não conformismo, por nunca ter limitado as minhas decisões ao longo deste percurso, e pelo contrário, as ter potenciado.

Agradeço ao Professor Doutor João Justo (Professor Auxiliar e investigador na Faculdade de Psicologia da Universidade Lisboa, Doutorado em Psicologia), pela disponibilidade e dedicação do seu tempo, pelo conhecimento que me transmitiu acerca do Instrumento DMI e pela ajuda na aplicação dos questionários.

Agradeço aos meus Pais, Carla e Luís, por acreditarem em mim e me acompanharem de perto sempre com uma palavra de apoio e motivação, por me dedicarem o seu afeto incondicional e me fazerem acreditar que, com esforço, empenho e dedicação, posso ser tudo aquilo que desejar.

Agradeço à minha irmã Sofia, que do alto dos seus maravilhosos 9 anos, me ensina as maiores lições de amor e amizade, e me faz trabalhar todos os dias para ser o melhor de mim.

Agradeço ao meu namorado João, meu companheiro de aventuras e potenciador da minha vida emocional e afetiva, que me tem dedicado o seu amor, apoio e amizade em todos os momentos, e que me incentivou a continuar a cada obstáculo deste percurso.

Agradeço às minhas amigas Cátia Dias, Vanessa Sampaio e Daniela Martins por acreditarem em mim, independentemente da dificuldade do que faça, pelas palavras de apoio e pela profunda amizade.

Agradeço, ainda, a todas as pessoas que dispensaram o seu tempo e participaram no estudo preenchendo os questionários, sem eles o desenvolvimento do estudo estatístico não seria possível.

A todos,
O meu mais sincero e profundo agradecimento!

Resumo

O estudo a realizar consiste em compreender de que forma relações de objeto internas mais desajustadas e, possíveis falhas de desenvolvimento do *self* daí provenientes, poderão influenciar a adoção de determinados estilos defensivos. Sendo que o sujeito se desenvolve à luz de uma matriz relacional co-construída, também a escolha do tipo de relacionamento amoroso na vida adulta será influenciada. A amostra será constituída por sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos de ambos os sexos, de nacionalidade portuguesa e que estejam ou já tenham estado numa relação amorosa. Para a concretização desta investigação quantitativa será necessária a utilização dos instrumentos: *Inventário de Memórias de Infância* (EMBU), *Inventário de Necessidades de Objeto do Self* (SONI), *Inventário de Mecanismos de Defesa* (DMI) e *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso* (ITRA).

Palavras-Chave: Relações de Objeto, Necessidades do *Self*, Mecanismos de Defesa, Relacionamentos Amorosos, Falhas Narcísicas.

Love as a potential savior or executioner of self development: Impact of object relations, self needs and mobilizing resources for choosing a loving partner

Abstract

This study proposes to understand how disturbed internal object relations and, possible *self's* developmental flaws, may influence the adoption of certain defense styles. As the subject develops in the light of a co-constructed relational matrix, so the choice of the type of love relationship in adult life will be influenced. The sample consists of individuals aged between 18 and 45 years of both sexes, with portuguese nationality and who are or ever have been in a loving relationship. To achieve this quantitative research will be necessary to use as instruments: Inventory for Assessing *Memories of Parental Rearing Behavior* (EMBU) *Self Objects Needs Inventory* (SONI), *Defense Mechanisms Inventory* (DMI) and *Inventory Types of Loving Relationship* (ITRA).

Keywords: Object Relations, *Self* Needs, Defense Mechanisms, Loving Relationships, Narcissistic flaws.

Índice Geral

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice de Figuras.....	vii
Índice de Tabelas.....	vii
Índice de Anexos.....	ix
Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	3
1. O amor enquanto elemento chave para a sobrevivência da infância.....	3
2. Quando a infância adoece a adultez.....	10
3. Como a infância deixou o adulto crescer.....	17
4. Quero-te por precisar-te e não por desejar-te: Necessidades de objeto do <i>self</i>	19
5. Quando a infância se protege da adultez: Mecanismos de Defesa.....	23
6. O amor enquanto carrasco ou salvador do desenvolvimento do <i>Self</i>	25
6.1. O Grupo Familiar enquanto mestre do ofício do amor.....	25
6.2. Relacionamentos Amorosos: O perpetuar ou a mudança?.....	28
Parte II – Estudo Empírico.....	33
Metodologia.....	33
1. Delimitação do Tema.....	33
1.1. Pertinência do Estudo.....	33
1.2. Formulação do Problema de Investigação.....	34
1.3. Objetivo Geral do Estudo.....	34
1.4. Objetivos Específicos do Estudo.....	34
1.5. Questões de Investigação.....	35
2. Procedimento.....	35
2.2. População e Amostra.....	36
2.3. Instrumentos.....	36
2.4. Procedimento da Recolha de Dados.....	38
2.5. Procedimentos Éticos e Deontológicos.....	39
2.6. Procedimentos do Tratamento dos Dados.....	39
2.7. Procedimentos da Análise Estatística dos Dados.....	40
Resultados.....	41

Análise Descritiva da Amostra.....	41
Análise Descritiva dos Instrumentos	42
EMBU	42
SONI.....	43
DMI.....	44
ITRA	45
Análise de Inferência Estatística.....	46
Análise Correlacional	49
Análise de Regressões	59
Discussão.....	64
Parte III – Considerações Finais	70
Principais Conclusões.....	70
Limitações.....	71
Futuras Investigações.....	72
Referências Bibliográficas	73
Anexos	81

Índice de Figuras

Figura 1. Gráfico representativo da variável “Profissão” da Amostra	83
--	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. Variável “Gênero” na Amostra.....	82
Tabela 2. Variável “Idade” na Amostra	82
Tabela 3. Variável “Escolaridade” na Amostra.....	82
Tabela 4. Variáveis “Ter Relação Amorosa”, “Nº de Relações Amorosas” e “Duração das Relações Amorosas” na Amostra.....	83
Tabela 5. Variável “Representação da Infância” na Amostra.....	84
Tabela 6. Estatística Descritiva do Instrumento EMBU.....	84
Tabela 7. Sujeitos com uma “Representação das práticas parentais perturbadas”.....	42
Tabela 8. Estatística Descritiva do Instrumento SONI.....	84
Tabela 9. Sujeitos com “Necessidades de objeto do <i>self</i> ou do seu Evitamento”.....	43
Tabela 10. Estatística Descritiva do Instrumento DMI.....	85

Tabela11. Sujeitos que utilizam “Mecanismos de Defesa desajustados/desadaptativos”.....	44
Tabela 12. Estatística Descritiva do Instrumento ITRA.....	85
Tabela13. Sujeitos com “Tipo de Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica”.....	45
Tabela14. Teste <i>Brown-Forsythe</i> para as variáveis “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”.....	85
Tabela15. Teste de <i>Tukey HSD</i> para a influência das categorias da variável “Representação da Infância” nas variáveis “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”.....	86
Tabela 16. Teste ANOVA <i>one-way</i> para a variável “ <i>Turning Against the Self</i> (TAS)” em relação às categorias da variável “Duração da Relação”.....	86
Tabela17. Testes <i>t-Student</i> para a variável “ <i>Turning Against the Self</i> (TAS)” em relação às categorias da variável “Duração da Relação”.....	87
Tabela18. Teste <i>t-Student</i> para a variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador” em relação à variável “Idade”.....	87
Tabela19. Teste ANOVA <i>one-way</i> para a variável “Tipo de Relacionamento Amoroso Eufórico-Idealizante” em relação às categorias da variável “Nº de Relações Amorosas”.....	87
Tabela20. Correlação entre a “Representação da Infância” e “Estilos Parentais Perturbados”.....	50
Tabela21. Correlação entre “Representações dos Estilos Parentais” e as “Necessidades de Objetos do <i>Self</i> ”.....	52
Tabela22. Correlação entre “Representações dos Estilos Parentais” e os “Mecanismos de Defesa adotados”.....	53
Tabela23. Correlação entre “Necessidade de Objetos do <i>Self</i> ” e “Mecanismos de Defesa adotados”.....	54
Tabela 24. Correlação entre as “Representações dos Estilos Parentais” e o “Tipo de Relacionamento Amoroso” adotado na Vida Adulta, para ambos os géneros.....	56
Tabela 25. Correlação entre a “Necessidade de Objetos do <i>Self</i> ” e o “Tipo de Relacionamento Amoroso adotado” na vida adulta, para ambos os géneros.....	57
Tabela 26. Correlação entre os “Mecanismos de Defesa adotados” e o “Tipo de Relacionamento Amoroso adotado” na vida adulta, para ambos os géneros.....	59

Tabela 27. Análise de Regressão linear Múltipla entre o Tipo de Relacionamento Amoroso “Submisso-Idealizador” e as variáveis com que se associa com maior magnitude.....	60
Tabela 28. Análise de Regressão linear Múltipla entre o Tipo de Relacionamento Amoroso “Eufórico-Idealizante” e as variáveis com que se associa com maior magnitude.....	61
Tabela 29. Análise de Regressão linear Múltipla entre o Tipo de Relacionamento Amoroso “Evitante-Desnarcisante” e as variáveis com que se associa com maior magnitude.....	63

Índice de Anexos

Anexo i) Cronograma.....	81
Anexo ii) Análise Descritiva da Amostra – Tabelas de Resultados.....	82
Anexo iii) Análise Descritiva da Amostra – Tabelas de Resultados.....	84
Anexo iv) Análise de Inferência Estatística – Tabelas de Resultados.....	85
Anexo v) Termo de Consentimento Informado.....	88
Anexo vi) Questionário Sociodemográfico.....	89
Anexo vii) Memórias de Infância (EMBU).....	90
Anexo viii) Inventário de Necessidades de Objetos do <i>Self</i> (SONI).....	92
Anexo ix) Inventário de Mecanismos de Defesa (DMI).....	97
Anexo x) Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA).....	109

Introdução

Há muito se conhece a necessidade que o ser humano tem de compreender o outro e os seus estados mentais, numa tentativa de estabelecer relações de complementaridade e reciprocidade, para além de antever os seus comportamentos e lhes reagir adequadamente. Chamamos a este comportamento, mentalização ou função reflexiva, somente desenvolvida na relação com o outro (Fonagy, 2000). Sabemos que é a interação do indivíduo com os mundos objetivos (externo e interno) das suas pessoas significativas que lhe permite interiorizar conteúdos chave, que funcionarão, ao nível dos recursos internos, como ferramentas para a construção do *self*. Sendo, claramente, as relações significativas da primeira infância, aquelas que mais contribuirão para a qualidade dos recursos disponíveis. Não esqueçamos, porém, a vontade e o poder do *self*, que sendo bastante condicionado pelas relações precoces, tem a capacidade de utilizar os seus recursos num gesto de não conformidade. Podendo operar, ao nível intrapsíquico, na transformação das experiências e dos próprios objetos internos, podendo reparar ou destruir, internamente, aquilo que se lhe opõe como um obstáculo ao desenvolvimento (Greenberg & Mitchell, 2003).

Devemos encarar este vínculo entre sujeito e objeto como um processo de comunicação e aprendizagem de mútua interrelação, dirigida com base em necessidades. Sendo que estas necessidades têm uma matriz e intensidade particulares, nas quais intervém a fantasia inconsciente. Nesta interação ocorre a internalização dessa estrutura relacional, que adquire uma dimensão intrasubjetiva mutuamente realimentada, associada a um sentimento de gratificação ou frustração, proveniente da configuração inicial do vínculo. Assim, consoante o confronto entre o intersubjetivo e o intrasubjetivo, seja dialético ou dilemático, a transformação a partir da relação será facilitada ou dificultada. Ou seja, dependerá de que o processo de relação funcione como um circuito aberto, com uma trajetória em espiral, ou como um circuito fechado, viciado pela estereotipia (Pichon Rivière, 2005).

Desta forma, afirma-se que os padrões interativos precoces, bem como, as suas representações funcionam como estruturas inconscientes organizadoras do *self* (Bromberg, 2008). Alguns autores acreditam que estas representações tenderão a perpetuar-se, formando um guia das experiências relacionais (Main, 1985), através de mecanismos defensivos (Freud, 2006). Contudo, acreditamos que o sujeito tem um papel ativo nesta construção relacional, tendo a capacidade de aprender e se transformar a cada nova experiência (Stolorow & Atwood, 2014; Summers, 2012). Encaramos a experiência da mente como que um conjunto de ligações entre o passado e o presente que continuamente se regeneram (Mitchell, 2000). Podendo o

relacionamento amoroso surgir como que uma *função reparadora*, num sentido transformacional das representações precoces (Mesquita, 2013), ou somente para mascarar as falhas de desenvolvimento daí provenientes (Kohut, 1977).

Perante esta breve introdução teórica no âmbito do desenvolvimento da vida psíquica e emocional do sujeito, nas suas mais variadas experiências relacionais, considera-se importante realçar o objetivo do estudo empírico que se segue: Para além de dar a conhecer o percurso teórico desenvolvido até aos dias de hoje no âmbito destas temáticas, é promover a reflexão, criar a dúvida, despoletar o lado mais livre e criativo de cada um, acerca do seu papel na própria transformação. Gosto de pensar que se no final deste estudo houver apenas um sujeito capaz de decidir por um caminho divergente daquele que precocemente lhe foi imposto, já estaremos perante sucesso, pois há possibilidade de mudança e transformação com as diferentes ferramentas a que tivemos acesso.

Assim, o presente trabalho encontra-se organizado em três grandes partes: Parte I – Enquadramento Teórico, onde se desenvolvem os seis capítulos teóricos que evoluem num sentido lógico de desenvolvimento da vida psicológica e relacional do sujeito, paralelamente, na sua versão mais saudável e mais patológica ou desadaptativa. A Parte II – Estudo Empírico, onde é apresentada a metodologia, sendo delineadas as linhas gerais, bem como, todo o procedimento. É desenvolvida a análise dos resultados, de forma a dar respostas às questões de investigação, anteriormente definidas, e a discussão dos mesmos. A Parte III – Considerações Finais, apresenta as principais conclusões deste estudo, as suas limitações e uma perspetiva de futuras investigações nesta área.

“Curioso paradoxo, quando me aceito como sou, posso então mudar”

(Carl Rogers, in *Tornar-se Pessoa*, 1961 p.21)

Parte I – Enquadramento Teórico

1. O amor enquanto elemento chave para a sobrevivência da infância

“Que quer dizer “Cativar”? É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa criar laços”

(Antoine de Saint-Exupéry, in *Príncipezinho*, 1943)

Sabemos que, desde idades bastante precoces, precisamos do outro, não só para garantir a nossa sobrevivência através da satisfação de necessidades básicas a nível biológico, mas também para a satisfação de necessidades ao nível emocional e relacional, de modo, a permitir o desenvolvimento de um *self* coeso e seguro que nos permita, mais tarde, ir desenvolvendo um padrão relacional também ele coeso e seguro. Sugere-se, que não se pode compreender um sujeito considerando-o isoladamente, uma vez que, a força motivacional basilar é a procura e estabelecimento de relações com o outro (Sullivan *cit in* Greenberg & Mitchell, 2003). O ser humano nasce com um potencial preadaptado para a interação direta, como que programado para ser social, pois o outro mais do que um veículo para gerir estados internos, é ele mesmo a realidade psicológica (Mitchell, 1988). Sendo necessário, ao longo de toda a vida, um reconhecimento e uma influência mútua na relação (Atwood & Stolorow, 2014).

Também as neurociências nos dizem que o cérebro se auto-organiza e se desenvolve num contexto de relação com um outro *eu*, outro cérebro também ele em desenvolvimento e em constante atualização (Schore, 2014), sem nunca voltar à sua estrutura original, pois novas interações impulsionam novas condutas ao longo da vida (Coderch, 2011).

O amor, sendo uma das emoções mais intensas e de difícil definição é também, a mais transformadora, criando novas vias, diferentes escolhas, mas também necessidades que se mantêm ao longo da vida. Ao que parece, é característica da condição humana a procura, incessante, de um *objeto de amor*, uma vez, que é a relação amorosa que mais contribui para o desenvolvimento do sujeito. O amor fortalece o *self*, permitindo-lhe estabelecer relações verdadeiras e profundas. Ainda assim, para muitas pessoas, entregarem-se a uma relação deste tipo, exigente e transformador, estabelece uma barreira difícil de ultrapassar: Mais vale só do que mal acompanhado ou mais vale mal acompanhado que só?. O que é, frequentemente, esquecido e menosprezado é que o *Self* não se desenvolve sem ser numa relação de intimidade e profundidade com o outro, desde cedo e ao longo da vida, caso contrário, este fica *sub-nutrido* e *sub-desenvolvido*, tornando-se frágil e vulnerável (Mesquita, 2013).

Já Spitz (1945 *cit in* Horst & Veer, 2008), realçou a importância da reciprocidade afetiva entre cuidador e bebê, bem como, a perigosidade da privação, da mesma, no desenvolvimento físico e mental da criança. Ficando claro que o centro da existência não começa no indivíduo, mas na situação total da relação, constituída por necessidades emocionais mútuas e complexas que fundamentam uma orientação interna antecipatória (Winnicott, 1952 *cit in* Greenberg & Mitchel, 2003).

Um desenvolvimento saudável requer e depende de um *ambiente facilitador*, onde não há privações ou frustrações graves das necessidades do bebê, nos seus primeiros estágios de desenvolvimento. Fazendo com que a criança se sinta onipotente, como se ela própria satisfizesse as suas necessidades, não havendo consciência de um outro, na relação mãe-bebê. Sendo um só, a criança tem um controlo mágico sobre tudo o que a satisfaz. Claro está, que este estado só pode ser atingido pela criança quando a mãe lhe dá condições *suficientemente boas*, para o seu desenvolvimento, sendo ela mesma uma *mãe ambiente* (Winnicott, 1965). Ferenczi (1913 *cit in* Livingston, 1996), refere-se a este sentimento de *omnipotência* como um estado de convergência entre a alucinação e a possibilidade da mãe facilitar a realização do desejo. Mahler (1967), fala-nos de uma *relação simbiótica* entre mãe e bebê, precisamente para descrever este estado indiferenciado de fusão, onde não há uma distinção entre *eu* e *não-eu*. Já Spitz (1965 *cit in* Mahler, 1967), refere-se a esta mãe como um *ego auxiliar* da criança ou, segundo Heimann, (1956) um *eu suplementar*. Isto porque a mãe é experienciada como *objeto transformacional* (Bollas, 1987) pois altera continuamente o ambiente do bebê para ir ao encontro das suas necessidades, permitindo à criança organizar a sua estrutura no campo subjetivo, através da experiência de um outro, como sugere Kohut (1977) com a *internalização transmutadora*. Salientando no entanto, que estas relações de objeto internalizadas não são reproduções passivas das relações, mas sim, modos como a criança apreende as relações, quer o que extrair delas de acordo com as suas necessidades adaptativas e defensivas, quer a construí-las (Mitchell, 1988), no sentido do *uso do objeto* (Winnicott, 1971). À medida que na criança emergem determinadas competências, também ela começa a transformar o seu mundo, apontando-se a aquisição da linguagem como a transformação mais significativa do mundo da criança, proporcionando experiências passíveis de modificar o seu mundo interior. Passando a criança a “transportar” consigo essas experiências, aprendizagens e funções dos objetos, mesmo quando estes não estão presentes, muitas vezes, através de *objetos transicionais* (Winnicott, 1965), mantendo a *constância do self* e do sentido de identidade (Erikson, 1956), através da *constância do objeto*.

Neste sentido, o bebê na adaptação ao mundo real, passa de uma relação com um objeto, enquanto fenômeno subjetivo para uma relação com um objeto objetivamente percebido. Regendo-se pela necessidade do sentimento de continuidade do *self*, procura na relação um ambiente que lhe proporcione as condições adequadas à sobrevivência do seu *eu* (Winnicott, 1965).

As relações com os outros são o espelho do próprio, levando-o a construir uma *autoimagem* que internaliza. Assim, toda a perda é experienciada como resultado da própria destrutividade e sentida como um despovoamento interno. Contrariamente, as boas experiências com outros aumentam a convicção no poder do seu próprio amor e das suas capacidades de *reparação*, sendo a qualidade da relação com os pais o início da forma como se vê e sente (Klein *cit in* Greenberg & Mitchell, 2003 pp. 159/60).

Spitz (1965 *cit in* Ogden, 1982) descreve a primeira comunicação entre a mãe e o bebê como "quasi-telepática" onde os estados afetivos da mãe são "recebidos" pela criança e registados sob a forma de emoções, assim como, ocorre na *identificação projetiva* (Klein *cit in* Seligman, 1999), um processo de comunicação e organização no qual a criança projeta as suas *fantasias inconscientes* na mãe, utilizando-a para conter um aspeto de si mesma. No entanto, hoje sabemos que este *objeto* não é um recipiente estático onde são, somente, projetados estados emocionais, pois sendo portador de um funcionamento psíquico e de uma personalidade diferentes, cria a opção de lidar com esses estados de forma totalmente distinta (Ogden, 1982), encontrando na mãe um elemento ativo e transformativo, do outro lado da relação. Falamos de uma capacidade contentora da mãe, bem como, de uma capacidade de *rêverie*, capaz de diminuir os estados internos negativos da criança (Bion, 1963). Promove-se, segundo Schore & Schore (2007), um processo de *sincronia afetiva* potenciadora da relação, bem como, um nível seguro de vinculação, e capacidade de resiliência em situações stressoras.

A criança desenvolve uma *função reflexiva*, pois desenvolve estados mentais que consciencializam a humanidade do objeto primário e promovem a manutenção da relação de apego com o mesmo (Fonagy, 1994), bem como, a *capacidade de se preocupar*, integrando emocionalmente o outro, responsabilizando-se pela relação que estabelecem (Winnicott, 1965). É este primeiro relacionamento, bem como, as influências externas contínuas que funcionam como modeladores da *autoimagem interna* do sujeito, fundamental no desenvolvimento do seu *self* e das suas relações futuras (Cavallo & Robins, 1980).

Kohut (1978), contrariamente à teoria pulsional de Freud, defende o lado saudável do narcisismo enquanto motor de desenvolvimento de um *self coeso*, bem

como, a influência proeminente dos fatores ambientais, uma vez, que o ser humano para se desenvolver, desde o início necessita de afeto, empatia e comunicação e não apenas de objetos contentores da descarga pulsional. Considera, então, o narcisismo saudável uma constelação transferida em espelho, uma linha autónoma de desenvolvimento, influenciada pela função parental. O narcisismo apenas se tornará patológico sob determinadas condições deficitárias de reciprocidade dos *objetos do self* para com a criança, culminando num *self* fragilizado e vulnerável, que tentará arduamente criar estruturas compensatórias para essas lacunas, como será desenvolvido mais à frente. No seu modelo (Kohut, 1966), e seguindo a linha de Klein, defende que a experiência narcísica se inicia num estado de plenitude do bebé, *narcisismo primário*, posteriormente frustrado e posto em contacto com tensões psíquicas dolorosas decorrentes de cuidados maternos necessariamente imperfeitos, na descoberta de um mundo para além da díade. O bebé tentará, então, restaurar, esse mesmo estado de plenitude, através de dois sistemas de perfeição: Um primeiro onde cria um *self grandioso* (*grandiose self* - 1978), primeiramente chamado de *self narcísico* (*narcissistic self* - 1966), um *self* perfeito que contempla em si tudo o que é bom e agradável e que coloca no exterior tudo o que é considerado imperfeito, como já referia Freud (1915) com o “*Ego do prazer purificado*”. Este é um *self* onipotente, grandioso e exibicionista que necessita de *objetos do self* que confirmem estas suas qualidades através de admiração. É o brilho do olhar materno que traduz o sentimento de “eu sou perfeito e tu admiras-me” (Mesquita, 2013), integrando no *Ego*, gradualmente, sentimentos de confiança nas próprias capacidades e atributos. Num segundo sistema, o bebé tenta manter a perfeição e a onipotência original, imbuindo-se da absoluta perfeição e poder do outro. Cria um *self idealizante*, uma imagem idealizada de, pelo menos, um dos pais (*idealized parente imago* – 1966) criando uma fusão com o *objeto do self idealizado*, pois através do sentido de “tu és perfeito e eu faço parte de ti” (Mesquita, 2013), absorverá determinados valores ideais que acompanharão a criança para o resto da vida. São, então, as relações entre a criança e as funções dos *objetos do self* que constituem a estrutura e a organização do seu aparelho psíquico, necessárias para o desenvolvimento de um *self coeso*. Assim, conceptualiza-se um *self bipolar* constituído, num dos extremos, por tendências exibicionistas e, no outro, pela idealização das figuras parentais e do próprio *self* (Kohut, 1977).

Realçamos, que os objetos do *self* são, então, aqueles que evocam e sustentam o *self* como uma estrutura organizada e coerente, para além de todas as outras funções psicológicas que possam desempenhar, e embora o *self* necessite sempre de *objetos*, ao longo da vida, estes sofrem mudanças na sua natureza (Wolf,

1982 *cit in* Mollon, 1985). Pois, utilizar a calma e a força transmita pela mãe ao seu bebê, nos momentos de fusão da infância precoce, faz dela um *objeto do self arcaico*, enquanto que, receber um incentivo ou um gesto de compreensão de um amigo, permitindo reestabelecer a sua calma e força, faz dele um *objeto do self maduro*, por ser o *objeto* atual (Kohut, 1983 *cit in* Mollon, 1985). A essência de uma matriz de desenvolvimento do *self* saudável é, então, um *self parental* maduro e coeso que corresponda, em sintonia, às necessidades da criança/jovem, em constante mudança. Pode, num momento, espelhar-se a exibição grandiosa e num momento seguinte ser necessário restringir essa mesma exibição, por tomar dimensões exageradas, através de uma atitude realista de estabelecimento de limites. Sendo este desenvolvimento apropriado do *self*, feito numa dança entre *frustrações* e *gratificações ótimas*, como será desenvolvido mais à frente (Wolf, 1978 *cit in* Mollon, 1985).

Considerou-se até agora, somente a presença de duas partes em relação, um sujeito e um objeto. No entanto, sabemos que a capacidade de autorregulação do bebê é um pré-requisito para a forma como vai interagir com o ambiente, pelo que não podemos considerar, somente, a *díade* mãe-criança enquanto base da construção da estrutura psíquica (Beebe, Jaffe & Lachmann, 1992). Geralmente as relações incluem um terceiro elemento fundamental, o pai (Mollon, 1985), para além de todas as outras instâncias e papéis existentes. O pai surge, inicialmente, como elemento chave do processo de separação-indivuação da relação simbiótica, desempenhando um importante papel no desenvolvimento das atitudes exploratórias da criança. Surge, porém, uma relação, simultaneamente, organizadora e traumática, denominada de *triangulação primitiva*, pois se por um lado, a criança internaliza os seus dois objetos principais, aumentando a sua capacidade exploratória, bem como, a sua grandiosidade e idealização, também tem de internalizar a relação dos seus dois objetos, sem si. É nesta fase que a criança toma consciência de uma relação onde ela não é o elemento privilegiado, onde o seu objeto simbiótico, afinal, tem outra relação privilegiada (Abelin, 1975). Assim, ao sentir-se à parte daquela relação, a criança vai reconhecer o seu próprio desejo frustrado nas ações deste pai rival, iniciando o seu processo de *complexo de Édipo* (Freud, 1914). No entanto, a capacidade para considerar uma relação benigna e sexual entre os pais permite desenvolver um *espaço fora do self* capaz de ser pensado, conseguindo desenvolver sentimentos de segurança num mundo competente e estável, bem como, conceber um novo tipo de relação, o qual se testemunha mas não se participa. É esta elaboração da triangulação que permite a evolução de estados mais narcísicos para relações mais maduras, possibilitando o estabelecimento de relações íntimas, na vida adulta (Britton, 2007 *cit in* Mesquita, 2013). Neste sentido, diz-nos Benjamin (1995), que existe um efeito das

relações humanas no desenvolvimento psíquico, considerando, simultaneamente, a modelação dessas mesmas interações através de mecanismos internos e de fantasias.

Podemos, então, refletir acerca do amor parental enquanto principal potenciador do desenvolvimento saudável da criança, bem como, do seu padrão relacional futuro. Embora Freud tenha sido o primeiro a falar em amor como produto dos cuidados parentais, acaba por relaciona-lo com as pulsões sexuais, sendo mais tarde, através de autores como Ferenczi, Balint e Winnicott, que o amor ternurento é encarado no sentido positivo e não como produto de uma sexualidade desviada. O amor parental relaciona-se, então, com o prazer de intimidade, enquadrado, tanto na experiência de ser cuidado como nas experiências de mutualidade e nas experiências transitivas (desenvolvidas mais à frente), onde se desenvolvem emoções e sentimentos. Neste sentido, já Spinoza (2003) nos falava em *paixões alegres*, emoções e sentimentos que aumentam a capacidade de um corpo afetar e se deixar afetar pelos outros, sem deixar de existir enquanto corpo autónomo, são paixões que aumentam a *potência de existir* de alguém, através do pensar, do sentir e do agir. Este tipo de amor, assim como qualquer outro tipo de amor, para ser saudável, implica obrigatoriamente o interesse genuíno, a curiosidade e o fascínio perante um outro diferente e original. Na maior parte dos casos, há desde logo um encantamento inicial com o bebé, ponto de partida para a construção da relação e para o crescimento do amor na realidade vivida. O amor que promove e estimula o crescimento é um amor que tanto une como separa a criança do seu objeto, preparando-a para a autonomia e para o contacto com o diferente (Belo, 2014), facilitando as *identificações idiomórficas*, promotoras da expressão autêntica do *self* (Coimbra de Matos, 1996). No entanto, falar em amor parental implica sempre alguma identificação destes à sua própria infância, às suas memórias e fantasias relativas a esse período da sua própria vida, que tanto pode funcionar como um motor facilitador desta nova relação, como funcionar como um motor de compensação das lacunas da sua relação de infância através desta nova relação, tendo a criança, por vezes, uma *função reparadora* das feridas narcísicas dos próprios pais (Zornig, 2010).

É na infância que se começa a construir o futuro do amor e é ao estado de infância que retornamos para (re)encontrar o elementar, a expectativa inata que reivindica o prazer do encontro que promove a liberdade, mesmo que em novas relações. A criança que procura e o objeto que ao procura-la e ao encontra-la, a permite encontrar-se. Sendo neste espaço de não espaço que o reconhecimento do toque e do ser permitem o sentir inteiro e capaz (Câmara, 2014). Ser-se quem se é, existir-se com um outro, permite que mesmo estados mais dissociativos possam ser

adaptativos, por haver conformidade com um *self integrado* que permita à mente funcionar de forma criativa (Bucci, 2009).

A *criatividade* é um conceito interessante para esta reflexão, uma vez que contribuirá, grandemente, para o desenvolvimento da criança através da experiência de determinados aspectos que precisa ter na sua realidade. Todas as crianças têm de recriar o mundo estando, porém, dependentes da capacidade da mãe se adaptar às suas necessidades, de modo, a apresentar-lhe, pouco a pouco, o mundo real nos seus momentos de atividade criativa. É na harmonia entre a realidade exterior apresentada e no espaço criativo proporcionado pela mãe que se dá a progressão da sua descoberta do mundo, bem como, a sua adaptação ao mesmo. Caso a mãe não tenha capacidade para permitir a criação deste espaço e destes momentos para a criança, o impulso criativo inato desaparece, por não ser correspondido pela realidade externa, isto é, por não ser realizado (Winnicott, 1965). Demos (1992 *cit in* Mesquita, 2016), alerta-nos para a capacidade de utilização, por parte da criança, dessa mesma função materna para criar novas formas de lidar com as adversidades e com os estados afetivos mais desorganizados, estando diretamente relacionada com o seu potencial criativo e transformador. Assim, para além da validação materna da experiência da criança, fundamental no seu desenvolvimento, é necessário que lhe ofereça uma nova perspectiva, uma experiência além da sua própria experiência, para que a partir daí, possa criar muitas outras (Summers, 2013). Segundo Kohut (1977), um dos elementos fundamentais do *self bipolar* diz respeito, precisamente, à área dos talentos e habilidades, fruto do *arco de tensão* entre os dois polos deste mesmo conceito de *self*, onde se podem desenvolver mecanismos compensatórios.

A revelação de padrões inconscientes não é mais considerada, o desenterrar de uma forma psíquica originalmente estabelecida, mas sim, a criação de uma nova forma, a partir da qual, estados dissociados emergem à consciência (Stern, 1997 *cit in* Summers, 2012). Nomeadamente, a regulação da experiência afetiva, não é um produto de mecanismos intrapsíquicos isolados, mas sim, propriedade do sistema criança-cuidador, onde há uma influência mútua (Stolorow & Atwood, 1996). A criança nasce com pré-disposições afetivas que requerem uma resposta do cuidador, com quem se estabelece o vínculo primário, para que se consciencializem e existam realmente, para além da disposição pré-existente. Então, por exemplo, só quando a mãe responde com entusiasmo e afeto às demonstrações afetivas/emocionais da criança, é que estas passam a fazer, realmente, parte de quem é, do seu *self*. Pelo contrário, o afeto que não é reconhecido pelas figuras parentais, não será codificado, pela criança, como parte de si. A criança fará o que for necessário para manter o vínculo parental, portanto, qualquer afeto, interesse ou desejo que surja

espontaneamente e ponha em risco a relação com os objetos parentais, será neutralizada, permanecendo apenas enquanto potencialidade. Conseqüentemente, determinadas disposições afetivas e capacidades intelectuais que permaneceram como potencialidades, não realizadas, tentarão ganhar expressão de uma forma indireta, aceite por uma estrutura psíquica que as rejeitou, podendo, na sua tentativa de contornar os mecanismos de defesa do sujeito, expressarem-se em forma de sintoma (Stern, 1997 *cit in* Summers, 2012).

Assim, a saúde mental inicia-se com a convivência com cuidadores que possibilitam a gestão não só dos afetos positivos mas também dos negativos de forma a que estes não sejam colocados fora do campo interativo e da regulação intersubjetiva. É, então, através de *negociações intersubjetivas* que a criança aprende que os afetos negativos podem ser tolerados e que o *stress* relacional pode ser regulado (Bromberg, 2011). Deste modo, se facilita que a criança se torne um participante ativo na realização da sua própria satisfação, fomentando uma *zona ótima de envolvimento afetivo* (Demos, 1992 *cit in* Mesquita, 2016). Stern (1985), bem como, Beebe & Lachmann (1992, 2002) salientam que o sentimento de eficácia e agencia sobre o meio, influenciam positivamente o desenvolvimento do *Self*.

2. Quando a infância adoece a adultez

“(...) Tristes mãos longas e lindas que eram feitas para se dar... Ninguém mas quis apertar tristes mãos longas e lindas...” (Mário de Sá-Carneiro, in *Saudades de Mim*, 1914)

A vida mental do bebé é desperta e animada pelo desejo entusiástico da paixão dos pais, porém, como nos diz Coimbra de Matos (2012), se não existir este investimento parental, a mente do bebé não se desenvolve, ficando reduzida a uma *protomente*. Ao não ser investida amorosamente, a criança não tem a experiência fundadora de compreensão empática e de resposta adequada do objeto de vinculação, promotoras do movimento de expansão da mente, estando esta ausência na origem de uma *falha básica* (Balint, 1993), que poderá perturbar o padrão relacional futuro do sujeito Assim, contrariamente ao vínculo seguro, refletido anteriormente, irão desenvolver-se vínculos inseguros evitantes ou resistentes (Ainsworth, Blehar, Waters e Wall, 1978), minimamente organizados uma vez que expressam a expectativa da criança em conformidade com as respostas inadequadas de apego e afeto transmitidas pelo cuidador, ou um vínculo mais desorganizado (Main & Solomon, 1990) onde o objeto é o refúgio de segurança, mas também, uma fonte de medo.

As necessidades humanas interagem e entrelaçam-se umas com as outras no padrão da experiência humana, fazendo com que a criança desenvolva uma imagem e

um sentido de si mesma no contexto das interações com outros (Mitchell, 1988). Contudo, caso haja um descompasso entre a necessidade, o desejo e a satisfação, o desenvolvimento do *self* fica retido num estado de resignação e aceitação do outro (Wright, 1996 *cit in* Mesquita, 2013) o que, neste sentido, desencadearia sentimentos de ausência e falha, provenientes de um *deficit* de narcisização parental, resultando num estado patológico (Kohut, 1988). Neste sentido, o indivíduo devido ao fracasso de uma experiência espontânea e estável, tende a não se sentir no centro da sua própria vida. Desenvolvido entre o “espelho e a máscara”, procura incessantemente o seu próprio significado, um sentido de genuinidade e de continuidade do seu verdadeiro *self*, num estado inconsciente destas falhas e destes vazios. Procura-se um estado de bem-estar, raramente conseguido, e diretamente associado ao momento em que o verdadeiro amor e a vida real começarão (Bromberg, 1983).

Assim, a criança que não se vê refletida no olhar materno, pobre em desejo e entusiasmo, constrói prematuramente um objeto objetivo, externo, em relação ao qual aumenta a dependência devido à fragilidade do objeto interno, a angústia de separação terá de ser negada a todo o custo, através de mecanismos que são muitas vezes aniquiladores do desenvolvimento do *Eu* (Mesquita, 2013).

Como refere Mitchell (2000), somos filhos do consciente materno/paterno, mas também dos seus conflitos inconscientes, transmitidos através de gerações, podendo, em certos casos, ser um obstáculo ao desenvolvimento da psique. Podemos, então, referir-nos a dois tipos de transmissão familiar, a *transmissão psíquica intergeracional* que possibilita que sejam transmitidos conteúdos mentais integráveis na mente do indivíduo com o mínimo de sofrimento, e a *transmissão transgeracional*, que transmite ao indivíduo elementos psicologicamente irrepresentáveis, recebidos por *identificação projetiva* e que invadem a psique no sentido da obediência a repetir (Houzel, 1996 *cit in* Mesquita, 2013). Nas perturbações do narcisismo observa-se a repetição de padrões *intergeracionais*, uma vez que a criança, inibida nas suas necessidades e competências, é vivida como propriedade do mundo interno dos pais (Raphael-Leff, 2004 *cit in* Mesquita, 2013). Neste sentido, Fraiberg (1975 *cit in* Fonagy *et al*, 1991) diz-nos que todas as relações de cuidar implicam intrusos, inconscientes, das experiências passadas dos cuidadores. Havendo identificações com as suas figuras parentais ou com as representações do seu *Eu* infantil (Manzano, Espaza & Zilkha, 1999). No entanto, como refere Fonagy (2000), é possível impedir que estas identificações intrusas influenciem negativamente a díade, se a mãe/cuidador tiver a capacidade de se conhecer e refletir acerca das suas experiências, competência de *intersubjetividade primária* (Trevarthen, 1993), dando à criança o seu próprio espaço de autoconhecimento.

Devemos diferenciar mães que trazem para a relação diádica, inconscientemente, um *self* fragilizado e carente pelas compensações que esta nova relação pode oferecer, de mães abusivas, com um fundo invejoso e agressivo, que são em parte, conscientemente maliciosas, pois embora ambas criem obstáculos a um desenvolvimento saudável e coeso do *self* da criança, fazem-no com níveis de gravidade diferentes, com intenções diferentes ao nível do cuidar e do amor depositado na relação e provocam também consequências diferentes.

No primeiro caso, muito inconscientemente e contrária às suas próprias boas intenções, a mãe tenta amenizar as suas próprias necessidades narcísicas através do filho, *fazendo-lhe uso como objeto de investimento narcísico* (Miller, 1979). E embora esta seja uma relação de amor, onde a mãe ama o seu filho como o seu *objeto do self* (sendo ela mesma a criança da relação), esta não é a forma como ele necessita ser amado, pois entre outras coisas, há uma ausência de continuidade, constância e estabilidade, que impossibilitam a criança de experienciar as suas emoções e sentimentos num quadro de desenvolvimento seguro. Em vez disso, desenvolve mecanismos de atuação que salvem o amor da mãe, que façam de si aquilo de que a mãe necessita, adaptando-se a uma realidade desajustada e, por sua vez, a desenvolver um *falso self* (Winnicott *cit in* Japur, 2003), ou como refere Mahler (1967), mecanismos “*as if*”. Neste sentido, se a mãe espelha sentimentos de insegurança, imprevisibilidade, ansiedade ou hostilidade, a criança, obrigada a assumir um papel de “cuidador emocional”, vai ter de enfrentar o período de individuação num quadro de insegurança e sem a verificação emocional esperada do seu objeto simbiótico, resultando numa perturbação do seu sentimento de *self* (Miller, 1979). A mãe funciona, então, como um *espelho distorcido* ao contagiar o bebé com os seus afetos dissonantes que se impõem ao aparelho mental em formação, num *contágio afetivo* onde não existe *eco afetivo* (Fonagy & Target, 2002).

No segundo caso, contrariamente ao primeiro, temos uma *mãe impenetrável* (Fieldman, 1989 *cit in* Fisher, 2005) emocionalmente que apenas permite dois caminhos na relação, ou a criança realiza tentativas agressivas para a conseguir alcançar, ou se retira para uma situação desesperada e mentalmente dolorosa. Impede a criança de ter acesso à experiência de *eficácia do self* (Broucek, 1979 *cit in* Mollon, 2002), a base da construção do seu sentido de *self*, pois uma vez que não desperta o mundo emocional da mãe, sente que não é competente para evocar a sua resposta empática, quando na verdade é a mãe/cuidador primário que não é competente para tal. Betelheim (1967), refere-se a uma *mãe frigorífico* que expõe a criança a um ambiente ameaçador e não carinhoso, onde não há responsividade afetiva, obrigando-a a isolar-se. Já Zimerman (1999), considera uma *mãe abismo* pois

faz da criança um mero complemento narcísico, que tudo o que faça será considerado insuficiente, tal como, a *mãe depressiva* (Coimbra de Matos, 2001) que vê a criança como uma extensão de si própria, condicionando-a a um *Eu ideal*, exige que colmate as suas falhas narcísicas e não atende a qualquer necessidade ou interesse genuíno, falhando na sua função de *holding*. Segundo Bion (1963), estas mães, impregnadas de *inveja*, exercem uma função de *rêverie invertida*, sugando todos os elementos bons da criança deixando-a despojada e entregue às suas emoções negativas e dolorosas. Sendo este o percurso oposto de um desenvolvimento mental saudável, muitas vezes, quando esta relação diádica maligna é tudo o que a criança tem, ela *retrai-se narcisicamente* (Winnicott, 1975), introjeta os elementos malignos que não foram passíveis de ser integrados e dirige a agressividade para si em vez de para o objeto, de modo, a preservar o seu amor.

De ressaltar que este sentimento invejoso, pode ser proveniente da própria criança enquanto ódio dirigido aos bons objetos, contrariamente aos outros tipos de ódio, que culminam em culpa e *ansiedade depressiva*, dirigidos aos maus objetos. A criança experiencia a bondade e os cuidados da mãe mas, para além, de os sentir como insuficientes (por serem intermitentes), não consegue tolerar a sua falta de controlo sobre eles, como que se não tolerasse a perda da sua onipotência para um outro separado (Klein *cit in* Greenberg & Mitchell, 2003). Claro está, que se houver um *objeto do self*, mentalmente mais evoluído, suficientemente bom e eficaz, este aguentará as investidas agressivas da criança, ajudando-a neste seu desenvolvimento difícil, o problema reside quando esta criança se depara com um cuidador que não está à altura desta tarefa.

Assim, devemos ter em consideração, que a mãe não produz a neurose ou a psicose no filho, ela provoca, em determinadas circunstâncias um desenvolvimento caótico, ao rejeitar ou seduzir ela influencia, distorce e compromete o desenvolvimento da criança, mas não podemos atribuir a estas mães a total responsabilidade do desenvolvimento de estados mais patológicos nos filhos (Ana Freud, 1954 *cit in* Betelheim, 1967). Caso contrário, como explicaríamos todos os casos de indivíduos bem-sucedidos que tiveram mães “boicotadoras” do seu desenvolvimento? Que esperança restaria para cada criança com uma mãe/cuidador com um funcionamento perturbado? Acreditamos que o desenvolvimento se faz de diversos fatores e que nenhum isoladamente tem o poder de impedir um desenvolvimento saudável.

Nestes desenvolvimentos mais narcisicamente perturbados há uma certa incapacidade de separação e diferenciação do *objeto do self*, logo, uma incapacidade de desenvolver um sentido de identidade (Mahler, 1967). Ao haver uma relação *simbiótica* e um *objeto do self clonizante* (Glessner, 1992 *cit in* Ronningstam, 2005), não

há espaço para incluir o objeto paterno e por conseguinte uma *posição triangular*, impedindo o contacto com a realidade com o próprio *self* (Mollon, 1993). Pior se torna a situação, quando para além de uma mãe usurpadora da relação, há um pai ausente que não é *suficientemente bom* para lutar por aquela relação, que na ausência de *empatia paternal*, não sobrevive às investidas da mãe (Amaral Dias, 1991 *cit in* Mesquita, 2013), pois esta falha na triangulação primária irá traduzir-se na vida adulta como uma necessidade de exclusividade e incapacidade de vivenciar a rivalidade.

Assim, Lovlie (1982 *cit in* Mollon, 1993) estabeleceu uma relação entre separação, diferenciação e capacidade de refletir, pois uma pessoa que é incapaz de refletir é impedida de ter um sentido de autoconhecimento e de experienciar o Eu como um *centro independente de iniciativa* (Kohut, 1977). Ocorre uma inibição defensiva de funções específicas se o seu uso está consistentemente ligado a experiências de ansiedade ou desagrado, como a reflexão e o consequente contacto com estados mentais perturbadores relacionados com os seus *objetos do self* (Fonagy, 1994). Stolorow e Atwood (2014) referem mesmo a necessidade de desenvolver mecanismos de defesa contra o afeto para evitar o conflito psicológico e mascarar a vulnerabilidade narcísica.

Demos (1987 *cit in* Stolorow, Brandchaft & Atwood, 1995) afirma que o sentido de *self* rudimentar da infância cristaliza em torno da sua experiência interna de estados afetivos recorrentes. Assim, a ausência de uma resposta constante e sintonizada aos estados de afeto da criança provoca descarrilamentos significativos da *integração ótima* do afeto, tornando a criança vulnerável à *auto fragmentação*. Pois estas experiências relacionais precoces promoveram, por um lado, sentimentos de abandono e insegurança devido a falhas graves, e por outro, a necessidade de evitar a manifestação de determinados afetos para manter a relação e o amor dos objetos cuidadores, o vínculo relacional é sentido como algo perigoso e a evitar. Existe um *self* frágil e vulnerável que evoca todos os esforços para evitar a *retraumatização* (Stolorow, Brandchaft & Atwood, 1995), de modo a, ao evitar experiências que realcem a sua vulnerabilidade, reestabelecer alguma coesão e fortalecimento da imagem do Eu. Esta necessidade visceral de evitamento da dor é comprovada também a nível biológico, uma vez que a amígdala, o hipocampo e outras estruturas, parte de um sistema neuronal especializado para o processamento de estímulos sociais (Steklis & Kling, 1985 *cit in* Schore, 2016), comparam cada novo elemento e experiência com outras experiências armazenadas. Neste sentido, face a semelhanças entre elementos, este sistema atua antecipadamente à confirmação dos factos, acionando os mecanismos de defesa. Quando a ilusão de unidade é muito perigosa para ser

mantida, há um retorno à simplicidade da dissociação como resposta defensiva proactiva à potencial repetição do trauma (Bromberg, 1996).

Face ao desenvolvimento deste tipo de funcionamento mais patológico, a criança, futuro adulto, tem a possibilidade de desenvolver as suas capacidades intelectuais, mas não o seu mundo emocional, e isso tem consequências a longo prazo para o seu desenvolvimento e para a regulação do seu bem-estar. O intelecto assume uma função de apoio fundamental no fortalecimento dos mecanismos de defesa, mas na profundidade do ser a perturbação narcísica instala-se e rigidifica-se. Assim, a personalidade permanece fixada na idealização ou nas suas formas mais arcaicas e regressivas, dependendo da fase de desenvolvimento em que ocorreram as experiências traumáticas (Kohut, 1977).

São várias as nuances de perturbações narcísicas que se podem desenvolver, então, por uma questão de clareza e de foco, serão duas formas extremas as contempladas nesta reflexão: grandiosidade e depressão. Atrás da grandiosidade manifesta, a depressão está constantemente à espreita, e escondidas atrás de um humor depressivo há, muitas vezes, fantasias inconscientes de grandiosidade. Na verdade, a grandiosidade é a defesa contra a depressão (Miller, 1979) e a depressão é a dor do sentimento de perda do amor do objeto, do não reconhecimento (Coimbra de Matos, 2001). São, segundo Kohut, duas vias que permitem à pessoa manter uma autorrepresentação minimamente coesa, ou através da relação com um objeto que reflita esta representação de *self grandioso* mais arcaico, ou através da associação a um *objeto idealizado*, um objeto idealmente superior, que participa na construção desta máscara grandiosa.

Assim, em relação à *grandiosidade*, a criança sofreu graves traumas narcísicos ao nível da satisfação das necessidades de exibição e confirmação, o *self grandioso* fica estagnado na sua forma mais arcaica, tornando-se inacessível a experiências exteriores modificadoras, no entanto, a sua vulnerabilidade fá-lo-á procurar restaurar, a todo o custo, a satisfação dessas necessidades mais infantis, através de compensação narcísica. O *self grandioso* traduz-se numa exuberância que resulta da megalomania infantil, onde o sujeito fica retido devido a sentimentos de desesperança e solidão, tendo a ilusão de uma falsa independência. Pois a relação objetual, pouco contentora, não permitiu o desenvolvimento da segurança na satisfação das suas necessidades, logo, ninguém senão o próprio as pode satisfazer (Mesquita, 2013).

De salientar, que a criança é extremamente admirada pelas suas qualidades, mas pouco amada por aquilo que realmente é, e embora haja muita valorização e admiração pelas suas competências, admiração e amor não são o mesmo, não podendo uma preencher os vazios criados pela outra (Miller, 1979). Neste sentido, os

objetos externos não são reais, mas sim, resultado de projeções maciças de objetos internos não satisfatórios, a quem se deve dirigir indiferença e desconsideração. O sujeito vive num estado de *depressão falhada* (Coimbra de Matos, 1983), pois se não há amor, devido a uma falha empática, também não há possibilidade de o perder. Contudo, sabemos que estes sentimentos que lhe dirige escondem uma intensa necessidade de dependência, afeto e aceitação por parte de um outro, havendo uma procura ávida por uma nova relação restauradora. Neste funcionamento grandioso poderá haver uma maior ou menor diferenciação entre o *self* e o seu objeto, havendo uma configuração mais arcaica, onde não existe qualquer diferenciação, uma configuração onde há um reconhecimento do objeto mas apenas como uma réplica do *Eu* grandioso, e uma configuração com um maior grau de diferenciação, onde o *self* reconhece o objeto somente como meio para satisfazer as suas necessidades arcaicas (Kohut, 1977), consonante com a configuração mais *introjectiva* (Blatt & Zuroff, 2001), onde a principal preocupação é estabelecer um sentido estável de *self*, e os outros, pouco confiáveis e escassas fontes de segurança e contenção, são apenas utilizados como ferramentas narcísicas.

Já o *self idealizante* sofreu as suas falhas ao nível da valoração pois ao ser desvalorizada, a criança estagna na sua tentativa de liberdade e autonomização, pelo contrário estabelece-se uma relação de mútua dependência, onde a criança com o seu *self* diminuído acredita necessitar de objetos superiores e perfeitos para sobreviver, objetos que cumpram uma função que falta ao próprio, não sendo o outro alguém diferenciado, mas sim, alguém com quem o sujeito se relaciona para compensar aquilo que sente que lhe falta, quando na verdade é o objeto que depende profundamente do seu narcisismo. Nestes casos, a ligação ao outro não serve tanto uma função de possibilitar uma coesão do *self*, mas sim a completude de uma vivacidade, de uma alegria que falta ao próprio pela visão denegrada que tem de si. O narcisismo do próprio, resulta da ligação ao objeto perfeito, como fonte de sustentação narcísica, sendo o sentimento de inferioridade ocultado pela conexão ao objeto com os valores desejados. A ligação a este outro tem uma função de complementaridade, preenchendo os seus vazios narcísicos e conferindo ao próprio uma maior validação. Na relação objetal precoce esta complementaridade é efetuada por quem estabeleceu os vazios narcísicos primeiramente. No entanto, na vida adulta dá-se uma repetição destes padrões relacionais precocemente internalizados, uma vez que o sujeito, mesmo sem se autonomizar dos primeiros objetos, procura outros, também eles idolatrados, de quem possa depender e que possam desempenhar uma *função restauradora* (Bursten, 1986 *cit in* Mesquita, 2013).

Assim, a necessidade de um objeto bom leva à sua idealização, negando as suas propriedades más e recalçando o ódio que lhe era dirigido (Coimbra de Matos, 1983), adquirindo uma postura de passividade e submissão perante o outro, porque o que mais procura é a sua admiração e o que mais teme é perder o seu amor, sendo este um prolongamento da admiração desejada e não propriamente um sentimento nutrido pelas qualidades do outro (Coimbra de Matos, 2001). Fairbairn (1952) coloca o foco psicopatológico na dependência intensa e no amor frustrado pois, uma vez que ao interiorizar os objetos a criança se depara com cuidadores emocionalmente destrutturados, o desenvolvimento do seu mundo interno torna-se insuportavelmente doloroso, provocando a sua estagnação. A criança vê-se na necessidade de construir uma ilusão de bondade dos pais enquanto figuras reais no mundo externo, para isso cliva as suas características más e interioriza-as, passando a própria a ser portadora dessa malignidade, de modo, a manter a ilusão de bondade dos objetos parentais reais. Estando as más características alojadas internamente, estas transformam-se em maus objetos com os quais o Ego se identifica, passando a criança a ser a má e a lutar arduamente pelo amor parental. É menos assustador ter de lutar pelo amor de bons objetos que a podem proteger do mundo, mesmo tendo de ser má e incompetente, do que admitir a luta pelo amor de maus objetos que a abandonam sozinha num mundo perigoso. A criança obtém segurança externa sacrificando a sua segurança interna, uma vez que, se a malignidade está dentro de si, há a esperança de um controlo onipotente sobre a mesma. Este tipo de funcionamento, consonante com uma configuração mais *anaclítica* dada a principal preocupação com as relações, a intimidade e a profunda dependência das mesmas para se existir (Blatt & Zuroff, 2001).

O trágico é que o indivíduo que não foi amado não aprendeu a amar, e ao não saber depositar e confiar amor num outro, dificilmente se será amado, pois se a sua sede de amor é gigantesca, o seu ódio ao vínculo da relação amorosa ou a sua descrença no amor são igualmente agigantados e, conseqüentemente, destrutivos da relação pela ambivalência e depressividade ou pela perversão e deterioração. Só um verdadeiro amor, uma paixão, podem renovar o sentir conduzindo à continuidade do desenvolvimento do ser (Coimbra de Matos, 1983).

3. Como a infância deixou o adulto crescer

“ (...) De novo beijo a beijo as madrugadas, de novo seio a seio as descobertas. Alcandorada no teu corpo imenso, teço um colar de gritos e silêncios a ecoar no som dos precipícios.”

(Rosa Lobato Faria, in *Dispersos*, 1997)

Sabemos, então, que falhas graves no desenvolvimento das relações precoces podem, e na maior parte dos casos vão, condicionar o padrão relacional posterior do sujeito (Mitchell, 1988), funcionando as relações de *objeto interno* precoces perturbadas, como obstáculos ao desenvolvimento do *self*, dificultando assim, a descoberta de novos objetos que possam ser utilizados, como *objetos transformacionais*, num sentido de evolução psíquica (Bollas, 1987). Objetos estes, claro, diferentes dos *objetos internos* precoces, proporcionando uma reparação e autonomização da vida psicológica do sujeito (Mesquita, 2013), pois embora a relação interna seja modelada pela relação de objeto original, ela é potencialmente modificável pela experiência relacional subsequente (Odgen, 1994) dada a constante atualização do *self* num sentido de evolução e de aproximação à *estruturação ótima* (Atwood & Stolorow, 2014).

Contudo, este processo de amadurecimento e estruturação não ocorre de forma fácil ou automática, uma vez que exige disponibilidade do meio e do próprio sujeito, ao longo de todas as fases de desenvolvimento. Pois se à nascença existem diversos caminhos de interação com o meio, estes são tantos mais quantas as interações ao longo da vida, alargando as escolhas e as experiências de novas potencialidades (Atwood & Stolorow, 2014). Revê-se na adolescência a fase de desenvolvimento primordial para estas novas experiências por ser, precisamente, um tempo de transformação dos laços afetivos quer com os objetos de infância, com quem desenvolvem um novo equilíbrio entre a distância e a proximidade, quer com novos objetos. Evolui-se do *objeto endogâmico*, de amor cativo e narcísico para um novo *objeto exogâmico*, de amor criativo e sexual, um objeto de amor livremente escolhido, no qual o sujeito se completa e projeta. Esta evolução psíquica adquirida na nova relação e o desejo de crescer só vencem se a nova realidade for experienciada como suficientemente atrativa e compensadora da perda que ocorre na relação objetal primária. Caso contrário, vence a insegurança e o medo da perda do amor objetal, o sujeito não pode correr o risco de deixar a infância.

É nas relações amorosas com os objetos eleitos da adolescência que o narcisismo se reestrutura, através da valorização e da consolidação da autoestima. Porém, é necessário já ter sido alvo de amor, já ter experienciado amor genuíno por aquilo que se é. Pois a ausência de uma experiência criadora duma relação de amor, geradora de um bom objeto interno, impede, na fase da adolescência e, posteriormente, na fase adulta investir novos objetos (Machado, 2000). Este aumento significativo da diferenciação entre si e o outro, na fase da adolescência, permite, na presença de uma boa segurança e coesão interna, um reconhecimento das falhas parentais, permitindo ao sujeito imaginar que outras relações pudessem satisfazer

melhor as suas necessidades. Contudo, se este processo pode conduzir a uma maior agressividade, confrontação e evitamento, em relação aos pais, também pode ajudá-lo a atingir uma maior abertura e maleabilidade na avaliação das relações de vinculação. Assim, as necessidades de vinculação não desaparecem mas são, progressivamente, transferidas para novas relações, de afetos intensos, grande intimidade física e psicológica e uma componente sexual, fornecendo uma história de experiência única partilhada (Atger, 2004).

Como temos vindo a sugerir, o que construímos na infância em termos de personalidade não é totalmente fixo, podendo ser modificado por experiências posteriores, pois cada fase de desenvolvimento pressupõe uma mudança, de exigências internas e externas ao sujeito, que pode culminar num desfecho positivo de fortalecimento do Eu ou num desfecho negativo de repetição que o fragiliza (Erikson *cit in* Rabello & Passos). Neste sentido, compreendemos que a cada experiência negativa há a cristalização de um determinado padrão de funcionamento, rígido, defensivo e cada vez menos permeável, pelo contrário, a cada boa experiência, mais seguro, maleável e tolerante é o funcionamento do indivíduo. Assim, se no primeiro caso uma pequena ausência permite que o sujeito desabe emocionalmente, no segundo, a resiliência e a tolerância à frustração permitem-lhe passar por situações difíceis e mesmo assim manter a coesão. Isto porque, segundo Coimbra de Matos (1983), se num caso há uma grande reserva de amor construída pelos pais na infância, facilitando o desenvolvimento, no outro, esta reserva não foi construída ficando o sujeito como que “vazio de amor”, e só um forte amor da vida adulta o poderá preencher.

Neste estudo consideramos a faixa etária dos 18 aos 45 anos de idade, correspondente ao estágio da *maioridade jovem*, segundo o modelo psicossocial de Erikson (*cit in* Verissimo, 2012). Fase onde se pressupõe uma maturidade relacional e a possibilidade de relação com intimidade, parceria e colaboração. Caso contrário, quando o *self* não adquiriu a maturidade, a segurança e a autonomia esperadas nesta fase de desenvolvimento, espera-se um fortalecimento dos mecanismos defensivos através do isolamento e, conseqüentemente, da ausência de geração, de atribuição de significados e um sentimento de incompetência, havendo uma diminuição do outro em prol da sua valorização.

4. Quero-te por precisar-te e não por desejar-te: Necessidades de objeto do *self*

“O que me dói não é /O que há no coração/ Mas essas coisas lindas /Que nunca existirão...”

(Fernando Pessoa, in *Cancioneiro*, 1930)

O conceito psicanalítico de "necessidade" foi definido por Sandler (1987) como um desejo representado, que inclui a resposta desejada ou esperada de um outro significativo, a resposta do objeto a esse desejo. Conhecendo-se hoje as respostas a nível cerebral na presença dessa resposta ou sintonia com uma matriz externa, ou seja, as respostas corticofrontolímbicas na presença de uma expectativa interpessoal atendida (Schore, 2003).

De acordo com Kohut (1971 *cit in* Banai & Shaver, 2005) o desenvolvimento de um *self* coeso surge a partir de três eixos, o de *grandiosidade*, *idealização* e *conexão*. Explicou-nos que um sentido de *self* coeso, ou a sua ausência, desenvolve-se no processo da infância para a idade adulta, especificamente, em contexto de relações interpessoais com outros significativos. Argumenta, tal como os teóricos da teoria da vinculação, que o papel dos outros significativos, a quem chamou de *objetos do self*, é crucial na infância, quando as crianças são totalmente dependentes dos seus cuidadores e o seu *self* é imaturo e vulnerável, tornando estes significativos uma total fonte externa de coesão do *self*. No entanto, como já explorado anteriormente, nem sempre os objetos significativos proporcionam experiências e vivências adaptativas e satisfatórias à criança, despoletando, no seu desenvolvimento enquanto jovem e futuro adulto, o que caracterizou pelas três *necessidades de objetos do self*, provenientes das falhas nas funções dos três eixos: a necessidade de objetos *espelho*, de objetos de *idealização* e de objetos *gemelares*. Neste sentido, a necessidade de *espelho* é a necessidade de se ser admirado pelas suas qualidades e conquistas. Quando no período da infância, os objetos significativos não têm a capacidade de cumprir esta função de valorização e gratificação, torna-se difícil a criança, por si só, desenvolver um sentido de grandiosidade saudável, assim, na idade adulta, muito provavelmente, necessitará de se associar a outros que a admirem e a tornem grandiosa. A necessidade de *idealização* é a necessidade de criar uma imagem idealizada dos outros significativos, de modo, a experienciar os sucessos destes outros, como se fossem um bocadinho seus por associação. No desenvolvimento da infância e da adolescência é fundamental ter uma imagem idealizada de um outro, admirá-lo e sentir-se parte das suas qualidades admiráveis, de modo, a que procure realizar os seus próprios objetivos de uma forma mais securizante, a partir da internalização de determinados valores. No entanto, quando falha a possibilidade de idealização de um outro significativo, é muito difícil que ocorra a internalização desses valores, sendo as relações destes adultos uma constante procura desta função, outros que possam idealizar. Já a necessidade de objetos *gemelares* é a necessidade de se sentir idêntico a outros e de se sentir incluído nas relações com estes outros, sendo fundamental, ao

longo do processo de desenvolvimento, haver um sentido de se ser “parte do grupo”, da família, dos amigos, dos colegas, de modo, a facilitar o desenvolvimento de competências sociais, da empatia e do próprio sentido interno de pertença. Não será difícil imaginar que falhas graves no desenvolvimento deste eixo da conexão poderão levar a relacionamentos de submissão, bem como, à ausência de relacionamentos íntimos.

No fundo, quando esta autonomia não ocorre, ou seja, quando os *objetos do self* não se tornam internos e são necessários enquanto fontes externas em constante conexão, o indivíduo não desenvolve a sua capacidade de autorregulação, não conseguindo viver este outro como uma entidade separada de si. Procurará, patologicamente, novo objetos que compensem estas falhas, num processo repetitivo e não-transformador. No entanto, mesmo quando as relações com os objetos do *self* primários são deficitárias e promovem determinado tipo de necessidades internas, o *self*, devido à sua plasticidade saudável, pode procurar objetos compensadores e transformadores, no sentido da *reparação* das falhas provocadas. Estes novos objetos poderão proporcionar as condições para se desenvolver internamente, a partir do ponto em que estacou, por falta de condições relacionais (Mesquita, 2013). Assim o sentido de falha é reparado, não pela internalização do que o outro transmite, mas sim pelo seu conteúdo, pelas possibilidades que o sujeito cria a partir do conteúdo que o outro lhe transmite. De considerar sempre, o sujeito como um motor dinâmico de ação, interação, experimentação, transformação e nunca como um recetor passivo das experiências e transmissões de um outro, por mais significativo que este seja ou por mais precoce que seja a relação. Pois embora, se tenda a interpretar as novas experiências à luz do resultado emocional de experiências anteriores, nomeadamente, no que refere à falha e à negatividade da experiência afetiva, vivida precocemente, é de facto importante a necessidade e a procura constantes de uma afetividade positiva e prazerosa, que possibilitam ao sujeito a atualização do seu potencial em novos relacionamentos (Summers, 1999).

Neste sentido, o relacionamento amoroso surge como uma nova possibilidade de profunda transformação, uma vez, que promove um contexto de intimidade fértil para o desenvolvimento da vida emocional e da fantasia. Considerando, claro, relações amorosas que possibilitam a expansão do *self* e o desenvolvimento das suas potencialidades. Assim, a criatividade no amor, bem como, as possibilidades criadas neste registo de desenvolvimento do mundo relacional, potenciariam a rutura com padrões que estavam instituídos, bem como, a geração de novas formas de ser e de se relacionar, emergentes nessa nova relação de intimidade (Mesquita, 2016).

Num sentido evolutivo e integrador da relação e do amor, é necessário que desde as relações mais precoces haja a integração de elementos propiciadores de uma boa imagem de si, de coesão interna, que promova, posteriormente, na adolescência e na idade adulta, sentimentos de segurança e autoconfiança fora do seio familiar. De salientar, a importância da individuação e da diferenciação do objeto materno, inicialmente promovido pela triangulação, integrada a partir do objeto paterno, e que promove a abertura para o mundo exterior. Neste sentido, acredita-se que a ausência destes elementos, fomentadores de um supereu bem integrado e de uma harmonia interna, promovem uma *vulnerabilidade narcísica*. O sujeito narcisicamente vulnerável tem dificuldade em vivenciar o outro como separado, uma vez que precisa da sua constante função, no colmatar das falhas sentidas. O *par amoroso narcísico*, não só preencherá as falhas do desenvolvimento do *self*, como a sua presença constante promoverá a saturação do espaço mental, evitando os sentimentos de incompletude, gerados pelas feridas narcísicas. Deste modo, se o *self* se sente incompleto, procurará uma relação que lhe possibilite o sentimento de completude e uma visão mais positiva de si ou de maior coesão. Por outro lado, se o *self* já está consolidado e tem uma visão valorizada e coesa de si, a escolha do objeto amoroso será numa perspectiva de complementaridade, própria de um desenvolvimento saudável. O que se procura não é um amor igual ao vivido com os pais, mesmo que saudável, mas sim um novo amor, promotor de mudanças e que responda às exigências atuais do amor adulto. Muitas vezes o que é procurado, inconscientemente, é um amor que proporcione tudo aquilo que falhou na infância, sendo um segundo objeto parental com quem, possivelmente, irão repetir os padrões relacionais, impedindo o desenvolvimento do *self*, novamente. Na verdade, estas novas relações amorosas da adultez pretendem relacionar-se com um objeto sexual, com o qual há complementaridade e partilha de uma sexualidade madura e revigorante, propiciadora de um desenvolvimento saudável (Mesquita, 2013).

Muito do que as pessoas, geralmente, procuram nos relacionamentos de casal passa pelas experiências que os ajudam a consolidar e manter um sentido de coesão positivo. Isto é, as pessoas querem um parceiro que as faça sentir melhor, e não pior. Isso implica alguém compreensivo, positivo e assertivo, alguém que se possa admirar e em quem se possa apoiar em momentos difíceis, alguém que proporcione experiências, transformações e que ajude na integração dos afetos, alguém com quem se desenvolva um sentido de pertença. No fundo, o que se procura num parceiro é uma fonte securizante, da relação e interna. Em casais inseguros e conflituosos não há a capacidade de providenciar essas experiências, um ao outro. As falhas internas provenientes das relações precoces, estão subjacentes à maioria dos casais com

problemas relacionais. Pessoas com ausência de um sentido de identidade positivo e coeso, são extremamente dependentes dos outros e das funções que estes desempenham face às suas necessidades de objetos do *self*. São, então, mais reativas a falhas que vão ao encontro das suas necessidades, ou afetivamente mais oprimidas, ou ainda, afetivamente mais frágeis, não conseguindo ter uma resposta empática às necessidades do outro. Claro está, que quanto maiores os défices relacionais, na resposta às necessidades do outro, mais intensas essas necessidades serão e mais conflito haverá na relação (Leone, 2008).

Segundo Yalom (2016), o ser humano tem dois caminhos possíveis: ou reforça a sua autonomia através de uma autoafirmação heroica, ou procura segurança através da fusão com uma força superior. Ou se torna dono de si próprio, ou continua criança para sempre, subjogado a um outro. O que queremos salientar nesta reflexão, é pois, a capacidade transformadora da relação, das novas relações de amor, uma vez que o sujeito permanece ele próprio mas em complementaridade com um outro, nunca subjogado. Está em relação porque quer e não porque precisa.

5. Quando a infância se protege da adultez: Mecanismos de Defesa

“(...) Fingir que está tudo bem: o corpo rasgado e vestido com roupa passada a ferro, rastos de chamas dentro do corpo, gritos desesperados sob as conversas...”

(José Luís Peixoto, in *A Criança em Ruínas*, 2001)

Ter consciência destas necessidades do *self*, provenientes de falhas na relação e na internalização, enquanto representação, das funções dos *objetos do self*, pode ser extremamente perturbador para o equilíbrio e para a organização psíquica do sujeito. Então, segundo Cramer (2008 *cit in* Sala, Testa, Pons & Molina, 2015) os *mecanismos de defesa* agem enquanto processos mentais que alteram a perceção de um evento externo perturbador com o objetivo de proteger o sujeito de emoções negativas comprometedoras. Refere ainda, que estes mecanismos têm duas funções: proteger a integridade do *self* e proteger o sujeito de experienciar ansiedade excessiva. Já Freud (1894 *cit in* Freud, 2006) referiu-se a estes mecanismos como a luta do ego contra afetos dolorosos/intoleráveis. Anna Freud (2006), salienta a adaptabilidade que todos os mecanismos defensivos podem tomar, desde que utilizados de forma flexível, uma vez, que é na rigidez que surge a psicopatologia. Ihlevich e Gleser (1986), seguem também esta linha, acrescentando que os mecanismos de defesa que distorcem patologicamente a realidade, surgem quando os recursos pessoais, competências e motivações do sujeito, já não são o suficiente para

fazer face à situação. Os mecanismos de defesa, podem ainda ser encarados enquanto fortaleza num processo de regressão, para onde o sujeito regride ou fica retido, para compensar as suas necessidades a um nível de *self* mais arcaico, consoante a sua perceção de vulnerabilidade (Mesquita, 2013).

É de salientar a importância dos mecanismos defensivos integrados no padrão de funcionamento do sujeito, uma vez que, se por um lado, protegem o psiquismo das falhas relacionais precoces, não as deixando ascender à consciência, por outro, rigidificam e perpetuam esse mesmo padrão relacional. Deste modo, há uma tendência para encontrar parceiros com padrões de funcionamento muito semelhantes aos das figuras parentais, mesmo que haja uma pretensão de encontrar alguém diferente. E embora acreditemos na capacidade transformadora da relação, e do papel ativo do sujeito na decisão e ação de mudança, facto é que a modificação da estrutura de relação de objeto implicará sempre uma mudança na representação do *self* e das relações com os outros reais. Neste sentido, há muita resistência à mudança do padrão relacional com o objeto, pois esta promove autonomia e implica alterações ao nível da organização do *self*, podendo despoletar sentimentos de não-ser e ausência de sentido de continuidade do *self* (Bromberg, 2012). Esta ameaça afeta tanto o sujeito quanto maior ou menor for a fragilidade do *self* (Mesquita, 2016), assim como, tanto maior será a adaptação a um novo padrão relacional, quantos mais recursos internos e maior complementaridade tiver a relação entre o sujeito e o novo objeto.

Contudo, é necessário compreender a utilização destas defesas, não enquanto reação ao trauma do desenvolvimento, de um recipiente mal equipado, como nos diria Freud (1926), mas sim, como a adaptação possível a uma experiência de afeto intolerável. Assim, considerando uma perspectiva intersubjetiva, o conflito psicológico desenvolve-se quando os estados centrais de afeto da criança não podem ser integrados porque evocam o mal-estar maciço dos cuidadores. Tais estados de afeto não-integrados, tornam-se fonte de conflitos emocionais ao longo da vida e propiciam vulnerabilidade a estados traumáticos, porque são experimentados enquanto ameaça tanto à organização psicológica estabelecida da pessoa, como à manutenção de laços vitalmente necessários. Neste sentido, as defesas contra o afeto, tornam-se, portanto, necessárias. Além disso, a intolerabilidade a um estado afetivo não pode ser explicada unicamente, com base na quantidade ou intensidade dos sentimentos dolorosos evocados por um evento traumático. Os estados de afeto promotores de conflito interno só podem ser compreendidos em termos dos sistemas relacionais nos quais estão integrados. O afeto doloroso ou assustador torna-se traumático quando a sintonia que a criança precisa para ajudar na sua tolerância e integração está profundamente ausente. Consequente, surge a necessidade de recurso a defesas

omnipotentes que rigidificam e bloqueiam todo o sistema mental, restringindo o campo subjetivo e intersubjetivo. Nestes casos a estruturação do sentimento de *Self* está muito ameaçada e as defesas são formadas para que a todo o custo se evite o sentimento de desintegração (Atwood & Stolorow, 2014).

Estas necessidades de desenvolvimento conduzem à compensação narcísica, seja pela sobrevalorização do próprio, que se coloca numa posição defensiva de exaltação da grandiosidade, muitas vezes traduzida numa ofensiva constante ao narcisismo do outro - narcisismo agressivo. Seja pela ligação a um outro deificado que possibilite ao próprio uma autoimagem enaltecida - narcisismo libidinal (Mesquita, 2013). Neste seguimento, Blatt e Zuroff (2001), acreditam poder conceber-se duas configurações de funcionamento, que quando patológicas recorrem a determinado tipo de mecanismos de defesa rigidificados: Os indivíduos com um funcionamento *introjetivo* são mais ideacionais e mais preocupados em estabelecer, proteger e manter um conceito de *self* viável e coeso, um sentido maduro de identidade, tendo dificuldade em gerir a agressividade dirigida a si próprios ou a outros. Utilizam mecanismos de defesa de oposição, como a projeção, a racionalização, a intelectualização, a formação reativa ou a sobrecompensação, para lidar com situações promotoras de conflito. Já os indivíduos com um funcionamento *anaclítico* são mais preocupados com as questões interpessoais e de relação, apresentam dependência, em maior ou menor grau, de atenção, afeto e reconhecimento do outro. Utilizam mecanismos de defesa do tipo evitante, como a negação, o evitamento ou a repressão, para lidar com o conflito. Indivíduos com estes tipos de funcionamento, numa tentativa de compensar as suas necessidades, procuram associar-se a parceiros que cumpram uma função mais de submissão e, por isso, de exaltação das suas próprias qualidades, ou, por outro lado, parceiros que sejam eles grandiosos e que os tornem igualmente reconhecidos por associação, respetivamente.

6. O amor enquanto carrasco ou salvador do desenvolvimento do *Self*

“Para atravessar contigo o deserto do mundo/ Para enfrentarmos juntos o terror da morte /Para ver a verdade para perder o medo/ Ao lado dos teus passos caminhei...”

(Sophia de Mello Breyner Andresen, in *Livro Sexto*, 1962)

6.1. O Grupo Familiar enquanto mestre do ofício do amor

Temos vindo a refletir o desenvolvimento do indivíduo a partir das suas interações relacionais mais precoces, na díade e tríade, fundamentais ao processo de co-construção do seu *Eu*. Refletimos também acerca do desenvolvimento com os pares e do potencial que o período da adolescência poderá significar para o

fortalecimento, autonomização e descoberta de novas vias para o sujeito. Porém, antes e em simultâneo com os pares, existem experiências e valores relacionais que nos são ensinados e demonstrados através do primeiro grupo a que pertencemos: o grupo familiar. Este, para além da díade e da tríade, é constituído por outros elementos que interagem com o sujeito desde cedo, influenciando-o. Mais, entre si, estes elementos, apresentam padrões de relação que são observados e aprendidos, quer em relação à matriz relacional, quer em relação à imagem que o próprio sujeito constrói acerca de si, a partir do papel que desempenha nesse grupo.

É fundamental para a vida dos indivíduos e dos grupos o definir das suas diferenças funcionais e biológicas. As comparações, imitações, rivalidades, satisfações e desilusões de cada um constituem um processo muito significativo, na convivência entre os elementos que se empenham em encontrar a maneira de manter a sua posição individual, num mundo que pertence aos outros. As inter-relações existentes entre os grandes e os pequenos, os jovens e os idosos, os homens e as mulheres, alicerçam a descrição universal das diferenças entre cada um. Assim, a criança, define e dá sentido ao próprio papel individual, que desempenha na relação com os demais. Passa, ela própria, a ser uma influência integral que contribui para definir os papéis dos outros indivíduos que integram o seu meio social. Acredita-se que este quadro de funcionamento e adequação social não se concretiza sem uma estrutura familiar, seja ela de que tipo for. Ainda assim, a família funciona de uma forma adaptativa quando aceita as referidas diferenças individuais dos seus elementos. Caso contrário, se essas diferenças são negadas ou negligenciadas, ainda que isso ocorra por parte de um só membro do grupo, modifica-se a configuração essencial que condiciona a vida estruturada e securizante, criando-se um estado de confusão e caos (Pichon-Rivière, 2005).

Num grupo familiar disfuncional os modos de interação entre os seus membros vão-se cristalizando, quer na forma de distanciamento, ou de excessiva interferência na vida uns dos outros, formando alianças entre alguns membros, deixando outros periféricos, ou transformando-os em bodes expiatórios. Sintomas como baixo rendimento escolar, agressividade ou depressão são vistos como próprios da pessoa sintomática, e esta é vista como um caso isolado. Nesse pano-de-fundo as famílias enfermas fracassam *progressivamente no cumprimento de suas funções familiares essenciais* (Carneiro, 1983).

Neste sentido, é como se cada sujeito possuísse vozes familiares gravadas internamente, sendo diferenciadas pelo seu volume e influência. Falamos então de processos de *transmissão transgeracional* que assumem um papel fundamental no desenvolvimento dos indivíduos. É através deste “idioma” transgeracional que o sujeito

adquire muitos dos valores relacionais, bem como, algumas dificuldades e anseios dos pais, ou de outros elementos significativos (Falcke e Wagner 2005 *cit in* Costa, 2002). Também Bowen (1988 *cit in* Brown, 1999), nos fala desta internalização da família enquanto *unidade emocional*. Esta é uma *rede multigeracional* de relacionamentos que moldam a interação entre a individualidade e a proximidade. De acordo com o mesmo autor há duas variáveis que exercem influência no sistema emocional humano: a *diferenciação do self* e a *ansiedade*. A primeira refere-se à distinção de cada elemento familiar do seu sistema de origem e pode surgir em diferentes níveis, dependendo das experiências dentro desse mesmo sistema, propiciadoras a um maior ou menor grau de diferenciação e de distinção enquanto elemento individuado, enquanto, que a segunda variável (ansiedade crónica) parece ser transmitida geracionalmente, influenciando a forma como o indivíduo interpreta o mundo, bem como, reactivamente se comporta. Fraiberg (1975 *cit in* Fonagy et al, 1991) havia falado da existência, na relação de cuidar, de fantasmas do passado histórico de cada cuidador. Como se nas relações surgissem intrusos do passado que se acomodam de uma forma rígida na relação, reclamando tradição e manutenção de determinados funcionamentos (Mesquita, 2013).

Para alguns autores, a família, como grupo primário, pode ser analisada em três diferentes dimensões: a) Do ponto de vista *psicológico*, através da conduta do indivíduo em função do seu próprio meio familiar: as reações de agressão e submissão aos diferentes tipos de autoridade familiar, o impacto de novos membros na família, bem como, as suas crenças e atitudes como resultado da educação e experiências familiares; b) Do ponto de vista da dinâmica de grupo, através da avaliação de perigos externos que ameacem a felicidade da família, permitindo considerar os níveis de rigidez e de maleabilidade da família. Por fim, c) Do ponto de vista institucional, através de questões relacionadas com transformações profundas como são crises económicas ou guerras por exemplo (Kretch e Crutchfield *cit in* Pichon-Rivière, 2005).

Já para os grupanalistas psicodinâmicos da família e do casal, o funcionamento psíquico destes grupos apresenta peculiaridades que os distingue dos indivíduos isoladamente. Tanto a família como o casal são concebidos como uma estrutura própria com interações peculiares, sem desconsiderar as particularidades dos indivíduos que o compõem. Se, por um lado, o cônjuge funciona como um suporte real para o objeto interno e nele são depositados os aspetos narcísicos do sujeito, por outro, ele não é um objeto passivo e o seu funcionamento tem consequências na relação. Nomeadamente, na vida conjugal interna, Eiguer identifica três organizadores: a *escolha do objeto no momento da instalação da relação amorosa* (formação de

compromisso inconsciente enquanto função defensiva), o *Eu conjugal* (consonância dos vínculos narcísicos compostos por representações partilhadas pelos cônjuges – “*pele conjunta*” Anzieu, 1975) e a *interfantasmática* (ponto de encontro dos fantasmas individuais) (Ruffiot, 1981; Eiguier, 1984 cit in Carneiro, 1994). De salientar a transmissão transgeracional destes padrões relacionais do casal. Se o sujeito nunca experienciou uma relação amorosa, rege-se a partir das relações amorosas que conhece. Podendo vir a internaliza-las rigidamente ou desenvolver um funcionamento flexível que lhe permite vir a ter uma relação amorosa que mude a sua conceção inicial aprendida.

6.2. Relacionamentos Amorosos: O perpetuar ou a mudança?

A tecnologia em desenvolvimento tem vindo a estabelecer a presença inata do impulso para a intersubjetividade, uma vez que estes impulsos para entrar no mundo interno da experiência emocional têm-se vindo a revelar desde o nascimento (Stern, 2004). Há muito que a evolução da nossa espécie depende da capacidade de intercâmbio emocional íntimo para que os grupos humanos sobrevivessem e se multiplicassem num mundo de predadores. Sabemos que é nosso imperativo genético procurar relacionamentos emocionais íntimos uns com os outros. A ciência contemporânea acrescenta mesmo que os seres humanos são geneticamente programados para ter acesso ao que acontece na vida emocional uns dos outros (Hedges, 2012).

Neste sentido, o relacionamento amoroso surge como uma nova possibilidade de profunda transformação, na medida em que se insere num terreno de intimidade fértil para o desenvolvimento da vida emocional e da fantasia, considerando relações amorosas que possibilitem a expansão do *Self* e o desenvolvimento das suas potencialidades. Assim, olhamos o relacionamento amoroso como tendo a potencialidade essencial de facilitar o desenvolvimento do mundo relacional de cada elemento do par relacional. Consideramos que a criatividade no amor se refere à possibilidade de romper padrões instituídos e gerar novas formas de ser e de se relacionar, emergentes nessa nova relação de intimidade.

Contudo, só é possível ir ao encontro do outro quando a ligação não é sentida como fusão, quando não ameaça o sentimento de estar separado e a integridade de cada elemento, o que só é possível quando o *self* se constituiu como seguro e coeso. Caso contrário, o sujeito entra num *dilema claustro-agarofóbico* (Mollon, 2006), oscilando entre receios de fusão e de isolamento, nem muito íntimo nem ausente, de forma a possibilitar uma ilusão de coesão e estabilidade do *Self*. Assim, considera-se que a qualidade da intersubjetividade na relação amorosa estará sempre dependente

do grau de coesão e sentimento de estabilidade do *Self* de cada elemento da relação (Mesquita, 2013).

Sabemos então que existem relações que impedem a evolução num sentido de desenvolvimento, pois estreitam o *Self* e mantêm o indivíduo na repetição. O problema da repetição é que implica o perpetuar de aspetos relacionais que não são favoráveis ou adaptativos ao desenvolvimento. Forma-se um padrão relacional, de sucessivas experiências que provocam um sentimento de falha no amor, um eterno desamor. A impossibilidade de realização e crescimento fazem ressurgir, vezes e vezes, o mesmo conjunto de emoções e de sentimentos desagradáveis que não permitem o *Self* desabrochar, criando-lhe um enorme sofrimento. A repetição, também vista como estagnação, mantém a representação do *self* e dos objetos internos, numa ilusão de segurança e coesão, fazendo o sujeito agarrar-se-lhe como que uma prancha de salvamento. A repetição surge como forma de dar significado ao momento presente (Mesquita, 2016).

Contrariamente, outros relacionamentos amorosos existem em que os parceiros se escolhem por contrasseleção. A escolha recai sobre um parceiro(a) contrário ao objeto com quem se teve uma relação mais conflituosa, quando os conteúdos conflituais são conscientes ao sujeito. Porém, poderá resultar numa escolha de duplo efeito, uma vez que apenas se têm em consideração as características que distinguem o novo objeto do anterior, sem atender à totalidade da sua personalidade. Assim, muitas vezes, a relação resulta num vazio, pois foi uma escolha feita pela restrição e não pelo verdadeiro *Eu* do outro, acabando por não proporcionar uma relação nova e criativa, passível de transformação e mudança dos padrões internos e de relação. Nestes casos, a relação parece ter apenas uma *função corretora* das falhas sentidas nas relações com os objetos primários, o que enfraquece o amor e o condiciona na sua função revitalizadora de complementaridade e desenvolvimento do *Self* (Mesquita, 2013). Já Abraham (1913 *cit in* Bergmann, 1987) reportara que alguns homens evitavam mulheres que lhes lembrassem a mãe ou as irmãs, definindo esta escolha como “*exogamia neurótica*”, escolhendo objetos de amor o mais distantes possível da família, sendo no fundo uma escolha profundamente *endogâmica*, sem possibilidade de uma relação de troca madura e de reciprocidade.

Estudos recentes, mostraram que há, efetivamente, uma relação negativa entre a negligência emocional da criança e a satisfação nos *relacionamentos amorosos*, altamente mediada pelo autocriticismo e pelo apego/vinculação deficitários. As relações precoces perturbadas estão associadas a elevado autocriticismo (Pagura *et al.*, 2006 *cit in* Lassri, Luyten, Cohen & shahar, 2016). Presumivelmente, como resultado da internalização de uma perspetiva negativa do *self* e dos outros (Sachs-

Erikson *et al.*, 2006 *cit in* Lassri, Luyten, Cohen & shahar, 2016), bem como, da dificuldade da criança compreender o comportamento abusivo, internalizando uma atitude crítica acerca de si. Há, então, uma perpetuação da internalização do desejo e da culpa, acabando por ser redirecionados para o próprio, adotando um mecanismo de defesa de *“turning against the self”*, como forma de sentir controle sem ter de reconhecer as falhas dos objetos do *self*. Assim, não é surpreendente que indivíduos autocríticos tendam a acreditar que os outros não são confiáveis (Fonagy, Luyten & Allison, 2015 *cit in* Lassri, Luyten, Cohen & shahar, 2016), enfatizando a autoestima e realização, em detrimento de relacionamentos interpessoais, seguindo portanto, uma linha mais *Introjetiva* (Blatt & Zuroff, 2001).

Sabe-se que nem sempre o percurso de desenvolvimento do sujeito lhe proporcionou experiências positivas e adaptativas no que refere ao relacionamento íntimo com o outro. Geralmente, é isso que se procura no outro amoroso, experiências positivas, passíveis de transmitir segurança e coesão, alguém compreensivo e positivo em quem se possa encontrar apoio e que seja uma fonte de integração de afeto. Alguém que se possa admirar, alguém em quem se encontre algum sentido de semelhança e de pertença, permitindo estabelecer uma relação de *objeto do self*, confiável. A maior parte dos casais em conflito estão envolvidos em questões de desapego, pois um dos parceiros ou ambos não cumprem a função de *objeto do self*, como o outro necessita (Leone, 2008). Já alguns autores se haviam referido às relações amorosas como espelhamentos do *self* no outro. Assim, o objeto de amor seria uma personificação da imagem idealizada do *self*, tendo uma função reguladora da autoestima ao evidenciar a sua importância, por ser amado por um outro idealizado. Embora em todas as relações amorosas este aspeto possa estar presente de uma forma saudável e adaptativa, noutras situações o que se encontra é uma exagerada dependência desta função reguladora e organizadora do *self*, facultada pelo outro (Rank, 1941 *cit in* Atwood e Stolorow, 2004). Esta *incompletude narcísica* determina que o objeto seja muitas vezes vivenciado como um fragmento do indivíduo, e a sua ausência poderá provocar sentimentos de vazio e depressão intoleráveis, como se desaparecesse parte de si próprio (Mesquita, 2013).

Surgem, então, tipos de relacionamento amoroso que decorrem das necessidades narcísicas, emergentes do sentimento de vulnerabilidade narcísica do *self*, sendo postas em prática modalidades funcionais que têm como objetivo uma reparação do que ficou retido em termos de desenvolvimento do *self*, visando uma coesão ou uma visão mais positiva. Nestes tipos relacionais, o outro está no lugar da função, desempenha uma função que falta ao próprio, não ocupando um lugar diferenciado da ordem da complementaridade. São relações com funções *pseudo-*

narcisantes com a finalidade de diminuir a vulnerabilidade narcísica: a) *Relacionamento amoroso tipo Submisso-Idealizador*, “Se eu soubera que morrendo tu me havias de chorar, por uma lágrima tua que alegria me deixaria matar” (Fado lágrima de Amália, citado por Mesquita, 2013, pp. 163); Neste tipo de relacionamento os sujeitos parecem confundir relação objetal com dependência, passando a procurar no outro, admiração ao invés de amor. Assim, esperam que ao submeter-se sejam admirados de alguma forma, pois no fundo, suportarão tudo para não perder o amor do objeto. O sujeito ama na esperança de ser admirado (Coimbra de Matos, 2001). Trata-se de um *masoquismo ilusoriamente compensatório* (Mesquita, 2013), uma vez que o indivíduo se coloca numa situação de admissão total do que outro lhe possa fazer, criando a ilusão de que aguenta tudo o que de mal vem dos outros. Deste modo, compensa-se narcisicamente, pois mascara a fragilidade com a sua posição de submissão. Contudo, a grande dificuldade em impor limites na relação, permite o desrespeito e evidencia os seus sentimentos de desvalorização e inferioridade. O principal objetivo deste tipo de funcionamento é fugir da vergonha e como tal, liga-se a objetos que desempenham uma função restauradora dessa fragilidade narcísica, de forma excessivamente dependente. Zimerman (2004) referiu-se a *fetiches substitutos*, considerando estes aspetos que possibilitam que o sujeito esconda a sua verdadeira essência, criando uma vida ilusória com base num *falso self*. b) *Relacionamento amoroso tipo Eufórico-Idealizante*. Neste tipo de relacionamento parece haver relação com a não-integração das angústias esquizo-paranóides e, como tal, da não integração das ansiedades de infância, não sendo possível atingir a *posição depressiva*. Assim, surge a necessidade de criar refúgios dos objetos internos e externos, vistos como responsáveis pela ansiedade insurgente e desorganizadora. São relações mediadas pela inveja e pela agressividade face ao objeto, contentor do que falta ao próprio passando a ser objetivo danificar o que o outro tem de bom (fonte da inveja). Segundo Bion (1963), trata-se de uma função de *rêverie* invertida, onde o sujeito, ao ter sentimentos de inveja para com o objeto, suga tudo aquilo que ele tem de positivo e devolve apenas coisas más, despojando-o. Coimbra de Matos (2002) designa estes sujeitos de *perversos narcísicos*, pois vivem do ataque ao narcisismo alheio. Destroem o narcisismo do outro pois este aumenta o sentimento de inferioridade do próprio. Assim, o outro deve ser um *objeto gémeo* (Kohut, 1977) do sujeito, de modo a ficarem em pé de igualdade e não evidenciar as qualidades do outro e as inferioridades do próprio, sendo investido à sua imagem – *identificação projetiva* (Klein cit in Seligman, 1999). São sujeitos que embebidos nos seus sentimentos de inveja, vingança, vergonha e um profundo medo do abandono, pretendem infligir nos outros as suas feridas narcísicas de infância, que no fundo

temem voltar a sofrer. O outro, puro objeto para servir uma função, serve então para que o próprio se possa exibir, quer por denegrir a imagem do outro, quer por se “transformar” num objeto de desejo (“*não me amas mas desejas-me*”). Contudo, o interesse no objeto desaparece com a sua proximidade, optando por não se envolver afetivamente: o seu interesse desvanece como desvaneceu o interesse do objeto precoce por si. Assim, considerando a insuportabilidade de uma relação de envolvimento íntimo, há uma constante mudança de relação e, conseqüentemente, de objeto. c) *Relacionamento tipo Evitante-Desnarcisante*. Este tipo de relacionamento caracteriza-se, essencialmente, pela negação (evitamento) intensa da necessidade de ligação ao objeto. O sujeito funciona ativamente num ataque a tudo o que signifique vínculo, culminando num bloqueio afetivo e num vazio interior, bem como, numa incapacidade significativa das funções cognitivo-reflexivas, incapazes de elaborar determinado tipo de pensamentos, como se o *self* tivesse sido impedido de se desenvolver por ausência de determinado tipo de interações. O sujeito fica imerso em emoções que precisariam de ser transformadas por meio da função *alfa*, que lhe faltou nas relações privilegiadas da infância, e que nunca encontraram um objeto que o fizesse. Para estes indivíduos, os sentimentos e emoções despoletados numa relação de intimidade são como um reviver de experiências e fantasias precoces, que ameaçam o ressurgir de configurações vinculares avassaladoras. Rejeitar e evitar a relação surge como uma estratégia de sobrevivência, pois a vivência de intimidade é como que um assombro de desaparecimento do próprio no outro. Criam, ilusoriamente, uma salvação através de um refúgio narcísico, uma vez que mascaram a sua fragilidade por detrás de um falso *self* grandioso. Assim, enaltecem-se na sua “independência total” do outro, desprezando-o e fazendo-o crer que está sob o seu poder. Há uma tentativa de destruição do outro pois, contrariamente ao funcionamento anterior, neste, o indivíduo ataca narcisicamente o outro por lhe ver aquilo que mais odeia em si próprio, tal como o seu objeto da infância odiou em si, tratando-se da manifestação de um narcisismo persecutório.

Por sua vez, a relação amorosa madura implica um sistema aberto de *complementaridade desejante* e com *abertura à inovação* (Coimbra de Matos, 2009), onde existe renovação de afetos promotores de desenvolvimento do casal e de ambos os indivíduos. A diferença será aquilo que complementa o outro sem que seja sentida como uma ameaça ao seu *self*. A diferença do outro, em conjunto com a relação de intimidade e o uso criativo da mesma, promovem a capacidade de desenvolvimento e transformação dos sujeitos (Mesquita, 2013). Deste modo, a cada momento existe o potencial para (re)organizar expectativas de intimidade, confiança, mutualidade, reparação de ruturas, bem como, para desconfirmar expectativas arcaicas rígidas

(Beebe e Lachmann, 2003; 2014). Diz-nos o modelo da união parental, que num casal, duas pessoas unem-se e constroem uma imagem do outro, com traços reais e com representações, e cada um vai transformar o seu comportamento para corresponder às expectativas que o parceiro tem de si, expectativas quer realistas, quer idealizadas, como se fossem o espelho das expectativas um do outro, construindo-se em conjunto numa união. Em relação a esta imagem que um parceiro tem do outro, há determinadas representações, naturalmente erróneas, e que acabam por desaparecer, enquanto outras, são especialmente queridas à construção do casal e mantêm-se. Bem como, há traços realistas que contribuem para a aproximação e fusão do casal, enquanto outros fomentam a individualidade de cada um (Coppolillo, 1987). *“A relação é dialética - intersubjetiva e intrasubjetiva: duas mentes em uma mente – pontos de fusão e arcos de defusão que alimentam o crescimento e estruturam a diferença; cada um modela o outro enquanto é por ele modulado...”* (Coimbra de Matos, 2012, pp.165/66). No fundo, a experiência de estar vivo enquanto sujeito depende do sentimento de ser amado. Estando dentro do objeto (e de si mesmo) pode viajar pelo exterior sem correr o risco de perder o vínculo ou o sonho.

Parte II – Estudo Empírico

Metodologia

1. Delimitação do Tema

1.1. Pertinência do Estudo

A pertinência deste estudo prende-se com o facto de, embora se estudem há bastantes décadas as relações de objeto interno mais perturbadas e as suas, possíveis, consequências no desenvolvimento do *self*, pouco se fala da sua contribuição para adoção de determinados mecanismos de defesa resultantes das necessidades de objeto do *self*, e ainda, como os mecanismos de defesa utilizados e determinadas configurações de funcionamento intersíquico e intrapsíquico podem ter influência na escolha do par amoroso, na vida adulta. É claro que já há muito se fala dos padrões/matrizes relacionais, consequência das experiências precoces com os objetos do *self* (Winnicott, 1965; Mitchell, 1988; Atwood & Stolorow, 2014), ainda assim, pretende-se contribuir com uma nova perspetiva, esperando encontrar-se relações entre os três grandes eixos deste estudo: Relações de objeto internas, mecanismos de defesa e relacionamentos amorosos.

1.2. Formulação do Problema de Investigação

Seguindo a linha orientadora da revisão de literatura, sabe-se que as figuras significativas precoces têm um papel fundamental na co-construção do *self* do sujeito (Beebe, Jaffe & Lachmann, 1992; Mitchell, 1988; Summers, 2013). Estas figuras, embora possam propiciar um desenvolvimento saudável e adaptativo às suas condições de vida (Demos, 1992; Mesquita, 2016), também podem promover a internalização de representações menos favoráveis ao desenvolvimento do *self*, nomeadamente, um padrão de funcionamento interno vulnerável e defensivo que poderá influenciar as relações futuras (Kohut, 1977; Summers, 2012). Neste sentido, e tendo em conta a problemática em estudo, questiona-se se existe uma relação entre as falhas ao nível do desenvolvimento do *self*, os mecanismos defensivos utilizados para tornar a vivência do sujeito o mais adaptativa possível, dentro da rigidez da falha, e a procura de figuras amorosas que se encaixem neste perfil, de modo, a que se possam identificar padrões gerais de funcionamento.

1.3. Objetivo Geral do Estudo

De acordo com a revisão de literatura, o objetivo geral desta investigação passa por avaliar a estrutura interna de relação dos sujeitos, proveniente das relações objetais significativas da infância e sua internalização, nomeadamente as suas necessidades do *self* e os mecanismos de defesa que utilizam, de modo, a que com a reflexão que se propõe, se possam constituir novos fundamentos para uma intervenção adequada que permita compreender se há, ou não, uma relação entre determinados funcionamentos e a escolha do par amoroso da vida adulta.

1.4. Objetivos Específicos do Estudo

Atendendo ao objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos que servirão de orientação à presente investigação: **a)** Verificar possíveis relações entre determinadas características sociodemográficas e padrões relacionais provenientes de relações objetais perturbadas; **b)** Verificar a relação entre as representações parentais e as necessidades de objeto do *self*; **c)** Verificar quais as correlações entre as representações parentais e os mecanismos de defesa adotados; **d)** Investigar a relação entre determinados mecanismos de defesa e o tipo de relação amorosa escolhida na idade adulta; **e)** Investigar a relação entre determinadas necessidades de objeto do *self* e o tipo de relação amorosa escolhida na idade adulta; **f)** Verificar se há uma relação direta entre as representações parentais e a escolha do par amoroso.

1.5. Questões de Investigação

Tendo em conta a formulação dos objetivos específicos, desenvolveram-se as seguintes questões ou hipóteses de investigação, que irão nortear todos os processos do estudo:

1. Existe relação estatisticamente significativa entre o Número de relações amorosas e a Representação da infância?
2. Existe relação estatisticamente significativa entre o Nível de escolaridade e a Representação da infância?
3. Existe relação estatisticamente significativa entre a Representação da infância e a Representação de estilos parentais perturbados?
4. Existe relação estatisticamente significativa entre a Representação da infância e a Necessidade de objetos do *self*?
5. Existe relação estatisticamente significativa entre as Representações dos estilos parentais e os Mecanismos de defesa adotados?
6. Existe relação estatisticamente significativa entre a Necessidade de objetos do *self* e os Mecanismos de defesa adotados?
7. Existe relação estatisticamente significativa entre a Representações dos estilos parentais e o Tipo de relacionamento amoroso adotado na vida adulta, para ambos os géneros?
8. Existe relação estatisticamente significativa entre a Necessidade de objetos do *self* e o Tipo de relacionamento amoroso adotado na vida adulta, para ambos os géneros?
9. Existe relação estatisticamente significativa entre os Mecanismos de defesa adotados e o Tipo de relacionamento amoroso adotado na vida adulta, para ambos os géneros?

2. Procedimento

2.1. Desenho do Estudo

Esta investigação enquadra-se num contexto de estudo epidemiológico, dada a sua natureza de análise da relação entre as variáveis, a partir da construção de hipóteses, bem como, a sua validação, ou não, à luz da questão de investigação.. É um estudo de carácter *quantitativo*, uma vez que se foca na mensuração e análise de um número alargado de dados, recolhidos através de questionários estruturados de resposta objetiva, sem interferência do investigador e passíveis de generalização, *descritivo-correlacional*, dado que procura especificar as propriedades importantes do grupo estudado, procurando relações entre variáveis, com o objetivo de as descrever e

associa-las a um fenómeno (Fortin, 2009), e *transversal*, dado que os instrumentos de avaliação são aplicados num único momento, não definido no tempo (Hochman, Nahas, Filho, & Ferreira, 2005). Assim, este estudo tem como objetivo metodológico, a recolha, análise e interpretação da relação e influência entre as variáveis, de modo, e com base numa fundamentação teórica consistente, a identificar determinados padrões de funcionamento provenientes da construção e desenvolvimento do *self* no âmbito das relações, nomeadamente das relações amorosas.

2.2. População e Amostra

Face aos objetivos de investigação já explicitados, considerou-se que o estudo deveria ser dirigido a uma população-alvo *finita* (Pocinho, 2014), cujos critérios de inclusão (e conseqüentemente de exclusão) para constituição da amostra e participação no estudo (Robinson, 2014), foram definidos como: **(1)** ter uma idade compreendida entre os 18 e os 45 anos, **(2)** ter mantido ou manter uma relação amorosa, e **(3)** ter nacionalidade portuguesa. Utilizou-se o procedimento de *amostragem não-probabilística*, dado que nem todos os elementos da população tinham a mesma probabilidade de pertencer à amostra, foram selecionados pela sua *conveniência* para o investigador, funcionando como uma amostragem de efeito *snowball*, visto que através dos elementos selecionados por conveniência se chegou a elementos mais inacessíveis (Marôco, 2014), de forma, a permitir o acesso ao maior número de participantes possível, garantindo uma maior validade externa dos resultados obtidos (Shadish, Cook & Campbell, 2002). A amostra constitui-se inicialmente por 157 questionários ($N=157$), 64 preenchidos em papel, dos quais nenhum foi excluído, e 93 foram preenchidos *online* na plataforma *Google Drive*, sendo que destes foram excluídos 20 por incorreções no preenchimento, obtendo-se no final uma amostra de 137 sujeitos ($N=137$).

2.3. Instrumentos

Considerando os objetivos teóricos deste estudo, os dados serão recolhidos utilizando os seguintes instrumentos: *Questionário Sociodemográfico* (QSD) para caracterizar os sujeitos inquiridos, que indica: sexo, idade, nível de escolaridade, profissão, se têm, ou não, uma relação amorosa, quantas relações amorosas já tiveram, qual a duração média das mesmas e a adjectivação da sua infância, indicando a sua representação da mesma através das opções de resposta “A melhor”, “Feliz”, “Pouco Significativa” e “Conturbada” (Anexo x), sendo um questionário de tipo fechado e direto, uma vez que permite uma comparação precisa de respostas, sem interferências intersubjetivas, e facilita o tratamento estatístico dos dados (Nogueira, 2002). O *Inventário de Memórias de Infância* – EMBU-Versão Reduzida (Arrindell, et al., 1986), aferido para a população portuguesa por Canavarro (1996), sendo essa a

versão utilizada, avalia a recordação da frequência com que ocorreram determinadas práticas educativas, durante a infância até aos 16 anos, em relação ao pai e à mãe separadamente. A sua versão original contava com 81 itens agrupados em 15 dimensões de práticas educativas, já a versão reduzida, utilizada, é constituída por 23 itens, os quais são respondidos numa escala tipo *Likert* com quatro opções de resposta (1 = não, nunca; 2 = sim, ocasionalmente; 3= sim, frequentemente; 4 = sim, a maior parte do tempo), que se enquadram em 3 dimensões: *Suporte Emocional* (itens: 23,19,14,12, 9,6,2), *Sobreproteção* (itens: 20,18,17,11,8,5,1) e *Rejeição* (itens: 22, (21),16,15,13,10,7,4,1). De salientar que os itens são iguais para pai e mãe com a exceção do item 21 que não é considerado no pai, por o item não apresenta níveis de consistência interna razoáveis, já o item 17 deve ser cotado como sendo um item invertido. A cotação neste inventário é obtida através do somatório dos itens de cada fator/dimensão. Considerando os valores psicométricos na análise da consistência interna, os valores de *Alpha de Cronbach* sugerem um nível de consistência interna abaixo do desejado (0.54 [Pai], 0.66 [Mãe]), no entanto, a estrutura multifatorial deste inventário pode subestimar a questão da fiabilidade dos itens (Maroco & Garcia-Marques, 2006). No presente estudo, sugere-se, no geral, um bom nível de consistência interna, salvo um dos fatores: Fator Suporte Emocional (0.894 [Pai], 0.834 [Mãe]), Fator Sobreproteção (0.534 [Pai], 0.696 [Mãe]), Fator Rejeição (0.724 [Pai], 0.840 [Mãe]). O *Inventário de Necessidades de Objetos do Self –SONI* (Banai, Mikulincer & Shaver, 2005) aferido para a população portuguesa por Mesquita (2011), tem por base a teoria de Kohut (1977) e, como tal, avalia as dimensões de Necessidade de Objetos do *Self*, em 38 itens distribuídos por 5 fatores, sendo respondidos numa escala tipo *Likert* de 7 pontos (1= Completamente em desacordo; 7= Completamente de acordo). O 1º fator corresponde à *necessidade de objetos do self gémeos* (8 itens), o 2º fator corresponde ao *Evitamento da necessidade de objetos do self idealizados e gémeos* (11 itens), o 3º fator corresponde à *necessidade de objetos do self idealizados* (7 itens), o 4º fator corresponde à *necessidade de objetos do self espelho* (6 itens) e o 5º fator ao *Evitamento da necessidade de objetos do self espelho* (6 itens), sendo a cotação deste inventário obtida através da média de cada fator. No que refere à consistência interna do instrumento utilizado, os valores do *alfa de cronbach* variaram entre 0.65 e 0.83 revelando uma consistência interna razoável. No presente estudo, o cálculo do *Alpha de Cronbach* dos fatores desta prova, sugere, no geral, um bom nível de consistência interna: 1º Fator (0.833), 2º Fator (0.841), 3º Fator (0.714), 4º Fator (0.717), 5º Fator (0.693); o *Inventário de Mecanismos de Defesa-DMI* (Gleser & Ihilevich, 1969), aferido para a população portuguesa por Justo (2009), sendo esta a versão utilizada, procura saber quais os mecanismos de defesa

utilizados pelo sujeito em diversas situações. Composto por 10 vinhetas com 5 opções de resposta cada uma, onde o sujeito se coloca perante as situações optando pela resposta *mais perto* (M) e *mais longe* (L) do seu comportamento, num total de duas respostas por cada vinhetas. Obtêm-se resultados em 5 escalas: *Turning against object* (TAO), *Turning against self* (TAS), *Principalization* (PRN), *Projection* (PRO) e *Reversal* (REV), sendo que, em cada vinheta existe uma opção de resposta correspondente a cada escala. O sistema de cotação desta prova funciona através de grelhas para cada uma das escalas, onde se observa a correspondência entre as respostas do sujeito e as opções correspondentes a cada escala, posteriormente essa correspondência será cotada através de um conjunto de cálculos que fornecerá a compilação das respostas M com as respostas L, construindo um determinado perfil de funcionamento. No que refere à consistência interna do instrumento utilizado (Justo, Melo & Ferreira, 2010) tendo em conta a existência de uma versão feminina e de uma versão masculina na aferição portuguesa, os valores do *alfa de cronbach* na versão feminina foram 0.846 para a TAO, 0.728 para a PRO, 0.774 para a PRN, 0.755 para a TAS e 0.814 para a REV, já para a versão masculina os valores da consistência interna foram 0.860 para a TAO, 0.705 para a PRO, 0.741 para a PRN, 0.745 para a TAS e 0.810 para a REV, revelando uma boa consistência interna para ambas as versões, mantendo-se assim no presente estudo; e o *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso-ITRA*, inventário desenvolvido e aferido para a população portuguesa (Mesquita, 2011), que pretende avaliar o tipo de relacionamento amoroso que se constitui a partir de vulnerabilidades narcísicas do *self*. É composto por 53 itens, que se enquadram em 3 escalas indicadoras do tipo de relacionamento amoroso: *Submisso-idealizador*, *Eufórico-idealizante* e *Evitante-desnarcisante*, e são classificados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = “Pouco típico do meu comportamento” e 5 = “Muito típico do meu comportamento”). O sistema de cotação desta prova é realizada através da média dos itens de cada escala, sendo que, resultado igual ou superior a 3 sugere que o sujeito se inclua nesse tipo de relacionamento. No que refere à consistência interna esta demonstrou-se boa, visto que os valores do *alfa de cronbach* foram de 0.794 para o tipo de relacionamento amoroso *submisso-idealizador*, 0.828 para o *eufórico-idealizante* e 0.824 para o *evitante-desnarcisante*. No presente estudo, sugere-se um bom nível de consistência interna uma vez que no 1º fator se calculou um *alpha* de 0.830, no 2º fator um *alpha* de 0.777 e no 3º fator um *alpha de cronbach* de 0.798.

2.4. Procedimento da Recolha de Dados

No que refere à recolha dos dados, esta foi realizada através de dois procedimentos: a aplicação dos questionários em formato papel, e a aplicação dos

mesmos questionários em formato *online*. Os questionários em papel foram aplicados presencialmente em duas turmas de psicologia, da Universidade de Évora (UÉ) e da Universidade de Lisboa (ULisboa), sendo turmas de 1º e 2º ano respetivamente, foram também distribuídos questionários em papel no *Call Center* da Fidelidade de Évora, bem como, a amigos e seus familiares. Já os questionários online (através da plataforma *Google Drive*), foram partilhados na página de *facebook*, onde qualquer pessoa, dentro dos critérios de inclusão, poderia responder e difundir o *link* do questionário, chegando ao máximo de pessoas possível, de diferentes faixas etárias, profissões e realidades. O período de coleta dos dados para a amostra decorreu desde Novembro de 2016 até Maio de 2017.

2.5. Procedimentos Éticos e Deontológicos

Esta investigação foi realizada de acordo com os princípios éticos e deontológicos, sugeridos pela *American Psychological Association* (APA, 2003) e pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (Regulamento nº 258/11, de 20 de abril), para uma correta execução de investigação em Psicologia. Neste sentido, junto a cada um dos questionários foi anexado um termo de consentimento informado (Anexo ...) onde, antes do preenchimento, os participantes tiveram acesso: **a)** à identificação da investigadora, ao seu curso e ao âmbito académico em que o estudo é realizado, **b)** a um breve esclarecimento acerca dos objetivos da investigação, **c)** indicação quanto aos critérios de participação, **d)** esclarecimento quanto à natureza voluntária da participação no estudo e da possível desistência a qualquer momento sem prejuízo, **e)** indicação da confidencialidade e anonimato do tratamento de todos os dados, **f)** esclarecimentos acerca do correto preenchimento dos questionários, **g)** agradecimento pela participação, **h)** espaço para indicação da possível concordância na participação declarando a tomada de conhecimento de todos os procedimentos desta investigação e indicação da data em que se realizou a colaboração no estudo. Todas as questões colocadas acerca do preenchimento e eventuais dúvidas acerca de determinados conceitos foram devidamente esclarecidas, quer no preenchimento presencial, quer no preenchimento *online*. Neste contexto de interação com os participantes, muitos apresentaram algum descontentamento quanto à extensão dos questionários e o tempo investido no seu preenchimento, do mesmo modo, muitos participantes manifestaram o seu interesse no tema e no preenchimento de determinadas escalas, de salientar a perceção de desestruturação de alguns participantes no momento do preenchimento da escala Embu.

2.6. Procedimentos do Tratamento dos Dados

Todos os dados recolhidos nesta investigação foram compilados numa base de dados e tratados informaticamente, num programa criado para a análise de dados

quantitativos, o *software Statistical Package for the Social Sciences (IBM.SPSS)* versão 21. Foram exportados os dados de 87 sujeitos que responderam *online* na plataforma *Google Drive*, bem como, introduzidos, manualmente, os dados de 64 sujeitos que responderam em papel. Todos os dados foram introduzidos diretamente das respostas dadas pelos participantes, exceto as respostas dadas na escala DMI, cotadas individualmente para a possível inserção dos resultados gerais de cada participante, e só depois inseridas no *software*. Todas as respostas dadas numa medida nominal foram transformadas em medidas ordinais para a sua possível análise no programa informático, como foi o caso das variáveis: “Sexo”, “Encontra-se numa relação?”, “Qual a duração média das suas relações?”, e “Complete a frase: A minha infância foi...”. Por fim, os dados foram tratados e analisados através dos métodos estatísticos descritos no ponto que se segue.

2.7. Procedimentos da Análise Estatística dos Dados

Considerando as questões de investigação anteriormente desenvolvidas e a natureza quantitativa do estudo, o tratamento estatístico dos dados baseou-se em quatro grandes linhas de atuação, de modo a explorar o máximo possível dos dados:

- ❖ Análise Descritiva da Amostra, com descrição e sumarização das características amostrais, através de frequências e respetivo valor percentual, medidas de localização, medidas de dispersão e medidas de assimetria e achatamento, consoante a natureza das variáveis;
- ❖ Análise Descritiva dos Instrumentos, de modo a sintetizar as informações fornecidas pelos instrumentos acerca dos participantes que a eles responderam, através de medidas de localização, medidas de dispersão, frequências e respetivo valor percentual;
- ❖ Análise Inferencial, foram levados a cabo testes de hipóteses para melhor compreender de que forma determinadas variáveis que se destacaram nesta amostra, se comportam na presença de outras variáveis, através de testes estatísticos como *t-Student*, *ANOVA*, *Brown-Forsythe* e *Tukey HSD*;
- ❖ Análise Correlacional/Associação, de modo a analisar as associações entre as diversas variáveis em estudo, e com o objetivo de compreender a intensidade e direção da relação entre elas, através de medidas como o Coeficiente de Contingência (*C*), Chi-quadrado de *Pearson* (χ^2) e Coeficiente de Correlação de *Pearson*, consoante a natureza das variáveis.

❖ Análise de Regressões, no sentido de compreender que variáveis mais influenciam a escolha de relacionamentos amorosos desajustados, realiza-se a análise de regressões de modo a selecionar as variáveis que mais fortemente os influenciam, bem como, os seus comportamentos na presença ou ausência de outras variáveis. Deste modo, realizam-se regressões lineares simples e regressões lineares múltiplas.

Resultados

Análise Descritiva da Amostra

A amostra é constituída por 137 participantes, sendo que 108 (78.8%) são do género feminino e 29 (21.2%) do género masculino (Tabela 1 – Anexo ii).

No que refere à idade dos participantes, a amostra é constituída por sujeitos dos 18 aos 45 anos, sendo a média de idades de, aproximadamente, 26 anos e o seu desvio padrão de 7.926. A mediana situa-se nos 24 anos e a moda nos 19 anos, havendo uma frequência de 21 sujeitos com esta idade. No que refere às medidas de assimetria e achatamento, verifica-se uma distribuição assimétrica positiva ($G = 4.71$, $G > 1.96$) e platicúrtica dos dados ($K = 1.26$, $K < -1.96$). O que demonstra uma predominância de valores próximos das idades mais novas, mas com alguma dispersão dos dados para os extremos (Tabela 2 – Anexo ii).

No que refere à escolaridade (Tabela 3 – Anexo ii) e profissão dos participantes da amostra, também se verificou uma maior concentração dos dados numa das opções de resposta. Quando questionados acerca da escolaridade 47,4% dos participantes tem o ensino secundário e 35.8% tem licenciatura, havendo apenas 1 doutorado. Quando questionados acerca da profissão 55.5% dos participantes são estudantes do ensino superior, embora os restantes 44.5% apresentem uma grande diversidade de atividades laborais (Figura 1 – Anexo ii).

Relativamente às variáveis que dizem respeito às frequências das relações amorosas, estas permitem-nos verificar que 69.3% dos participantes se encontram de momento numa relação amorosa, sendo a maioria dos participantes. Quanto ao nº de relações que os participantes já tiveram na sua vida, 72.4% destes tiveram de uma a três relações amorosas e em média a sua durabilidade é de anos (65%) (Tabela 4 – Anexo ii).

Já no que refere à representação que os participantes têm da sua infância, verifica-se que a maioria dos participantes tem uma representação positiva da sua infância, já que 62.8% a consideram “Feliz” e 15.3% a consideram “A Melhor”. Porém,

grande parte dos participantes (18.2%) considera que a sua infância foi “Conturbada” e bastante poucos (3.6%) a consideram “Pouco Significativa” (Tabela 5 – Anexo ii).

Análise Descritiva dos Instrumentos

EMBU

A presença de uma representação negativa ou de falha das práticas educativas parentais, até aos 16 anos de idade, existe quando a média de cada participante é igual ou superior ao valor superior ($M + \sigma$) calculado (Tabela 6 – Anexo iii), a partir das respostas de todos os participantes, para cada fator da escala.

Assim, na amostra verificaram-se 28 sujeitos com Perturbação do Suporte Emocional do Pai, 28 sujeitos com Perturbação do Suporte Emocional da Mãe, 16 sujeitos com Perturbação da Sobreproteção do Pai, 19 sujeitos com Perturbação da Sobreproteção da Mãe, 24 sujeitos com Perturbação da Rejeição do Pai, e 21 com Perturbação da Rejeição da Mãe. Deve considerar-se, sobretudo nesta escala, que o mesmo sujeito assume uma representação negativa de várias das práticas parentais, sendo correto um olhar por fator e não total. Esta escala está mais sujeita a esta repetição pois as práticas parentais estão extremamente interligadas, sendo fácil o sujeito pontuar alto em duas ou mais (Tabela 7).

Tabela 7. Sujeitos com uma Representação das práticas parentais perturbadas

			Género Feminino		Género Masculino	
	Frequências	%	Frequências	%	Frequências	%
Perturbação Suporte Emocional Pai	28	20.4	24	22.2	4	13.8
Perturbação Suporte Emocional Mãe	28	20.4	23	21.3	5	17.2
Perturbação Sobreproteção Pai	16	11.7	13	12	3	10.3

Perturbação Sobreproteção Mãe	19	13.9	15	13.9	4	13.8
Perturbação Rejeição Pai	24	17.5	18	16.7	6	20.7
Perturbação Rejeição Mãe	21	15.3	19	17.6	2	6.9

SONI

A presença de necessidades de objeto do *self* ou do seu evitamento existe quando a média de cada participante é igual ou superior ao valor superior ($M + \sigma$) calculado (Tabela 8 – Anexo iii), a partir das respostas de todos os participantes, para cada fator da escala.

Na amostra verificam-se no total, aproximadamente, 114 sujeitos, em 137, com Necessidade de Objetos do *Self* : 16 com Necessidade de Objetos Gémeos, 27 que Evitam a Necessidade de Objetos Gémeos e Idealizados, 26 com Necessidade de Objetos Idealizados, 22 com Necessidade de Objetos Espelhos e 23 que Evitam esta mesma Necessidade de Objetos Espelho. Ainda se pode observar (Tabela 9) que dentro da amostra feminina ($N = 108$), aproximadamente, 84 apresentam Necessidade de Objetos do *Self* e seu Evitamento, assim como, na amostra masculina em 86% dos sujeitos ($N = 29$).

Tabela 9. Sujeitos com Necessidades de objeto do *self* ou do seu Evitamento

			Género Feminino		Género Masculino	
	Frequências	%	Frequências	%	Frequências	%
Necessidade Objetos Gémeos	16	11.7	12	11.1	3	10.3
Evitamento Necessidade Objetos Gémeos e Idealizados	27	19.3	17	15.7	7	24.1
Necessidade Objetos Idealizados	26	19	20	18.5	5	17.2

Necessidade Objetos Espelho	22	16.1	19	17.6	3	10.3
Evitamento Necessidade Objetos Espelho	23	16.8	16	14.8	7	24.1
	Total de sujeitos com Necessidades de Objeto do <i>Self</i> na Amostra Geral		Total de sujeitos com Necessidades de Objeto do <i>Self</i> na Amostra Feminina		Total de sujeitos com Necessidades de Objeto do <i>Self</i> na Amostra Masculina	
	^a 114	82.9	^a 84	77.7	^a 25	86
<i>N</i>	137	100	108	100	29	100

Nota. ^a Deve considerar-se a possibilidade de repetição de sujeitos, sendo os números totais uma estimativa.

DMI

A presença de mecanismos de defesa desajustados/desadaptativos existe quando a média de cada participante é igual ou superior ao valor superior ($M + \sigma$) calculado (Tabela 10 – Anexo iii), a partir das respostas de todos os participantes, para cada fator da escala.

Na amostra verificam-se no total (Tabela 11), aproximadamente, 129 sujeitos, em 137, que utilizam Mecanismos de Defesa desajustados/desadaptativos: 29 utilizam o mecanismo *Turning Against the Object* (TAO), 12 utilizam *Projection* (PRO), 30 utilizam *Principalization* (PRN), 38 utilizam o mecanismo *Turning Against the Self* (TAS) e 20 utilizam *Reversal* (REV). Ainda se pode observar (Tabela 10) que dentro da amostra feminina ($N = 108$), aproximadamente, 103 utilizam Mecanismos de Defesa desajustados, assim como, 89.6% da amostra masculina ($N = 29$).

Tabela 11. Sujeitos que utilizam Mecanismos de Defesa desajustados/desadaptativos

			Género Feminino		Género Masculino	
	Frequências	%	Frequências	%	Frequências	%
<i>Turning Against the object</i> (TAO)	29	21.1	24	22.2	5	17.2
<i>Projection</i> (PRO)	12	8.7	11	10.2	1	3.4
<i>Principalizati on</i> (PRN)	30	21.9	24	22	6	20.7
<i>Turning Against the</i>	38	27.7	30	27.8	8	27.6

Self (TAS)

<i>Reversal</i> (REV)	20	14.6	14	13	6	20.7
	Total de sujeitos que utilizam Mecanismos de Defesa desajustados na Amostra Geral		Total de sujeitos que utilizam Mecanismos de Defesa desajustados na Amostra Feminina		Total de sujeitos que utilizam Mecanismos de Defesa desajustados na Amostra Masculina	
	^a 129	94	^a 103	95.2	^a 26	89.6
<i>N</i>	137	100	108	100	29	100

Nota. ^a Deve considerar-se a possibilidade de repetição de sujeitos, sendo os números totais uma estimativa.

ITRA

O Tipo de Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica está presente quando a média das respostas dos participantes é superior ou igual a três ($\bar{x} \geq 3$), para cada fator (Tabela 12 – Anexo iii).

Na amostra verificam-se no total, aproximadamente, 40 sujeitos, em 137, com Tipos de Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica: 35 com o Tipo de Relacionamento Submisso-Idealizador, 3 com o Tipo de Relacionamento Eufórico-Idealizante e 2 com o Tipo de Relacionamento Evitante-Desnarcisante. Ainda se pode observar (Tabela 13) que dentro da amostra feminina ($N = 108$), aproximadamente, 30 têm Tipos de Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica, assim como, 34.4% da amostra masculina ($N = 29$).

Tabela 13. Sujeitos com Tipo de Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica

			Género Feminino		Género Masculino	
	Frequências	%	Frequências	%	Frequências	%
Submisso-Idealizador	35	25.5	26	24.1	9	31
Eufórico-Idealizante	3	2.2	3	2.8	0	0
Evitante-Desnarcisante	2	1.5	1	0.9	1	3.4
	Total de sujeitos com Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica na Amostra Geral		Total de sujeitos com Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica na Amostra Feminina		Total de sujeitos com Relacionamento Amoroso com perturbação narcísica na Amostra Masculina	

	40		30	27.8	10	34.4
<i>N</i>	137	100	108	100	29	100

Nota. ^a Deve considerar-se a possibilidade de repetição de sujeitos, sendo os números totais uma estimativa.

Análise de Inferência Estatística

Após a análise descritiva e num sentido de explorar mais detalhadamente os instrumentos em conjunto com as características da amostra, recorre-se à análise de inferência estatística e aos testes de hipóteses. Assim, e de forma a afunilar a análise, utilizam-se os dados mais significativos provenientes da recolha anterior, e promotores de um processo de desenvolvimento, para fazer inferências quanto ao grupo populacional, a partir do amostral, bem como, indagar acerca de relação, ou não, entre determinadas variáveis (Pestana & Gageiro, 1998).

Testes de Hipóteses

Hipótese 1.

Pretende-se saber se há diferenças significativas no que refere às médias das opções de resposta da variável “Representação da Infância” dos sujeitos, de modo a compreender a sua influência nas variáveis “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”, fatores do instrumento EMBU.

Ao analisar os pressupostos estatísticos necessários, garante-se o pressuposto de normalidade ($p = 0.051$, $p > 0.05$), através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, porém, não se assegura o pressuposto de homogeneidade de variâncias ($p = 0.022$, $p = 0.001$, $p < 0.05$), através do teste de *Levene*, para as variáveis “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe” respetivamente. Não se podendo validar o resultado dado pelo teste ANOVA *one-way* ($p < 0,05$). Deste modo, recorre-se a um teste com robustez à ausência de homogeneidade, teste *Brown-Forsythe* ($p = 0.004$, $p = 0.000$, $p < 0.05$) para “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”, respetivamente, que nos indica a existência de uma diferença significativa entre as médias (Tabela 14 – Anexo iv). Assim, sendo ***H0*** “Não existe diferença significativa na média das respostas às categorias da variável “Representação da infância” quando relacionadas com “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe” e ***H1*** “Existe diferença significativa na média das respostas às categorias da variável “Representação da infância” quando relacionadas com “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”, há evidência estatística para, com um grau de probabilidade de erro de 0.05 ($\alpha = 0.05$), rejeitar *H0* e aceitar *H1*.

Pretendemos ainda saber quais as categorias da variável “Representação da Infância” sugerem mais influência das duas variáveis em estudo, “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”. Para tal recorreremos ao teste *Tukey HSD* (Tabela 15 – Anexo iv),

através do qual verificamos que para a variável “Rejeição Pai”, a categoria sobre a qual exerce mais influência é a representação da infância “Conturbada”, uma vez que apresenta uma média superior à média global ($M=11.44 > M=10.27$). Por sua vez, e como esperado, o teste também nos mostra as relações entre as variáveis influenciadoras e, como tal, a variável “Conturbada” relaciona-se negativamente e significativamente ($p=0.014, p < 0.05$) com a variável “A melhor”. Já para a variável “Rejeição Mãe” a categoria sobre a qual exerce mais influência também é a representação da infância “Conturbada”, uma vez que apresenta uma média superior à média global ($M=18.16 > M=13.34$). Neste caso, todas as categorias se relacionam negativa e significativamente ($p < 0.05$) com a categoria “Conturbada”.

Hipótese 2.

Pretende-se saber no que refere à variável “*Turning Against the Self (TAS)*”, fator do instrumento DMI, se, se verificam diferenças significativas quanto às categorias da variável “Duração das Relações”.

Ao analisar os pressupostos estatísticos necessários, garante-se o pressuposto de normalidade ($p=0.232, p > 0.05$), através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, assim como, o pressuposto da homogeneidade ($p=0.850, p > 0.05$), através do teste de *Levene*. Neste sentido, recorre-se à aplicação de um teste ANOVA *one-way* (Tabela 16 – Anexo iv) que nos permite observar a existência de diferenças significativas entre as médias das categorias da variável “Duração da Relação” em relação à variável em estudo ($p=0.001, p < 0.05$). Sendo ***H0*** “ Não existe diferença significativa entre as médias das categorias da variável “Duração da Relação” no que refere à variável “*Turning Against the Self (TAS)*” e ***H1*** “Existe diferença significativa entre as médias das categorias da variável “Duração da Relação” no que refere à variável “*Turning Against the Self (TAS)*”, há evidência estatística para, com um grau de probabilidade de erro de 0.05 ($\alpha=0.05$), rejeitar *H0* e aceitar *H1*.

Considerando ainda que categorias da variável “Duração da Relação” exerce influência significativa na variável em estudo, e uma vez que o teste de *Tukey HSD* não pode ser utilizado dada a configuração da variável “Duração da Relação”, utilizam-se dois *t-Student* (Tabela 17 – Anexo iv) para avaliar os dois pares de categorias que exercem influência na variável “*Turning Against the Self (TAS)*”.

Tendo em conta os dados obtidos nestes testes, para as categorias “Dias” e “Semanas” ($p=0.301, p > 0.05$) e para as categorias “Meses” e “Anos” ($p=0.004, p < 0.05$), pode inferir-se que sujeitos que utilizem mais mecanismos de defesa do tipo “*Turning Against the Self (TAS)*” tendem a envolver-se em relacionamentos amorosos mais duradouros.

Hipótese 3.

Pretende-se saber no que refere à variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador” fator do instrumento ITRA, se, se verificam diferenças significativas quanto ao “Género”. Ao analisar os pressupostos estatísticos necessários, garante-se o pressuposto de normalidade ($p = 0.81$, $p > 0.05$), através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, assim como, o pressuposto da homogeneidade ($p = 0.859$, $p > 0.05$), através do teste de *Levene*. Neste sentido, recorre-se à aplicação de um teste *t-Student* que permite observar que não existem diferenças significativas entre as categorias da variável “Género” em relação à variável em estudo ($p = 0.285$, $p > 0.05$). Sendo **H0** “Não existem diferenças significativas entre as categorias da variável “Género” em relação à variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador” e **H1** “Existem diferenças significativas entre as categorias da variável “Género” em relação à variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador”, há evidência estatística para, com um grau de probabilidade de erro de 0.05 ($\alpha = 0.05$), rejeitar **H1** e aceitar **H0**. Assim, pode inferir-se que não há mais homens ou mais mulheres envolvidos em relacionamentos amorosos do tipo “Submisso-Idealizador”.

Hipótese 4.

Pretende-se saber no que refere à variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador”, fator do instrumento ITRA, se, se verificam diferenças significativas quanto à “Idade”.

Ao analisar os pressupostos estatísticos necessários, garante-se o pressuposto de normalidade ($p = 0.081$, $p > 0.05$), através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, assim como, o pressuposto da homogeneidade ($p = 0.817$, $p > 0.05$), através do teste de *Levene*. Realiza-se, então, um teste *t-Student* (Tabela 18 – Anexo iv) que nos permite avaliar a existência de diferenças significativas entre as médias das duas categorias da variável “Idade” em relação à variável em estudo ($p = 0.006$, $p < 0.05$). Sendo **H0** “Não existe diferença significativa entre a média das categorias da variável “Idade” em relação à variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador” e **H1** “Existe diferença significativa entre a média das categorias da variável “Idade” em relação à variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador”, há evidência estatística para, com um grau de probabilidade de erro de 0.05 ($\alpha = 0.05$), rejeitar **H0** e aceitar **H1**.

Considerando ainda qual das categorias da variável “Idade” exerce maior influência na variável em estudo, constata-se que é o grupo dos “18 aos 30 anos”, uma vez que apresenta uma média superior à média global ($M = 2.78 > M = 2.71$). Assim,

pode inferir-se que sujeitos com idades entre os 18 e os 30 anos envolvem-se mais em relacionamentos amorosos do tipo “Submisso-Idealizador”, do que sujeitos com idades entre os 31 e os 45 anos de idade.

Hipótese 5.

Pretende-se saber no que refere à variável “Tipo de Relacionamento Amoroso Eufórico-Idealizante”, fator do instrumento ITRA, se, se verificam diferenças significativas quanto às categorias da variável “Nº de Relações Amorosas”.

Ao analisar os pressupostos estatísticos necessários, garante-se o pressuposto de normalidade ($p = 0.072$, $p > 0.05$), através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, assim como, o pressuposto da homogeneidade ($p = 0.764$, $p > 0.05$), através do teste de *Levene*. Neste sentido, recorre-se à aplicação de um teste ANOVA *one-way* (Tabela 19 – Anexo iv) que nos permite observar a existência de diferenças significativas entre a variância das médias, das categorias da variável “Nº de Relações Amorosas”, em relação à variável em estudo ($p = 0.003$, $p < 0.05$). Sendo ***H0*** “ Não existe diferença significativa entre a variância das médias das categorias da variável “Nº de Relações” no que refere à variável “Tipo de Relacionamento Amoroso Eufórico-Idealizante”” e ***H1*** “Existe diferença significativa entre a variância das médias das categorias da variável “Nº de Relações Amorosas” no que refere à variável “Tipo de Relacionamento Amoroso Eufórico-Idealizante””, há evidência estatística para, com um grau de probabilidade de erro de 0.05 ($\alpha = 0.05$), rejeitar *H0* e aceitar *H1*.

Considerando ainda qual das categorias da variável “Nº de Relações Amorosas” exerce maior influência na variável em estudo, constata-se que é o grupo “ 4 -7 Relações Amorosas”, uma vez que apresenta uma média superior à média global ($M = 2.43 > M = 2.17$). Assim, pode inferir-se que sujeitos que se envolvem em relacionamentos do tipo “Eufórico-Idealizante” tendem a ter entre os 4 e os 7 relacionamentos amorosos.

Análise Correlacional

De modo a analisar as associações entre as diversas variáveis em estudo, e com o objetivo de compreender a intensidade e direção da relação entre elas, recorre-se de seguida a uma análise correlacional/ associação, em resposta às questões de investigação previamente estabelecidas, através do Coeficiente de *Pearson*, do Coeficiente de Contingência e do Chi-quadrado de *Pearson*, consoante a natureza das variáveis. De salientar a inexistência de causalidade entre as variáveis através desta análise, uma vez que esta só poderá ser fundamentada pela teoria (Pestana & Gageiro, 1998).

Questão de investigação 1.

Existe relação estatisticamente significativa entre o Número de relações amorosas e a Representação da infância?

A partir da análise de associação entre as duas variáveis, através do Coeficiente de Contingência (C) e do Chi-quadrado de *Pearson* (χ^2), o “Número de relações amorosas” e “Representação da infância”, pode verificar-se que não existe relação entre elas, para ambos os géneros, já que para o género feminino $C = 0.176$ ($C < 0.3$) e $p = 0.749$ ($p > 0.05$), e para o género masculino $C = 0.591$ ($C > 0.3$) e $p = 0.077$ ($p > 0.05$), confirmado pelos valores de χ^2 . Sendo que, para o género masculino possamos inferir que a relação entre as variáveis não é totalmente ao acaso, embora não significativa para esta amostra.

Questão de investigação 2.

Existe relação estatisticamente significativa entre a Representação da infância e a Representação de estilos parentais perturbados?

A partir da análise de associação entre a variável “Representação da infância” e as categorias da variável “Representação de estilos parentais perturbados”, pode verificar-se que existem algumas relações significativas entre elas já que para algumas das variáveis avaliadas se observaram diferenças significativas entre os valores esperados e os valores observados na amostra (Tabela 20). Verificam-se, assim, associações significativas entre a “Representação da infância” e a “Perturbação do Suporte Emocional do Pai”, bem como, da “Perturbação do Suporte Emocional da Mãe”, com níveis de α muito significativos ($p = 0.007$, $p = 0.014$, $p < 0.01$), embora com valores de relação fracos ($C < 0.3$). Verificaram-se, também, relações significativas entre a “Representação da infância” e a “Perturbação da Rejeição do Pai”, bem como, a “Perturbação da Rejeição da mãe”, com níveis de α significativos ($p = 0.015$, $p < 0.05$ e $p = 0.001$, $p \leq 0.001$), sendo os valores de relação entre as variáveis de fraco para a “Perturbação da Rejeição do Pai” ($C < 3$) e moderado para a “Perturbação da Rejeição da mãe” ($C > 3$).

Tabela 20. Correlação entre a “Representação da Infância” e “Estilos Parentais Perturbados”

Representação da Infância	
Coeficiente de Contingência (C)	Chi-quadrado de <i>Pearson</i> (χ^2)

	Valor	<i>p-value (p)</i>	Valor	<i>p-value (p)</i>
Perturbação do Suporte Emocional do Pai	0.285	0.007**	12.153	0.007**
Perturbação do Suporte Emocional da Mãe	0.269	0.014*	10.682	0.014*
Perturbação da Sobreproteção do Pai	0.125	0.534	2.191	0.534
Perturbação da Sobreproteção da Mãe	0.213	0.089	6.526	0.089
Perturbação da Rejeição do Pai	0.267	0.015*	10.483	0.015*
Perturbação da Rejeição da Mãe	0.397	0.001**	25.679	0.001**

Nota. * Coeficiente estatisticamente significativo ($p < 0.05$), ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

Questão de investigação 3.

Existe relação estatisticamente significativa entre a Representação da Infância e o Tipo de Relacionamento Amoroso adotados na vida adulta?

A partir da análise de associação entre a variável “Representação da infância” e as categorias da variável “Tipo de Relacionamento Amoroso”, verifica-se não existirem relações significativas entre elas já que para a associação com as três categorias “Submisso-Idealizador”, “Eufórico-Idealizante” e “Evitante-Desnarcisante” $p > 0.05$, embora os valores de C e χ^2 de revelassem uma associação forte (> 3).

Questão de investigação 4.

Existe relação estatisticamente significativa entre as Representações dos estilos parentais e a Necessidade de objetos do Self?

A partir da análise correlacional entre as categorias das variáveis “Representações dos Estilos Parentais” e “Mecanismos de Defesa Adotados”, podem verificar-se algumas associações com significância estatística, embora de magnitude fraca ($r < 0.3$). O “Suporte Emocional do Pai” correlaciona-se negativa e significativamente com a “Necessidade de Objetos Gémeos” ($p = 0.040$, $p < 0.05$), já a “Rejeição do Pai” ($p = 0.003$, $p < 0.01$), bem como, a “Rejeição da Mãe” ($p = 0.032$, $p < 0.05$) se correlacionam positiva e significativamente com a “Necessidade de Objetos Espelho” (Tabela 21).

Assim, os resultados sugerem que quanto maior é a representação de Suporte Emocional dado pelo Pai, menor será a Necessidade de objetos do *self* Gémeos do

sujeito. Já no que refere à representação que o sujeito tem em relação à Rejeição por parte do Pai e da Mãe, quanto maior esta for, maior será a sua Necessidade de objetos do *self* Espelho, e vice-versa já que se trata de uma relação bidirecional de não causalidade.

Tabela 21. Correlação entre “Representações dos Estilos Parentais” e as “Necessidades de Objetos do *Self*”

	Necessidade Objetos Gêmeos	Evitamento Necessidade Objetos Gêmeos e Idealizados	Necessidade Objetos Idealizados	Necessidade Objetos Espelho	Evitamento Necessidade Objetos Espelho
Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>					
Suporte Emocional Pai	-0.198*	0.007	-0.022	-0.100	-0.110
Suporte Emocional Mãe	0.088	-0.041	-0.102	-0.108	-0.112
Sobreproteção Pai	-0.104	-0.045	-0.006	-0.016	0.141
Sobreproteção Mãe	0.023	-0.140	-0.081	-0.086	0.113
Rejeição Pai	-0.046	0.125	0.142	0.285**	-0.124
Rejeição Mãe	-0.003	0.092	0.142	0.206*	0.106

Nota. * Coeficiente estatisticamente significativo ($p < 0.05$), ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

Questão de investigação 5.

Existe relação estatisticamente significativa entre as Representações dos estilos parentais e os Mecanismos de defesa adotados?

A partir da análise correlacional entre as categorias das variáveis “Representações dos Estilos Parentais” e “Mecanismos de Defesa Adotados”, podem verificar-se várias associações com significância estatística, embora de magnitude fraca ($r < 0.3$). O “Suporte Emocional do Pai” correlaciona-se negativamente com o mecanismo defensivo “*Turning Against the Object (TAO)*” ($p = 0.025$, $p < 0.05$), bem como, se correlaciona positivamente com os mecanismos defensivos “*Principalization (PRN)*” ($p = 0.042$, $p < 0.05$) e “*Reversal (REV)*” ($p = 0.027$, $p < 0.05$); O “Suporte Emocional da Mãe” também se correlaciona negativamente com o mecanismo defensivo “*Turning Against the Object (TAO)*” ($p = 0.037$, $p < 0.05$) e positivamente com o mecanismo “*Reversal (REV)*” ($p = 0.017$, $p < 0.05$); A categoria “Sobreproteção do Pai” correlaciona-se negativamente com o mecanismo “*Turning Against the Object (TAO)*” ($p = 0.047$, $p < 0.05$) e positivamente com o mecanismo “*Reversal (REV)*” ($p =$

0.038, $p < 0.05$); A categoria “Sobreproteção da Mãe” correlaciona-se negativamente com o mecanismo “*Turning Against the Self (TAS)*” ($p = 0.038$, $p < 0.05$) e positivamente com o mecanismo “*Reversal (REV)*” ($p = 0.040$, $p < 0.05$); A categoria “Rejeição do Pai” correlaciona-se positivamente com os mecanismos “*Turning Against the Object (TAO)*” ($p = 0.006$, $p < 0.01$) e “*Projection (PRO)*” ($p = 0.012$, $p < 0.05$), e correlaciona-se negativamente com os mecanismos “*Principalization (PRN)*” ($p = 0.002$, $p < 0.01$) e “*Reversal (REV)*” ($p = 0.002$, $p < 0.01$); Já a categoria “Rejeição da Mãe”, correlaciona-se positivamente com o mecanismo “*Projection (PRO)*” ($p = 0.042$, $p < 0.05$) TAO e negativamente com o mecanismo “*Principalization (PRN)*” ($p = 0.042$, $p < 0.05$) (Tabela 22).

Assim, os resultados sugerem que quanto maior é o Suporte Emocional dado, tanto pelo pai como pela mãe, menor é a utilização do mecanismo defensivo TAO e maior é a utilização do mecanismo VER, no caso do Suporte Emocional do Pai há também um aumento significativo da utilização do mecanismo PRN. No que refere à Sobreproteção, tanto proveniente do pai como da mãe, quanto maior esta for mais se manifestará o mecanismo defensivo REV, e menos o mecanismo TAO, no que refere à Sobreproteção da mãe, quanto maior esta for, também haverá uma menor manifestação do mecanismo TAS pelo sujeito. Em relação à Rejeição por parte do pai, quanto maior esta for, maior o recurso a mecanismos do tipo TAO e PRO e menor recurso a mecanismos PRN e REV. Uma maior Rejeição da mãe promoverá uma maior utilização do mecanismo PRO e menor do mecanismo PRN.

Tabela 22. Correlação entre “Representações dos Estilos Parentais” e os “Mecanismos de Defesa adotados”

	<i>Turning Against object (TAO)</i>	<i>Projection (PRO)</i>	<i>Principalization (PRN)</i>	<i>Turning Against Self (TAS)</i>	<i>Reversal (REV)</i>
Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>					
Suporte Emocional Pai	-0.192*	-0.075	0.174*	-0.055	0.189*
Suporte Emocional Mãe	-0.179*	-0.090	0.105	-0.017	0.204*
Sobreproteção Pai	-0.170*	0.020	0.083	-0.073	0.178*
Sobreproteção Mãe	-0.063	0.068	0.025	-0.178*	0.176*
Rejeição Pai	0.234**	0.215*	-0.260**	0.052	-0.265**
Rejeição Mãe	0.121	0.174*	-0.170*	0.005	-0.137

Nota. * Coeficiente estatisticamente significativo ($p < 0.05$), ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

Questão de investigação 6.

Existe relação estatisticamente significativa entre a Necessidade de objetos do self e os Mecanismos de defesa adotados?

A partir da análise correlacional entre as categorias das variáveis, “Necessidade de Objetos do Self” e “Mecanismos de Defesa adotados”, podem verificar-se várias associações com significância estatística, bem como, com magnitudes de fracas a moderadas. A categoria “Evitamento da Necessidade de Objetos Gémeos e Idealizados” está positivamente correlacionado com o mecanismo “*Turning Against the Object* (TAO)” ($p = 0.004$, $p < 0.01$) e negativamente com os mecanismos “*Principalization* (PRN)” ($p = 0.021$, $p < 0.05$) e “*Reversal* (REV)” ($p = 0.021$, $p < 0.05$); A categoria “Necessidade de Objetos Espelho” está, também, positivamente correlacionada com o mecanismo “*Turning Against the Object* (TAO)” ($p = 0.001$, $p < 0.01$), bem como, com o mecanismo “*Projection* (PRO)” ($p = 0.044$, $p < 0.05$) e negativamente associada aos mecanismos “*Principalization* (PRN)” ($p = 0.001$, $p < 0.01$) e “*Reversal* (REV)” ($p = 0.001$, $p < 0.01$); Já a categoria “Evitamento da Necessidade de Objetos Espelho” está negativamente correlacionada com o mecanismo “*Turning Against the Self* (TAS)” ($p = 0.046$, $p < 0.05$) e positivamente com “*Reversal* (REV)” ($p = 0.004$, $p < 0.01$). As categorias “Necessidade de Objetos Gémeos” e “Necessidade de Objetos Idealizados” não apresentam correlações significativas com nenhum dos mecanismos defensivos ($r \approx 0$) (Tabela 23).

Assim, os resultados sugerem que quanto maior a Necessidade de Objetos Gémeos, menor será a utilização de mecanismos PRN e REV. No que refere ao Evitamento da Necessidade de Objetos Gémeos e Idealizados, quanto maior este for mais o sujeito recorrerá ao mecanismo do tipo TAO e menos a mecanismos do tipo PRN e REV. Relativamente à Necessidade de Objetos Espelho, esta será tanto maior quanto a utilização do mecanismo TAO, no entanto, o sujeito recorre menos a mecanismos PRN e REV. Por fim, quanto maior o Evitamento da Necessidade de Objetos Espelho, menor a utilização de mecanismo defensivo TAS e maior utilização de mecanismo REV.

Tabela 23. Correlação entre “Necessidade de Objetos do Self” e “Mecanismos de Defesa adotados”

<i>Turning Against object</i> (TAO)	<i>Projection</i> (PRO)	<i>Principalization</i> (PRN)	<i>Turning Against Self</i> (TAS)	<i>Reversal</i> (REV)
Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>				

Necessidade Objetos Gémeos	0.043	0.012	-0.034	0.033	-0.058
Evitamento Necessidade Objetos Gémeos e Idealizados	0.246**	0.105	-0.198*	-0.023	-0.196*
Necessidade Objetos Idealizados	0.069	0.082	-0.134	0.024	-0.056
Necessidade Objetos Espelho	0.271**	0.173*	-0.359**	0.142	-0.276**
Evitamento Necessidade Objetos Espelho	-0.146	-0.083	0.144	-0.171*	0.247**

Nota. * Coeficiente estatisticamente significativo ($p < 0.05$), ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

Questão de investigação 7.

Existe relação estatisticamente significativa entre a Representações dos estilos parentais e o Tipo de relacionamento amoroso adotado na vida adulta, para ambos os géneros?

A partir da análise correlacional entre as categorias das variáveis “Representações dos Estilos Parentais” e “Tipos de Relacionamento Amoroso” adotados na vida adulta, podem verificar-se algumas associações com significância estatística, quer para o género feminino, quer para o género masculino, com magnitudes de fracas a moderadas (Tabela 24). Para o género feminino pode verificar-se uma correlação negativa entre a categoria “Suporte Emocional da Mãe” e o estilo de relacionamento amoroso “Submisso-Idealizador” ($p = 0.045$, $p < 0.05$), e associações positivas entre as categorias “Rejeição do Pai” ($p = 0.009$, $p < 0.01$) e “Rejeição da Mãe” ($p = 0.020$, $p < 0.05$), também com o tipo de relacionamento amoroso “Submisso-Idealizador”. Já para o género masculino podem observar-se correlações positivas entre a categoria “Sobreproteção da Mãe” e o tipo de relacionamento amoroso “Submisso-Idealizador” ($p = 0.047$, $p < 0.05$), bem como, entre a representação de “Rejeição do Pai” e o tipo de relacionamento amoroso “Eufórico-Idealizante” ($p = 0.025$, $p < 0.05$).

Tabela 24. Correlação entre as “Representações dos Estilos Parentais” e o “Tipo de Relacionamento Amoroso” adotado na Vida Adulta, para ambos os géneros

Género Feminino

Género Masculino

	Submiss o Idealizad or	Eufórico Idealizan te	Evitante Desnarcisan te	Submiss o Idealizad or	Eufórico Idealizant e	Evitante Desnarcisan te
Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>						
Suporte Emocional Pai	-0.093	-0.008	-0.031	-0.003	0.049	0.021
Suporte Emocional Mãe	-0.193*	-0.072	-0.018	0.163	0.242	0.225
Sobreproteção Pai	-0.054	-0.114	-0.131	0.027	-0.164	-0.084
Sobreproteção Mãe	-0.080	-0.068	-0.081	0.373*	-0.038	0.180
Rejeição Pai	0.251**	-0.014	-0.076	0.329	0.416*	0.296
Rejeição Mãe	0.224*	0.091	-0.006	0.261	0.273	0.248

Nota. * Coeficiente estatisticamente significativo ($p < 0.05$), ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

Assim, os resultados sugerem que no caso do género feminino, quanto maior a representação de Suporte Emocional da Mãe, menos o sujeito recorrerá a relacionamentos do tipo Submisso-Idealizador. Assim como, quanto maior for a sua representação de Rejeição do Pai e Rejeição da Mãe, mais recorrerá a relacionamentos do tipo Submisso-Idealizador. Já no caso do género masculino, quanto maior for a sua representação de Sobreproteção da Mãe, mais o sujeito se envolverá em relacionamentos do tipo Submisso-Idealizador, enquanto que, quanto maior a representação de Rejeição do Pai, maior será a sua predisposição para relacionamentos amorosos do tipo Eufórico-Idealizante.

Questão de investigação 8.

Existe relação estatisticamente significativa entre a Necessidade de objetos do self e o Tipo de relacionamento amoroso adotado na vida adulta, para ambos os géneros?

A partir da análise correlacional entre as categorias das variáveis, “Necessidade de Objetos do *Self*” e “Tipo de Relacionamento Amoroso” adotado na vida adulta, para ambos os géneros, podem verificar-se várias relações significativas e de magnitudes moderadas. No que refere ao género feminino, verificam-se correlações positivas entre a categoria “Evitamento da Necessidade de Objetos Gémeos e Idealizados” e os tipos de relacionamento amoroso “Eufórico-Idealizante” ($p = 0.001$, $p < 0.01$) e “Evitante-Desnarcisante” ($p = 0.001$, $p < 0.01$), bem como, entre

a categoria “Necessidade de Objetos Idealizados” e os mesmos tipos de relacionamento amoroso “Eufórico-Idealizante” ($p = 0.001$, $p < 0.01$) e “Evitante-Desnarcisante” ($p = 0.006$, $p < 0.01$), e ainda, associações positivas entre a categoria “Necessidade de Objetos Espelho” e os tipos de relacionamento amoroso “Submisso-Idealizador” ($p = 0.002$, $p < 0.01$) e “Eufórico-Idealizante” ($p = 0.003$, $p < 0.01$). No que refere ao género masculino, verificam-se também várias correlações positivas, nomeadamente, entre a categoria “Necessidade de Objetos Gémeos” e os três tipos de relacionamento amoroso, “Submisso-Idealizador” ($p = 0.001$, $p < 0.01$), “Eufórico-Idealizante” ($p = 0.038$, $p < 0.05$) e “Evitante-Desnarcisante” ($p = 0.014$, $p < 0.05$); entre a categoria “Evitamento da Necessidade de Objetos Gémeos e Idealizados” e os tipos de relacionamento amoroso “Submisso-Idealizador” ($p = 0.003$, $p < 0.01$) e “Evitante-Desnarcisante” ($p = 0.006$, $p < 0.01$); e ainda, entre as categorias “Necessidade de Objetos Idealizados” ($p = 0.029$, $p = 0.22$, $p < 0.05$ e $p = 0.003$, $p < 0.01$) e “Necessidade de Objetos Espelho” ($p = 0.009$, $p = 0.005$, $p < 0.01$ e $p = 0.016$, $p < 0.05$) e os três tipos de relacionamento amoroso, respetivamente, “Submisso-Idealizador”, “Eufórico-Idealizante” e “Evitante-Desnarcisante”(Tabela 25).

Assim, os resultados sugerem que quanto mais necessidade de objetos do *self* o sujeito desenvolve, maior será a probabilidade de se associar a relacionamentos amorosos narcisicamente perturbados, sendo que, os homens apresentam maior tendência para se envolver em relacionamentos narcisicamente desajustados, mesmo que sem grande especificação, já que para a maioria das necessidades de objetos do *self* apresentam tendência para os três tipos de relacionamento.

Tabela 25. Correlação entre a “Necessidade de Objetos do *Self*” e o “Tipo de Relacionamento Amoroso” adotado na vida adulta, para ambos os géneros

	Género Feminino			Género Masculino		
	Submisso Idealizador	Eufórico Idealizante	Evitante Desnarcisante	Submisso Idealizador	Eufórico Idealizante	Evitante Desnarcisante
Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>						
Necessidade de Objetos Gémeos	0.105	0.035	-0.044	0.568**	0.386*	0.451*
Evitamento da Necessidade de Objetos Gémeos e Idealizados	0.124	0.475**	0.398**	0.532**	0.304	0.494**

Necessidade Objetos Idealizados	0.176	0.361**	0.260**	0.406*	0.424*	0.526**
Necessidade Objetos Espelho	0.288**	0.284**	0.069	0.476**	0.506**	0.444*
Evitamento Necessidade Objetos Espelho	-0.149	0.085	0.085	-0.151	-0.212	-0.137

Nota. * Coeficiente estatisticamente significativo ($p < 0.05$), ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

Questão de investigação 9.

Existe relação estatisticamente significativa entre os Mecanismos de defesa adotados e o Tipo de relacionamento amoroso adotado na vida adulta, para ambos os gêneros?

A partir da análise correlacional entre as categorias das variáveis “Mecanismos de Defesa” e “Tipo de Relacionamento Amoroso” adotado na vida adulta, pode verificar-se a existência de algumas associações significativas, com magnitudes de fracas a moderadas. Verificaram-se, para o gênero feminino, correlações positivas entre o tipo de relacionamento amoroso “Eufórico-Idealizante” e os mecanismos de defesa “*Turning Against the Object (TAO)*” ($p = 0.001$, $p < 0.01$) e “*Projection (PRO)*” ($p = 0.019$, $p < 0.05$), e correlações negativas entre este tipo de relacionamento amoroso e os mecanismos defensivos “*Principalization (PRN)*” ($p = 0.007$, $p < 0.01$) e “*Reversal (REV)*” ($p = 0.003$, $p < 0.01$); verificaram-se correlações positivas entre o tipo de relacionamento amoroso “Evitante-Desnarcisante” e o mecanismo “*Projection (PRO)*” ($p = 0.032$, $p < 0.05$), e ainda entre o tipo de relacionamento amoroso “Submisso-Idealizador” e o mecanismo “*Turning Against the Self (TAS)*” ($p = 0.043$, $p < 0.05$). Em relação ao gênero masculino, verificou-se uma correlação positiva entre o tipo de relacionamento amoroso “Eufórico-Idealizante” e o mecanismo “*Turning Against the Object (TAO)*” ($p = 0.031$, $p < 0.05$) (Tabela 26).

No que refere ao gênero feminino verifica-se que o envolvimento em relacionamentos do tipo Eufórico-Idealizante está mais associado a sujeitos que recorrem a mecanismos defensivos do tipo TAO e PRO, sendo que este último também está associado a relacionamentos mais Evitantes-Desnarcisantes, bem como, os sujeitos do gênero feminino que se envolvem em relacionamentos do tipo

submisso-idealizador têm maior recurso a mecanismos defensivos do tipo TAS, porém, também se verificou para este universo que quanto mais recurso a mecanismos dos tipos PRN e REV, menor envolvimento em relacionamentos amorosos do tipo Eufórico-Idealizante, podendo até supor-se um maior nível adaptativo destes dois tipos de mecanismo defensivo. Já em relação ao gênero masculino, verificou-se apenas uma associação significativa entre um maior envolvimento em relacionamentos amorosos do tipo eufórico-idealizante por sujeitos que recorrem mais a mecanismos do tipo TAO, podendo também supor-se que o mecanismo defensivo TAO poderá ter um maior nível desadaptativo que os restantes mecanismos. Em geral, podemos verificar um menor recurso a relacionamentos amorosos narcisicamente perturbados pelos homens do que pelas mulheres, com base nos mecanismos de defesa utilizados.

Tabela 26. Correlação entre os “Mecanismos de Defesa adotados” e o “Tipo de Relacionamento Amoroso” adotado na vida adulta, para ambos os gêneros

	Gênero Feminino			Gênero Masculino		
	Submisso Idealizador	Eufórico Idealizante	Evitante Desnarcisante	Submisso Idealizador	Eufórico Idealizante	Evitante Desnarcisante
	Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>					
<i>Turning Against the Object</i> (TAO)	0.006	0.363**	0.096	0.149	0.401*	0.192
<i>Projection</i> (PRO)	0.033	0.226*	0.207*	-0.063	0.309	0.102
<i>Principalization</i> (PRN)	-0.102	-0.260**	-0.176	-0.253	-0.268	-0.076
<i>Turning Against the Self</i> (TAS)	0.195*	-0.137	-0.017	0.172	-0.295	-0.161
<i>Reversal</i> (REV)	-0.105	-0.279**	-0.111	-0.084	-0.288	-0.133

Nota. * Coeficiente estatisticamente significativo ($p < 0.05$), ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

Análise de Regressões

Após as análises estatísticas anteriores, e no sentido de compreender que variáveis mais influenciam a escolha de relacionamentos amorosos desajustados, realiza-se a análise de regressões de modo a selecionar as variáveis que mais fortemente os influenciam, bem como, os seus comportamentos na presença ou ausência de outras variáveis. Deste modo, realizam-se regressões lineares simples e

regressões lineares múltiplas, após verificação dos pressupostos necessários de normalidade e homogeneidade de, pelo menos, a variável dependente (Marôco, 2014), através dos testes *Kolmogorov-Smirnov* (Submisso-Idealizador $p = 0.081$, Eufórico-Idealizante $p = 0.072$, Evitante-Desnarcisante $p = 0.052$, $p > 0.05$) e de *Levene* (Submisso-Idealizador $p = 0.098$, Eufórico-Idealizante $p = 0.764$, Evitante-Desnarcisante $p = 0.901$, $p > 0.05$), respetivamente.

No que refere ao Tipo de Relacionamento Amoroso “Submisso-Idealizador” conseguimos, de um modo geral, fazer um levantamento de variáveis com quem tem associações diretas, tais como, os fatores “Rejeição do Pai”, “Rejeição da Mãe” e “Sobreproteção da Mãe”, o fator “Necessidade de Objetos do *Self* Espelho” e o fator “*Turning Against the Self* (TAS)”. Neste sentido, recorre-se à análise de regressão que revela um ajuste fraco ao modelo ($R^2_a = 0.158$, $R^2_a < 0.5$), uma vez que a variável “Submisso-Idealizador” só é explicada pelas restantes variáveis em 16%. Assim, o valor de *p-value* ($p = 0.000$, $p < 0.001$) do teste ANOVA refere haver alguma variável que influencia a variável dependente, sendo esta a variável “Necessidade de Objetos do *Self* Espelho” ($\beta = 0.294$), como se pode observar pela análise de regressão linear múltipla (Tabela 27). Não foram encontrados quaisquer problemas ao nível da colinearidade (Tolerância > 0.1 , VIF < 0.1).¹

Tabela 27. Análise de Regressão linear Múltipla entre o Tipo de Relacionamento Amoroso “Submisso-Idealizador” e as variáveis com que se associa com maior magnitude

Submisso-Idealizador				
Variáveis	Beta	<i>p-value</i>	Colinearidade	
			Tolerância	VIF
Rejeição do Pai	0.145	0.133	0.696	1.437
Rejeição da Mãe	0.094	0.340	0.668	1.497
Sobreproteção da Mãe	-0.020	0.818	0.887	1.127
Necessidade de Objetos do <i>Self</i> Espelho	0.232	0.007**	0.889	1.125
<i>Turning Against the</i>	0.138	0.096	0.949	1.054

¹ Deve utilizar-se o Coeficiente de determinação ajustado (R2a) ao invés do Coeficiente de determinação (R2), uma vez que este último aumenta a cada variável independente introduzida, mesmo que sem influência sobre a variável dependente, já o primeiro apenas aumenta em caso de adição de variáveis independentes com influência relevante (Marôco, 2014).

De salientar, que aquando da análise da variável dependente “Submisso-Idealizador” e da variável influenciadora “Necessidade de Objetos do Self Espelho”, através de uma análise de regressão linear simples, o comportamento desta última alterou-se, perdendo ajustamento ($R^2_a = 0.099$). Assim, observa-se que mesmo havendo uma influência sobre a variável dependente, esta é mais forte na presença das outras variáveis. Podemos, com base nos resultados, compreender que esta Necessidade de Objetos do *Self* necessita do restante quadro de desenvolvimento desajustado para exercer uma influência mais forte na escolha deste tipo de relacionamento amoroso. Já a variável “*Turning Against the Self (TAS)*”, através de uma regressão linear simples, revela que não exerce influência significativa sobre a variável dependente na presença das restantes variáveis, mas quando observada sozinha a sua influência ganha significância ($p = 0.033$, $p < 0.05$), mesmo que com um ajustamento fraco para este modelo ($R^2_a = 0.033$).

No que refere ao Tipo de Relacionamento Amoroso “Eufórico-Idealizante” conseguimos, de um modo geral, fazer um levantamento de variáveis com quem tem associações diretas, tais como, o fator “Rejeição do Pai”, os fatores “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gémeos e Idealizados”, “Necessidade de Objetos do *Self* Idealizados” e “Necessidade de Objetos do *Self* Espelho”, e os fator “*Turning Against the Object (TAO)*” e “*Projection (PRO)*”. Neste sentido, recorre-se à análise de regressão que revela um ajuste fraco ao modelo ($R^2_a = 0.330$, $R^2_a < 0.5$), uma vez que a variável “Eufórico-Idealizante” só é explicada pelas restantes variáveis em 33%. Assim, o valor de *p-value* ($p = 0.000$, $p < 0.001$) do teste ANOVA refere haver, pelo menos, uma variável que influencia a variável dependente, sendo estas as variáveis “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gémeos e Idealizados”, “Necessidade de Objetos do *Self* Idealizados” e “*Turning Against the Object (TAO)*” (Tabela 28), sendo, no entanto, a variável “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gémeos e Idealizados” a que exerce maior influencia sobre a variável dependente ($\beta = 0.294$), como se pode observar pela análise de regressão linear múltipla. Não foram encontrados quaisquer problemas ao nível da colinearidade (Tolerância > 0.1 , VIF < 0.1).

Tabela 28. Análise de Regressão linear Múltipla entre o Tipo de Relacionamento Amoroso “Eufórico-Idealizante” e as variáveis com que se associa com maior magnitude

Eufórico-Idealizante				
Variáveis	Beta	<i>p-value</i>	Colinearidade	
			Tolerância	VIF
Rejeição Pai	-0.129	0.088	0.874	1.144
Evitamento Necessidade Objetos Gêmeos e Idealizados	0.294	0.000**	0.851	1.175
Necessidade Objetos Idealizados	0.253	0.001**	0.835	1.197
Necessidade Objetos Espelho	0.098	0.229	0.748	1.337
<i>Turning Against the Object (TAO)</i>	0.247	0.003**	0.726	1.378
<i>Projection (PRO)</i>	0.090	0.256	0.783	1.278

Nota. ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

De salientar, que aquando da análise da variável dependente “Eufórico-Idealizante” e das variáveis influenciadoras “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gêmeos e Idealizados”, “Necessidade de Objetos do *Self* Idealizados” e “*Turning Against the Object (TAO)*”, separadamente, através de análises de regressão linear simples, o comportamento destas alterou-se, perdendo ajustamento ($R^2_a = 0.184$, $R^2_a = 0.131$, $R^2_a = 0.134$). Assim, observa-se que mesmo havendo influência sobre a variável dependente, esta é mais forte na presença das outras variáveis. Podemos, com base nos resultados, compreender que é necessário mais do que uma característica desajustada, no quadro de desenvolvimento do sujeito, para exercer uma influência mais forte na escolha deste tipo de relacionamento amoroso. Já a variável “*Projection (PRO)*”, através de uma regressão múltipla, na presença das restantes variáveis, revela não exercer influência significativa sobre a variável dependente, mas quando observada sozinha a sua influência ganha significância ($p = 0.004$, $p < 0.05$), mesmo que com um ajustamento fraco para este modelo ($R^2_a = 0.052$).

No que refere ao Tipo de Relacionamento Amoroso “Evitante-Desnarcisante” conseguimos, de um modo geral, fazer um levantamento de variáveis com quem tem associações diretas, tais como, os fatores “Necessidade de Objetos do *Self* Gêmeos”, “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gêmeos e Idealizados”, “Necessidade de Objetos do *Self* Idealizados” e “Necessidade de Objetos do *Self* Espelho”, o fato

“*Projection* (PRO)”. Neste sentido, recorre-se à análise de regressão que revela um ajuste fraco ao modelo ($R^2_a = 0.226$, $R^2_a < 0.5$), uma vez que a variável “Evitante-Desnarcisante” só é explicada pelas restantes variáveis em 23%, nesta amostra. Assim, o valor de *p-value* ($p = 0.000$, $p < 0.001$) do teste ANOVA refere haver, pelo menos, uma variável que influencia a variável dependente, sendo estas as variáveis “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gémeos e Idealizados”, “Necessidade de Objetos do *Self* Idealizados” sendo, no entanto, a variável “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gémeos e Idealizados” a que exerce maior influência sobre a variável dependente ($\beta = 0.364$), como se pode observar pela análise de regressão linear múltipla (Tabela 29). Não foram encontrados quaisquer problemas ao nível da colinearidade (Tolerância > 0.1, VIF < 0.1).

Tabela 29. Análise de Regressão linear Múltipla entre o Tipo de Relacionamento Amoroso “Evitante-Desnarcisante” e as variáveis com que se associa com maior magnitude

Evitante-Desnarcisante				
Variáveis	Beta	<i>p-value</i>	Colinearidade	
			Tolerância	VIF
Necessidade Objetos Gémeos	0.020	0.795	0.967	1.034
Evitamento Necessidade Objetos Gémeos e Idealizados	0.364	0.000**	0.865	1.156
Necessidade Objetos Idealizados	0.262	0.002**	0.840	1.190
Necessidade Objetos Espelho	-0.076	0.377	0.781	1.280
<i>Projection</i> (PRO)	0.135	0.080	0.967	1.034

Nota. ** Coeficiente estatisticamente muito significativo ($p < 0.01$).

De salientar, que aquando da análise da variável dependente “Evitante-Desnarcisante” e das variáveis influenciadoras “Evitamento da Necessidade de Objetos do *Self* Gémeos e Idealizados” e “Necessidade de Objetos do *Self* Idealizados”, separadamente, através de análises de regressão linear simples, o comportamento destas alterou-se, perdendo ajustamento ($R^2_a = 0.170$, $R^2_a = 0.108$). Assim, observa-se que mesmo havendo influência sobre a variável dependente, esta é

mais forte na presença das outras variáveis. Podemos, com base nos resultados, compreender que é necessário mais do que uma característica desajustada, no quadro de desenvolvimento do sujeito, para exercer uma influência mais forte na escolha deste tipo de relacionamento amoroso. Já a variável “*Projection (PRO)*”, através de uma regressão múltipla, na presença das restantes variáveis, revela não exercer influência significativa sobre a variável dependente, mas quando observada sozinha a sua influência ganha significância ($p = 0.004$, $p < 0.05$), mesmo que com um ajustamento fraco para este modelo ($R^2_a = 0.052$).

Discussão

Neste capítulo, pretende-se ressaltar os resultados mais significativos e fundamentá-los à luz da teoria. Não serão utilizadas hipóteses ou questões de investigação, já que o objetivo primordial é construir, reflexivamente, o desenvolvimento do funcionamento psíquico do sujeito que culminará na escolha de um dos três tipos de relacionamento amoroso com falha narcísica.

É também conveniente sublinhar algumas limitações ao nível da generalização dos dados, uma vez que, foram poucos os sujeitos identificados na amostra como tendo preferência pela adoção de relacionamentos amorosos dos tipos “Eufórico-Idealizante” e “Evitante-Desnarcisante”.

Todos os funcionamentos aqui abordados têm por base uma falha ao nível do desenvolvimento do *self* que se revela na relação com o outro, sendo diferenciados pela forma como agem essa falha de desenvolvimento nas relações com novos objetos. Nos casos mais desajustados de relações de objeto precoce, são desenvolvidos padrões de relação pouco flexíveis e muito rígidos onde o sujeito se coloca num dos dois extremos, explorador-vítima (Summers, 1999). O legado da relação primária dará ao sujeito ferramentas (limitadas) para trabalhar nas relações futuras, podendo este atuar enquanto vítima do seu parceiro ou explorador do mesmo na relação, com o mesmo fim de colmatar determinadas falhas de desenvolvimento ao nível do seu *self* fragilizado. Procura-se atingir a grandiosidade ou o profundo afeto do outro que, no fundo, representam a procura pela admiração e a validação nunca sentidas por um outro. De salientar, que o mesmo sujeito pode desempenhar ambos os papéis em futuras relações, pois ou por repetição ou por evitamento, o sujeito só conhece aquele padrão de funcionamento na relação (Mesquita, 2013). Neste sentido, e ao observarmos os resultados conseguidos, podemos colocar-nos em três instâncias de relacionamento, diretamente proporcionais aos níveis de desajuste ou de necessidades mais ou menos arcaicas do *self*. Podemos pensar o tipo de relacionamento “Submisso-Idealizador” como o mais evoluído em termos de

capacidade relacional, seguido do “Eufórico-Idealizante” e por fim o “Evitante-Desnarcisante”, mais arcaico e com falhas relacionais mais malignas para o sujeito e para o outro interveniente da relação.

Sujeitos com maior tendência a envolverem-se em relacionamentos do tipo “Submisso-Idealizador” num grau desajustado (considerando a importância da subjetividade de cada funcionamento), tendem a apresentar maiores níveis de rejeição na representação que têm de ambas as figuras parentais, bem como, de sobreproteção por parte da mãe. Características que demonstram que, segundo a representação do sujeito, não é suficientemente bom aos olhos das figuras parentais, o *self* não é competente e não é admirado aos olhos do outro. Deste modo, quando se envolve num relacionamento amoroso, necessita de um outro que lhe conceda esta *função idealizante* (Kohut, 1977) que as figuras parentais não concederam, de modo a atribuir-lhe a grandiosidade que o próprio não se atribui. Não se verificou uma relação direta entre a representação que o sujeito tem da sua infância e o envolvimento neste tipo de relacionamento. Por sua vez, a representação da infância encontra-se relacionada com as práticas parentais de rejeição, através da negação da mesma (há a representação de rejeição parental que é negada, uma vez que a representação da infância é feliz e muito positiva). O sujeito não tolera lidar com algo tão perturbador como a rejeição dos objetos precoces e distorce essa realidade. Já Fairbairn (1952) nos falava da necessidade que a criança tem de construir uma bondade ilusória dos pais, quando estes, emocionalmente desestruturados, contribuem para a construção, na criança, de um mundo interno, insuportavelmente doloroso. Assim, segundo o autor (Kohut 1971 *cit in* Banai & Shaver, 2005), desde a infância o sujeito internaliza as partes más dos outros fazendo-as suas, de modo a manter a ilusão de bondade dos objetos reais. Os sentimentos de incompetência e de não se ser suficientemente digno do amor/admiração do outro permanecem, numa forma de auto culpabilização. Estes sujeitos, apresentam falhas de desenvolvimento ao nível da necessidade de objetos do *self* espelho mais acentuadas que as restantes, pois o sujeito precisa de outros que o admirem, que o valorizem e gratifiquem pelas suas qualidades. Na relação amorosa irá associar-se a outros que lhe atribuam a grandiosidade que as figuras parentais não atribuíram. Contrariamente ao que se poderia esperar, de estes sujeitos apresentarem uma maior necessidade de objetos do *self* idealizados, acreditamos que tenham desenvolvido essa função, pois ao negarem a ausência e rejeição das figuras parentais e ao construírem uma imagem extremamente positiva das mesmas, cumpriram a função de idealização. No entanto, não foram idealizados de volta por essas figuras, desenvolvendo-se a necessidade de espelhamento. A verdade, e de acordo com a fundamentação teórica já referida, é que os resultados deste estudo

empírico também demonstram que estes sujeitos utilizam primordialmente mecanismos defensivos de agressividade virada para o próprio, acreditamos que por não tolerarem encarar a malignidade dos outros. Não há a capacidade de se zangar com o outro pois poderia perder o seu afeto e a sua admiração, ocorrendo o fenômeno de *inculpabilização do outro* (Coimbra de Matos, 2001). Deste modo, e de acordo com a análise inferencial, também podemos afirmar que, desde novos, estes sujeitos se envolvem em relacionamentos mais duradouros, mais não seja pela sua submissão às vontades e necessidades do outro, em prole das suas próprias necessidades. No fundo, o que mais influencia este tipo de relacionamento são os mecanismos que a pessoa utiliza para olhar o mundo e lhe reagir. Ao direcionar a agressividade para si, como verificámos no Dmi, escolhe submeter-se à razão do outro, mais digno, mais correto, mais admirável. As restantes características, deste tipo de relacionamento, influenciam a escolha quando encontradas em conjunto, sendo que, é necessário um quadro de funcionamento completo, de desajuste, para as representações parentais e as necessidades de objetos do *self*, verificadas através do Soni, exercerem uma grande influência nesta escolha relacional amorosa. No entanto, o que os resultados nos sugerem é que a partir do momento em que se observam mecanismos defensivos de auto culpabilização desajustados, há maior probabilidade do sujeito se envolver num relacionamento amoroso desajustado deste tipo.

Por sua vez, sujeitos com maior tendência a envolverem-se em relacionamentos do tipo “Eufórico-Idealizante” parecem apresentar um maior nível de desestruturação e dificuldade relacional, quando comparados com sujeitos em relacionamentos do tipo “Submisso-Idealizador”. São sujeitos que mantêm o seu conflito interno a um nível mais arcaico, uma vez que, a angústia não se coloca nas trocas relacionais com o outro mas na preocupação em manter a coesão e estabilidade do *self*, num sentido de configuração mais *introjectiva* (Blatt & Zuroff, 2001). De acordo com os resultados obtidos, é relevante diferenciar géneros, neste caso, uma vez que as mulheres não conseguem manter uma conexão com a representação parental, apresentando maior nível de desestruturação. No que toca às necessidades de objeto do *self*, o género feminino apresenta necessidade de objetos idealizados, bem como, o evitamento dessa mesma necessidade, apresentando uma negação do conflito, provocando um outro conflito interno, mais profundo. Já os homens associados a este tipo de relacionamento, tendem a apresentar maiores níveis de rejeição na representação que têm da figura paterna, como verificámos no Embu, e necessidades de objetos do *self* gemelares, idealizadores e espelho, aparentando ter uma maior carência de objetos, mas provavelmente causadora de menor conflito interno, dado que não existe evitamento dessas necessidades. Em

geral, a necessidade mais evidente, segundo os resultados, é a de objetos do *self* idealizados, isto é, a necessidade de criar uma imagem idealizada dos outros significativos, de modo, a experienciar os sucessos destes outros, como se fossem seus por associação, aumentando o seu próprio sentimento de coesão e grandiosidade. São, então, sujeitos que procuram um objeto idealmente superior, que participa na construção da sua própria máscara grandiosa (Kohut, 1977). O importante não é o afeto que o outro possa dar mas quem permite que o sujeito seja (Coimbra de Matos, 2001). De acordo com a prova Dmi, os resultados também sugerem que estes sujeitos utilizam mecanismos defensivos mais destrutivos, há um forte mecanismo projetivo, sendo toda a agressividade colocada no outro. O sujeito passa ao ato mais facilmente e atua os seus conflitos no outro, perdendo capacidade crítica interna. O olhar sobre o objeto é mediado pela inveja, pois aquilo que o sujeito sente que lhe falta, vê no outro, aumentando a sua insegurança e acionando as suas defesas destrutivas das qualidades deste outro (Miller, 1986). Existe um *self* frágil e vulnerável que evoca todos os esforços para evitar a *retraumatização* (Stolorow, Brandchaft & Atwood, 1995), de modo a, ao evitar experiências que realcem a sua vulnerabilidade, reestabelecer alguma coesão e fortalecimento da imagem do Eu. Podemos ainda inferir, com base nos resultados, que são sujeitos que se envolvem em mais relacionamentos amorosos, quando comparados com sujeitos do tipo de relacionamento “Submisso-Idealizador”. Há uma constante procura de objetos que cumpram a sua função reparadora, assim, o par amoroso narcísico, não só preencherá as falhas do desenvolvimento do *self*, como a sua presença constante promoverá a saturação do espaço mental, evitando os sentimentos de incompletude, gerados pelas feridas narcísicas (Mesquita, 2013). No entanto, consideramos que quanto maior grau de desajustamento provocado por estas falhas com as relações precoces, menor será a capacidade de permanecer numa relação que exige a gestão de sentimentos e emoções que não podem ser elaborados pelo sujeito, provocando conflito. Promove-se aqui uma procura constante de um objeto que cumpra a função sem exigir demasiado do *self* estagnado numa posição mais arcaica. Assim, a análise estatística de regressão linear múltipla, demonstra que estes sujeitos “Eufóricos-Idealizantes” são bastante influenciados, num quadro de funcionamento desajustado onde a coesão do *self* é extremamente vulnerável, pela necessidade de admirar alguém a quem possam “sugar” a grandiosidade e as características dignas de admiração, mas onde essa necessidade é evitada pela negação, sobretudo por ser sentida como uma fraqueza que evidencia e expõe a vulnerabilidade narcísica, voltando-se para o outro em forma de agressividade (*Turning Against the Other* (TAO)). Embora também possamos inferir que a partir do momento em que o sujeito

utiliza mecanismos projetivos desajustados há maior probabilidade do sujeito se envolver em relacionamentos do tipo “Eufórico-Idealizante” ou “Evitante-Desnarcisante” (como será referido) uma vez que se trata da passagem ao ato da necessidade de objetos do *self*, que estes sujeitos desenvolveram.

Já os sujeitos com maior tendência a envolverem-se em relacionamentos do tipo “Evitante-Desnarcisante” colocam-se no extremo mais desestruturado no que refere à relação. Seguem a linha dos sujeitos descritos anteriormente, mas num sentido mais patológico, uma vez que evitam a relação, o processo de excelência para promover mudança e estruturação. Estes sujeitos, segundo os resultados, não apresentam qualquer conexão com as representações das práticas parentais (Embu) sugerindo, de acordo com a literatura, que ocorre uma inibição defensiva de funções específicas quando o seu uso está associado a experiências de ansiedade ou desagrado, como a reflexão e o conseqüente contacto com estados mentais perturbadores, relacionados com os seus *objetos do self* (Fonagy, 1994). Stolorow e Atwood (2014) referem mesmo a necessidade de desenvolver mecanismos de defesa contra o afeto para evitar o conflito psicológico e mascarar a vulnerabilidade narcísica. Percebemos através dos resultados obtidos, e da ausência de informações que permitam constituir um trilho de desenvolvimento, que estes sujeitos têm um funcionamento mais do tipo *borderline* (Holmes, 2006), com alguma desrealização, são sujeitos com dificuldade em contar a sua história, contrariamente aos sujeitos “Submissos-Idealizadores”, nos quais se observa uma linha guia da sua evolução. Face ao desenvolvimento deste tipo de funcionamento mais patológico, durante a infância, o sujeito tem a possibilidade de desenvolver as suas capacidades intelectuais, mas não o seu mundo emocional. O intelecto assume uma função de apoio fundamental no fortalecimento dos mecanismos de defesa, mas a perturbação narcísica instala-se e rigidifica-se. Assim, a personalidade permanece fixada na idealização ou nas suas formas mais arcaicas e regressivas, dependendo da fase de desenvolvimento em que ocorreram as experiências traumáticas (Kohut, 1977). Os resultados demonstraram precisamente, e de acordo com os sujeitos “Eufóricos-Idealizantes”, a evidência de necessidade de objetos do *self* idealizados, bem como, o evitamento dessa mesma necessidade. Até mais que para os sujeitos referidos anteriormente, os “Evitantes-Desnarcisantes” sofrem um conflito terrível entre a necessidade de se relacionar com alguém que cumpra a sua função idealizadora e a ameaça avassaladora da repetição das experiências traumáticas da infância rejeitadas, logo, impossíveis de entrar em contacto. A recusa à relação surge como uma estratégia de sobrevivência, já que a intimidade é vivida como fusional e como tal é associada ao sufoco do desaparecimento do próprio (Mesquita, 2013). O evitamento

da necessidade de relação funciona como uma ilusão de estabilidade, grandiosidade e, sobretudo, superioridade em relação ao outro. Mais do que agressividade, comparando com os sujeitos “Eufóricos-Idealizantes” e com os “Submissos-Idealizadores”, uns que a colocam fora e outros que a direcionam para si mesmos, estes sujeitos têm ausência, utilizando mecanismos defensivos de projeção. A dificuldade de contacto com o mundo interno é tal, que colocam tudo fora de si, perdendo a sua capacidade crítica e inundando-se em vazio. Neste sentido, os objetos externos não são reais, mas sim, resultado de projeções maciças de objetos internos não satisfatórios, a quem se deve dirigir indiferença e desconsideração. O sujeito vive num estado de *depressão falhada* (Coimbra de Matos, 1983), pois se não há amor, devido a uma falha empática, também não há possibilidade de o perder.

Em suma, é possível diferenciar um eixo mais estruturado, mais coeso e com maior capacidade relacional, onde há uma maior capacidade reflexiva acerca do mundo afetivo, onde se localizam os sujeitos “Submissos-Idealizadores”, num campo mais da neurose, aos olhos da psicopatologia. Enquanto que o outro eixo é mais desestruturado, onde a coesão do *self* é algo muito vulnerável, não sobrando espaço mental para a relação, esta na verdade é grandemente evitada havendo um profundo distanciamento do mundo afetivo, onde se localizam os sujeitos “Evitantes-Desnarcisantes”, num campo mais da linha *borderline*. Os sujeitos “Eufóricos-Idealizantes” localizam-se num limbo entre eixos, pois se por um lado há a capacidade de estar em relação e alguma capacidade de a pensar, por outro, também se encontra nestes sujeitos uma grande dificuldade no que refere ao mundo afetivo, o outro existe para servir uma função reparadora, desde que sem exigir nada em troca. Nestes últimos dois tipos de relacionamento, encontram-se de base emoções muito negativas, em alguns casos mesmo intoleráveis, no que refere às experiências de relação. Segundo a teoria de Blatt (Campos & Mesquita), o que proporcionaria um desenvolvimento mais saudável e adaptativo seria uma integração positiva de ambos os eixos de relação, ou anaclítico, e de autoconceito, ou introjetivo, dando ao sujeito uma vivência completa de si em co-construção com o outro.

Porém é de salientar que, nos três casos, o foco da resolução do conflito interno dos sujeitos fica localizado no exterior do indivíduo, criando-se uma relação de dependência com o objeto que cumpre a função. No fundo, quando esta autonomia não ocorre, ou seja, quando os *objetos do self* não se tornam internos e são necessários enquanto fontes externas em constante conexão, o indivíduo não desenvolve a sua capacidade de autorregulação, não conseguindo viver este outro como uma entidade separada de si. Procurará, patologicamente, novos objetos que compensem estas falhas, num processo repetitivo e não-transformador. No entanto,

mesmo quando as relações com os objetos do *self* primários são deficitárias e promovem determinado tipo de necessidades internas, o *self*, devido à sua plasticidade saudável, pode procurar objetos compensadores e transformadores, no sentido da *reparação* das falhas provocadas. Estes novos objetos poderão proporcionar as condições para se desenvolver internamente, a partir do ponto em que estacou, por falta de condições relacionais (Mesquita, 2013). Acreditamos na capacidade do sujeito para se construir e se transformar, independentemente da sua história, e que novos objetos podem ser extremamente transformadores de experiências menos positivas com os objetos do *self* primários. Neste estudo, se por um lado consideramos a evolução de quadros mais desajustados face a experiências negativas na infância, sendo nosso objetivo exaltar a importância dessas mesmas experiências no desenvolvimento do sujeito. Por outro, queremos realçar a ação e a vontade do sujeito em se transformar, e tomar as suas decisões sem ficar determinado e confinado a determinadas experiências turbulentas. De acordo com os resultados, consideramos ter tido em conta e demonstrado ambas as fações do desenvolvimento, já que muitos dos sujeitos da amostra nos contaram o seu padrão de desenvolvimento como esperado, mas estes não foram a totalidade da amostra, podendo-se inferir a existência de sujeitos que mesmo tendo características para enveredar num relacionamento amoroso desajustado, não o fizeram, pois em alguma parte do seu processo de desenvolvimento encontraram algum mecanismo adaptativo para fazer face à adversidade, não ficando determinados. Como nos diz Coimbra de Matos (1983), só um verdadeiro amor, uma paixão, podem renovar o sentir conduzindo à continuidade do desenvolvimento do ser.

Parte III – Considerações Finais

Principais Conclusões

Através deste estudo podemos salientar como principais conclusões, a importância das relações com os *objetos do self* e o papel fundamental que estas têm no desenvolvimento do Eu do sujeito, muitas vezes, não pela representação que se instala mas pela necessidade profunda que essa representação desenvolve. Podemos, sobretudo, salientar o papel fundamental que o sujeito tem na sua construção a partir da relação com outro e com a possibilidade de elaboração dessa própria relação. Sabemos que são necessárias determinadas bases relacionais para o sujeito desenvolver competências de *ser*, ser com o outro e ser sozinho, nomeadamente, competências ao nível da autorregulação e de um profundo contacto com o mundo emocional e afetivo, de modo a conseguir elaborá-lo. Sendo que, este

outro pode ser encontrado nas mais variadas figuras ao longo do desenvolvimento do sujeito. E ainda, do papel de ação e dinamismo do sujeito na sua própria construção, não estando o mau desempenho de um outro significativo diretamente associado ao seu próprio desenvolvimento desajustado. Gostamos de pensar que somos parte responsáveis por aquilo que somos, pois em última instância, somos nós que trabalhamos e tomamos decisões com aquilo que nos deram.

Sujeitos com relacionamentos amorosos desajustados, sejam de que tipo for, são, com variados níveis, carentes de oportunidades relacionais saudavelmente compensadoras, relações de reciprocidade e complementaridade, onde surja um outro diferente de qualquer outro, que o acolha incondicionalmente e em simultâneo o limite, na sua parte mais insana, mais maligna. E embora os seus recursos se tenham, muitas vezes, limitado com as repetidas experiências negativas, acreditamos na transformação que a relação positiva pode promover, mesmo que de um modo limitado.

Com este estudo é possível ver um percurso de evolução do *self* que poderá ser um contributo muito positivo para a intervenção psicológica já que será possível, de um modo mais direcionado, estar atento a sinais de desajuste relacional que se sabe poderem ter uma influência nefasta nos futuros relacionamentos. Devendo, portanto, ser esses pontos de desajuste, os focos mais urgentes de transformação.

Consideramos também que mesmo que a prática clínica demonstre, maioritariamente, o desenvolvimento de quadros mais patológicos ao nível dos padrões relacionais, quando se juntam determinadas características na história de desenvolvimento do sujeito, nomeadamente, o desenvolvimento de falhas provenientes das experiências com os objetos do *self*, não deve ser tido em consideração qualquer quadro teórico determinista no momento da intervenção psicológica. Aqueles que nos chegam são únicos e jamais vestirão a roupa transformacional de qualquer outro. Com isto queremos salientar a importância da individualidade do sujeito, da sua história e dos recursos que tem para lhe reagir.

Limitações

No que refere às limitações do estudo, há algumas questões a evidenciar. A primeira limitação prende-se com a extensão dos questionários aplicados, pois, para além, de muitas pessoas terem desistido do seu preenchimento, não aumentando a amostra como desejável, as que preencheram podem ter comprometido a validade de algumas respostas devido ao cansaço e monotonia da tarefa. A segunda limitação tem que ver com a dificuldade, sentida pelos participantes, no preenchimento da prova DMI, que não puderam ser esclarecidas a quem preencheu no formato *online*, levando

à eliminação de vários questionários. A terceira limitação prende-se também com a prova DMI, uma vez que a sua cotação tem de ser realizada manualmente, resposta a resposta, o que exigiu bastante tempo e pode evidenciar mais falhas de cotação do que um programa estatístico. A quarta limitação refere-se às características de género da amostra, uma vez que há, consideravelmente, um número superior de mulheres do que de homens podendo limitar a validade de alguns resultados, que se modificariam no caso dos homens se estes estivessem representados em maior número, nomeadamente na questão de investigação 1.

Futuras investigações

A partir do que foi desenvolvido anteriormente, seria interessante desenvolver mais estudos no sentido de colmatar as limitações amostrais, por exemplo, mas também no sentido de otimizar cada vez mais a intervenção psicológica, no geral, já que muitos dos casos clínicos têm por base falhas ao nível do desenvolvimento relacional, mas também em específico na área dos relacionamentos amorosos. Assim, as sugestões que consideramos pertinentes para futuras investigações nesta linha teórica, passariam sempre pela otimização das características amostrais, nomeadamente: Aumentar o número da amostra, sobretudo o número de sujeitos do género masculino; aumentar o número de sujeitos mais velhos, por se esperar que tenham mais experiências relacionais e de modo a igualar o número de sujeitos mais novos; ter na amostra, maioritariamente, sujeitos que se encontrem, presentemente, numa relação amorosa, uma vez que a experiência emocional e o significado que lhe é atribuído estão mais presentes no momento da resposta. Devendo ser a recolha de dados para a amostra, algo do tipo aleatório sistemático, de modo a ficar o mais representativa possível da população, incluindo franjas populacionais. Referente à análise estatística, *stricto sensu*, e de acordo com a grande possibilidade de relação entre as diversas variáveis consideradas, muitas novas análises podem ser realizadas a partir da presentemente desenvolvida, nomeadamente, cruzamento de novas variáveis mais relacionadas aos tipos de relacionamento “Eufórico-Idealizante” e “Evitante-Desnarcizante” e análises regressivas de trajetórias (*Path Analysis*) de modo a melhor analisar este percurso de desenvolvimento.

Para além destes aspetos, consideramos que o objetivo principal de uma futura investigação seria investigar quais os elementos que permitem determinadas pessoas, com falhas ao nível do desenvolvimento do *self*, conseguirem transformar-se e construir-se num sentido positivo e adaptativo na relação com o outro. Descobrir o tipo de recursos desenvolvidos para uma gestão adaptativa de experiências que provocaram falhas de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

- Abelin, E. (1975). Some further observations and comments on the earliest role of the father. *International Journal of Psycho-Analysis*, 56, 293-302.
- Ainsworth, M.; Blehar, M.; Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. New York and London: Psychology Press.
- American Psychological Association [APA] (2003). *Ethical principles of psychologists and code of conduct*. Washington, DC: American Psychological Association Publications. Retirado de <http://www.apa.org/ethics/code/principles.pdf>.
- Arrindell, W., Perris, C., Eisemann, M., van der Ende & von Knorring, L. (1986). Cross-national generalizability of patterns of parental rearing styles behaviour: invariance of EMBU dimensional representations of healthy subjects from Australia, Denmark, Hungary, Italy and The Netherlands. *Personality and Individual Differences*, 7, p. 103-112.
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coord.) *Vinculação, Conceitos e Aplicações*, (pp. 147-157). Tradução de E. Pestana, Lisboa: Climepsi, 2004, (ed. Original, 2002, Paris: Masson).
- Atwood, G. & Stolorow, R. (2014). *Structures of Subjectivity. Explorations in Psychoanalytic Phenomenology and Contextualism*. London NY: Routledge. 2ed.
- Balint, M. (1993). A falha básica: Aspectos terapêuticos da regressão (F.F. Setineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1968).
- Banai, E., Mikulincer, M. & Shaver, P. (2005). "Selfobject" needs in Kohut's self psychology. *Psychoanalytic Psychology*, 22 (2), 224-260.
- Beebe, B., Jaffe, J. & Lachmann, F. (1992). The contribution of the mother-infant influence to the origins of *Self-* and object-representations. In: *Relational perspectives in psychoanalysis*, ed. N. Skolnick & S. Warshaw. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Beebe, B. & Lachmann, F. (1992). A dyadic systems view of communication. In: *Relational perspectives in psychoanalysis*, ed. N. Skolnick & S. Warshaw. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Beebe, B. & Lachmann, F. (2002). *Infant Research and Adult Treatment: Co-Constructing Interactions*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Beebe, B. & Lachmann, F. (2003). The relational turn in psychoanalysis: A dyadic systems view from infant research. *Contemporary Psychoanalysis*, 39(3), 379–409.
- Beebe, B. & Lachmann, F. (2014). *The origins of attachment. Infant reaserch and adult treatment*. New York: Routledge Ed.

- Belo, R. (2014, novembro). *Amor Parental*. Comunicação apresentada nas Actas do Colóquio Encontro com (o) amor – percursos, expressões e desenvolvimento, Évora, Portugal, 49-63.
- Benjamin, J. (1995). *Like subjects, love objects*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Bergmann, M. (1987). *The anatomy of loving. The story of man's quest to know what love is*. New York: Fawcett Columbine.
- Bettelheim, B. (1967). *The empty fortress: Infantil autismo and the birth of the self*. New York: The Free Press.
- Bion, W. (1963). *Elements of psycho-analysis*. London: Heinemann Ed.
- Blatt, S. & Zuroff, D. (2001). Anaclitic (sociotropic) and introjective (autonomous) dimensions. *Psychotherapy*, 38(4), 449-454.
- Bollas, C. (1997). *La sombra del objeto*. Buenos Aires: Amorrortu Ed.
- Bromberg, P. (1983). The Mirror and the Mask—On Narcissism and Psychoanalytic Growth. *Contemporary Psychoanalysis*, 19, 259-287.
- Bromberg, P. (1996). Standing in the spaces: The multiplicity of self and the psychoanalytic relationship. *Contemporary Psychoanalysis*, 32, 509-535.
- Bromberg, P. (2008). Shrinking the tsunami: Affect-regulation, dissociation, and the shadow of the flood. *Contemporary Psychoanalysis*, 44, 329–50.
- Bromberg, P. (2011). *The Shadow of the tsunami*. New York and London: Routledge Ed.
- Bromberg, P. (2012). Credo. *Psychoanalytic Dialogues*, 22, 273 – 278.
- Brown, J. (1999). Bowen family systems theory and practice: Illustration and critique. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 20 (2), 94-103.
- Bucci, W. (2009). The Sleeping analyst, the waking dreams: Commentary on papers by Richard Chefetz and David Mark. *Psychoanalytic Dialogues*, 19, 415 - 425.
- Câmara, P. (2014, novembro). *Amor na infância*. Comunicação apresentada nas Actas do Colóquio Encontro com (o) amor – percursos, expressões e desenvolvimento, Évora, Portugal, 63-73.
- Canavarro, M. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Carneiro, T. (1983). *Família: Diagnóstico e terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- Carneiro, T. (1994). Diferentes abordagens em terapia de casal: Uma articulação possível?. *Temas em Psicologia*, 2, 53-63.
- Cavallo, M. & Robins, A. (1980). Understanding an object relations theory through a psychodynamically oriented expressive therapy approach. *The Arts in Psychotherapy*, 7, 113-123.

- Coderch, J. (2011). La práctica de la psicoterapia relacional. El modelo interactivo en el campo del psicoanálisis. *Clínica e Investigación relacional*, 5(1), 188-206.
- Coimbra de Matos, A. (1983). Textos sobre narcisismo, depressão e masoquismo. *Análise psicológica*, 4(3), 409-424.
- Coimbra de Matos, A. (1988). Reparação Narcísica. *Jornal do Médico*. Porto: Costa Carregal.
- Coimbra de Matos, A. (1996). *Percursos da Identidade: Processos transformadores*. In *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica* (2006), 215-224, Climepsi Ed.
- Coimbra de Matos, A. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Coimbra de Matos, A. (2009). O jogo do amor na psicanálise e na vida. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 29(2), 169-177.
- Coimbra de Matos, A. (2012). *Mais amor menos doença: A psicossomática revisitada*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Coppolillo, H. (1987). *Psychodynamic Psychotherapy of Children - An introduction to the art and the techniques*. Madison: I.University Press.
- Costa, L. F. (2002). *Violência intrafamiliar: construção de metodologia de grupos multifamiliares no contexto do abuso sexual infantil (Projeto de pesquisa)*. Brasília: Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília.
- Demos, V. (1992). The early organization of the psyche. In: J. Barron, M. Eagle, & D. Wolitzky (Eds.), *Interface of psychoanalysis and psychology*, 200–230. Washington, DC: American Psychological Association.
- Erikson, E. (1956). The problem of ego identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 4, 56-121. DOI: 10.1177/000306515600400104.
- Fairbairn, W. (1952). *Psychoanalytic studies of the personality*. London: Tavistock Ed.
- Fisher, J. (2005). *The Uninvited Guest. Emerging from Narcissism towards Marriage*. Tavistock Institute of Marital Studies. London: Karnac.
- Fonagy, P.; Steele, M.; Steele, H; Moran, G. & Higgitt, A. (1991). The capacity for understanding mental states: The reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant Mental Health Journal*, 12(3), 201-218.
- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Higgitt, A. & Target, M. (1994). The theory and practice of resilience. *Journal of Child Psychology Psychiatry*. 35 (2), 231-257.
- Fonagy, P. (2000). Attachment and borderline personality disorder. *JAPA*, 48(4), 1129-1146.
- Fonagy, P. & Target, M. (2002). Early intervention and the development of self-regulation. *Psychoanalytic Inquiry: A Topical Journal for Mental Health Professionals*, 22(3), 307-335, DOI: 10.1080/07351692209348990.

- Fortin, M. F. (2003). *O processo de investigação: da concepção à realização* (3ª ed.). Loures: Lusociência.
- Freud, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre : Artmed Ed.
- Freud, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed, vol. XIV, 83-119.
- Freud, S. (1915). *Os instintos e as suas vicissitudes*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed, vol. XIV, 117-144.
- Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed, vol. XVIII, 17-75.
- Freud, S. (1926). *Inhibitions, symptoms, and anxiety: Standard Edition, 77–175*. London: Hogarth Press, 1959.
- Gleser, G. & Ihilevich, D. (1969). An objective instrument for measuring defense mechanisms. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33(1), 51-60.
- Ihilevich, D. & Gleser, G. (1986). *Defense mechanisms: Their classification and measurement with the defense mechanisms inventory*. DMI Associates, Owosso.
- Greenberg, J. & Mitchell, S. (2003). *Relações de objeto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Hedges, L. (2012). *Making love last: Creating and maintaining intimacy in long-term relationships*. USA: International Psychotherapy Institute E-Books.
- Heimann, P. (1956). Dynamics of transference interpretations. *International Journal of Psychoanalysis*, 37, 303-310.
- Hochman, B., Nahas, F. X., Oliveira Filho, R. S., & Ferreira, L. M. (2005). Desenhos de pesquisa. *Acta Cirurgica Brasileira*, 20 (2), 2-9. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>.
- Holmes, J. (2006). *The search of the secure base. Attachment theory and psychotherapy*. London: Routledge.
- Horst, F. & Veer, R. (2008). Loneliness in infancy: Harry Harlow, John Bowlby and issues of separation. *Integr Psych Behav*. 42, 325-335. DOI 10.1007/s12124-008-9071-x.
- Isaacs, S. (1948). The nature and function of phantasy. *International Journal of Psycho-Analysis*, 29, 73-97.
- Japur, C. (2003). Construcionismo social e metapsicologia: Um diálogo sobre o conceito de self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.19 (2), 135-143.

- Justo, J., Melo, V. & Ferreira, A. (2010). Defense mechanisms of infertile couples vs. fertile couples. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2, 433-442.
- Klein, M. (1934). *A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states*. London: Hogarth, 282 – 310.
- Klein, M. (1929). *Infantile anxiety-situations reflected in a work of art and in the creative impulse*. London: Hogarth, 227 – 235.
- Klein, M. (1973). O desmame. In *A educação de crianças à luz da investigação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Kohut, H. (1966). Forms and transformations of narcissism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 14, 243-272.
- Kohut, H. (1977). *The restoration of the self*. London: The University of Chicago Press.
- Kohut, H. (1978). *The search for the self*. London: International Universities Press.
- Lassri, D., Luyten, P., Cohen, G. & Shahar, G. (2016). The effect of childhood emotional maltreatment on romantic relationships in young adulthood: A double mediation model involving self-criticism and attachment. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*. 8 (4), 504-511.
- Leone, C. (2008). Couple therapy from the perspective of self psychology intersubjectivity theory. *Psychoanalytic Psychology*, 25(1), 79-98. DOI: 10.1037/0736-9735.25.1.79.
- Livingston, J. (1996). Love and illusion. *Psychoanalytic Quarterly*, 65(3), 548-560.
- Machado, C. (Novembro de 2000). *O afecto na adolescência*. Comunicação apresentada no II Encontro do Afecto, Associação de Profissionais de Saúde dos Países de Língua Portuguesa. Coimbra.
- Mahler, M. (1967). On human symbiosis and the vicissitudes of individuation. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 15 (4), 740-763. <http://dx.doi.org/10.1177/000306516701500401>.
- Main, M. & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying disorganized/disoriented infants during the ainsworth strange situation. In M. Greenberg, D. Cicchetti & M. Cummings (eds), *Attachment in the preschool years*. Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M. (1995). Recent studies in attachment: Overview with selected implications for clinical social work. In: *Attachment theory*, ed. S. Goldberg, R. Muir & J. Kerr. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Manzano, J.; Espaza, P. & Zilkha, N. (1999). The narcissistic scenarios of parenthood. *International Journal of Psycho-Analysis*, 80 (3), 465-476.

- Marôco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Lisboa: Report Number.
- Mesquita, I. (2013). *Disfarces de Amor: Relacionamentos Amorosos e Vulnerabilidade Narcísica*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Mesquita, I. (2016). *Relacionamentos amorosos como experiências de ser e de não ser. Uma leitura psicanalítica da função no Self do relacionar amoroso e da repetição*. Trabalho apresentado à Comissão de Ensino da Associação portuguesa de psicanálise e psicoterapia psicanalítica para obtenção do grau de membro Titular.
- Mitchell, S. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Mitchell, S. (2000). *Relationality. From Attachment to Intersubjectivity*. U. S: Analytic Press.
- Mollon, P. (1985). The non-mirroring mother and the missing paternal dimension in a case of narcissistic disturbance, *Psychoanalytic Psychotherapy*, 1(2), 35-47, DOI: 10.1080/02668738500700141.
- Mollon, P. (2002). *Shame and jealousy the hidden turmoils*. London: Karnac Ed.
- Mollon, P. (2006). *The fragile self. The structure of narcissistic disturbance*. London: Whurr Ed.
- Nogueira, R. (2002). *Elaboração e análise de questionários: uma revisão da literatura básica e a aplicação dos conceitos a um caso real*. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD.
- Ogden, T. (1982). *Projective identification and psychotherapeutic technique*. New Jersey: Jason Aronson Inc. Ed.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011). Regulamento nº 258/2011 de 20 de abril. *Diário da República - 2ª Série, Nº 78*. Retirado de https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/caodigo_deontolaogico.pdf.
- Ornstein, P. (2011). *The search for the self: Selected writings of Heinz Kohut: 1950-1978*. (3rd. Ed.). London: Karnak Books Ltd.
- Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes Ed.
- Pocinho, M. (2014). *O livro que explica a estatística que precisa em 13 aulas ibm spss & excel*. Instituto Superior Miguel Torga. Margarida Pocinho Ed.
- Rabello, E. & Passos, J. *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 05 de Dezembro de 2016.

- Robinson, O. (2014). Sampling in interview-based qualitative research: A theoretical and practical guide. *Qualitative Research in Psychology*, 11, 25– 41.
- Ronningstam, E. (2005). *Identifying and Understanding the Narcissistic Personality*. New York: Oxford University Press.
- Sandler, J. (1987). *From Safety to superego*. London: Karnac.
- Seligman, S. (1999) Integrating kleinian theory and intersubjective infant research observing projective identification, *Psychoanalytic Dialogues: The International Journal of Relational Perspectives*, 9 (2), 129-159, DOI: 10.1080/10481889909539311
- Shadish, W., Cook, T. & Campbell, D. (2002). *Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference*. U.S.A.: Houghton Mifflin Company.
- Schore, A. (2014). The right brain is dominant in psychotherapy. *Psychotherapy*, 51(3), 388–397. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/a0037083>.
- Schore, A. (2016). *Affect regulation and the repair of the Self*. New York: Norton.
- Schore, J. & Schore, A. (2007). Modern attachment theory: The central role of affect regulation in development and treatment. *Clinical Social Work Journal*. DOI 10.1007/s10615-007-0111-7.
- Spinoza, B. (2003). *Ética; demonstrada à maneira dos geômetras*. São Paulo: Editora Afiliada.
- Stern, D. (1985). *The interpersonal world of the infant*. New York, NY: Basic Books.
- Stern, D. (2004). *The present moment in psychotherapy and everyday life*. New York: W.W. Norton & Company.
- Stolorow, R. & Atwood, G. (1992). *Contexts of being: the intersubjective foundations of psychological life*. New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Stolorow, R., Brandchaft, B. & Atwood, G. (1995). *Psychoanalytic treatment: An Intersubjective Approach*. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Stolorow, R. & Atwood, G. (1996). The intersubjective perspective. *The Psychoanalytic Review*. 83, 181-194.
- Summers, F. (2012). Creating new ways of being and relating. *Psychoanalytic Dialogues*. 22, 143-161.
- Summers, F. (2013), *Self Creation. Psychoanalytic Therapy and the art of the possible*. New York and London:Routledge.
- Trevarthen, C. (1993). The self born in intersubjectivity: An infant communicating. In U. Neisser (Ed.), *The perceived self* (pp. 121-173). New York: Cambridge University Press.

- Veríssimo, R. (2002). *Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)*. Porto: Faculdade de Medicina do Porto.
- Winnicott, D. (1945). Primitive emotional development. *The International Journal of Psychoanalysis*, 26, 137-143.
- Winnicott, D. (1958). *A família e o desenvolvimento individual*. Wmf Martins Fontes Ed.
- Winnicott, D. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development*. London: Hogarth Ed.
- Winnicott, D. (1971). The use of an object and relating through identifications. In *Playing and reality*. London, UK:Routledge. (Original work published 1969).
- Yalom, I. (2016). *A psicologia do amor* (L. Coimbra, Trad.). Porto Salvo: Ed. Saída de Emergência. (Obra original publicada em 1989).
- Zimerman, D. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica, uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (2004). *Manual de técnica psicanalítica. Uma revisão*. Porto Alegre: Artmed Ed.
- Zorning, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470.

Anexos

Anexo i) Cronograma

Dias/ Meses	Outubro	Novembr o	Dezembr o	Janeir o	Fevere iro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembr o
1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												
12												
13												
14												
15		Projeto Tese										
16												
17												
18												
19												
20												
21												
22												
23												
24												
25												
26												Entrega Final
27												
28												
29												
30												
31												

Legenda:

- Enquadramento teórico e Questões de Investigação
- Escrever Metodologia e Recolher dados
- Análise dos Dados
- Escrever Resultados
- Escrever Discussão
- Ajustes conforme as Normas APA

Anexo ii) Análise Descritiva da Amostra -Tabelas de Resultados

Tabela 1. Variável Género na Amostra

	Frequência	%
Feminino	108	78.8
Masculino	29	21.2
<i>N</i>	137	100

Tabela 2. Variável Idade na Amostra

Medidas de Localização		
Média (<i>M</i>)	26.43	-
Moda (<i>Mo</i>)	19	-
Mediana (<i>Ma</i>)	24	-
Mínimo	18	-
Máximo	45	-
Medidas de Dispersão		
Desvio Padrão (σ)	7.926	-
Variância	62.821	-
Medidas de Assimetria e Achatamento		
Skewness (g)	0.976	Erro padrão de skewness 0.207
Kurtosis (κ)	-0.382	Erro padrão de kurtosis 0.411

Tabela 3. Variável Escolaridade na Amostra

	Ensino Básico	Ensino Secundário	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
Frequências	0	65	2	49	20	1
%	0	47.4	1.5	35.8	14.6	0.7

Figura 1. Gráfico representativo da variável Profissão da Amostra

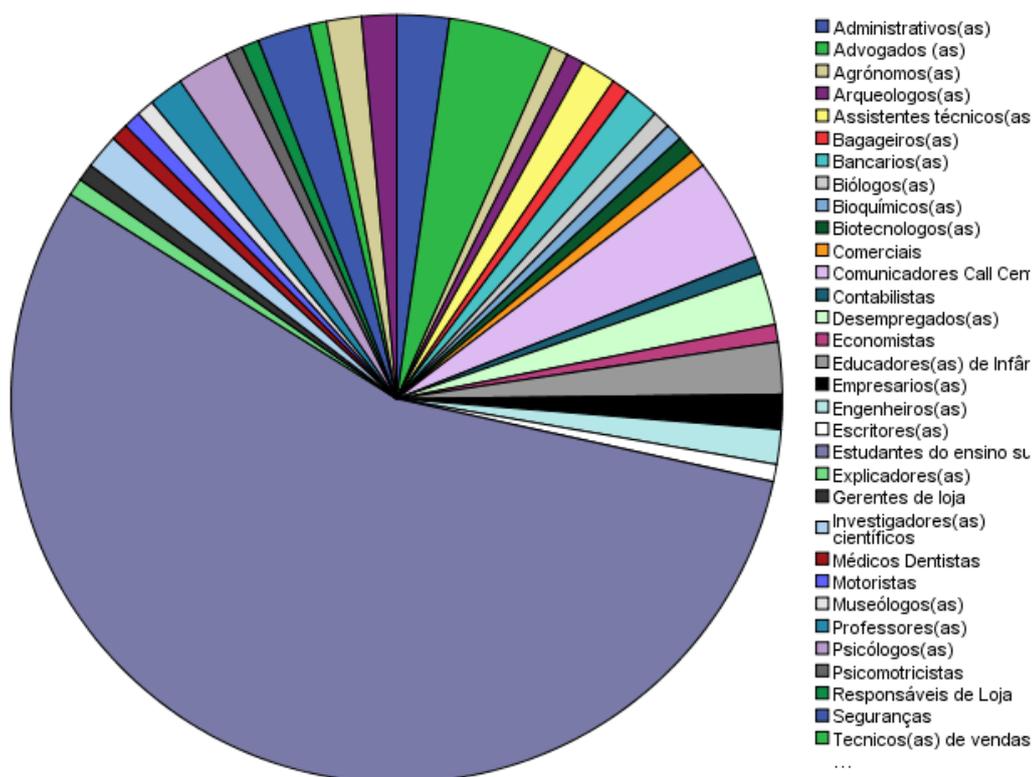


Tabela 4. Variáveis Ter Relação Amorosa, Nº de Relações Amorosas e Duração das Relações Amorosas na Amostra

	Frequências	%
Ter Relação Amorosa		
Sim	95	69.3
Não	42	30.7
Nº de Relações Amorosas		
1-3	99	72.4
4-7	33	24.1
8-10	4	2.9
Mais	1	0.7
Duração das Relações Amorosas		
Dias	1	0.7
Semanas	6	4.4
Meses	41	29.9
Anos	89	65

Tabela 5. Variável Representação da Infância na Amostra

	Frequências	%
A Melhor	21	15.3
Feliz	86	62.8
Pouco Significativa	5	3.6
Conturbada	25	18.2

Anexo iii) Análise Descritiva dos Instrumentos – Tabelas de Resultados**Tabela 6.** Estatística Descritiva do Instrumento EMBU

	Média (<i>M</i>)	Desvio Padrão (σ)	Valor Superior
			24.01
Suporte Emocional Pai	18.62	5.39	
Suporte Emocional Mãe	20.57	4.59	25.16
Sobreproteção Pai	13.18	2.74	15.92
Sobreproteção Mãe	14.88	3.71	18.59
Rejeição Pai	10.27	2.75	13.02
Rejeição Mãe	13.34	4.49	17.83

Tabela 8. Estatística Descritiva do Instrumento SONI

	Média (<i>M</i>)	Desvio Padrão (σ)	Valor Superior
Necessidade Objetos Gêmeos	4.72	4.36	9.08
Evitamento Necessidade Objetos Gêmeos e Idealizados	2.27	0.81	3.08
Necessidade Objetos Idealizados	3.53	0.86	4.39
Necessidade Objetos	3.90	1.01	4.91

Espelho

Evitamento Necessidade Objetos Espelho	3.32	0.98	4.30
---	------	------	------

Tabela 10. Estatística Descritiva do Instrumento DMI

	Género Feminino			Género Masculino		
	Média (M)	Desvio Padrão (σ)	Valor Superior	Média (M)	Desvio Padrão (σ)	Valor Superior
<i>Turning Against the Object</i> (TAO)	34.69	9.10	43.79	37.80	10.02	47.82
<i>Projection</i> (PRO)	40.09	5.57	45.66	43.33	5.86	49.19
<i>Principalization</i> (PRN)	47.79	6.69	54.48	46.15	6.34	52.49
<i>Turning Against the Self</i> (TAS)	37.03	5.97	43	33.92	5.92	39.84
<i>Reversal</i> (REV)	40.69	7.38	48.07	38.84	7.58	46.42

Nota. Valores facultados pelo autor da versão Portuguesa do instrumento

Tabela 12. Estatística Descritiva do Instrumento ITRA

	Género Feminino		Género Masculino	
	Média (M)	Desvio Padrão (σ)	Média (M)	Desvio Padrão (σ)
Submisso-Idealizador	2.69	0.555	2.79	0.579
Eufórico-Idealizante	2.16	0.445	2.23	0.492
Evitante-Desnarcisante	1.97	0.453	1.99	0.566

Anexo iv) Análise de Inferência Estatística – Tabelas de Resultados

Tabela 14. Teste *Brown-Forsythe* para as variáveis “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”

Variáveis	p-value (p)
Rejeição Pai	0.004**

Nota. ** Diferença de médias com nível de significância de 0.001 ($\alpha = 0.001$).

Tabela 15. Teste de *Tukey* HSD para a influência das categorias da variável “Representação da Infância” nas variáveis “Rejeição Pai” e “Rejeição Mãe”

Variáveis	Categorias		Diferença de Médias Significativas*
	“Representação da Infância”	Média (M)	
Rejeição Pai	A Melhor	9	-2.440 a
	Feliz	10.24	b
	Pouco Significativa	10.20	b
	Conturbada	11.44	2.440 a
	Global	10.27	-
Rejeição Mãe	A Melhor	10.67	-7.493 a
	Feliz	12.60	-5.555 c
	Pouco Significativa	13	-5.160 d
	Conturbada	18.16	a, c, d
	Global	13.34	-

Nota. * Diferença de médias com nível de significância de 0.05. **a** Diferença significativa entre as categorias “A Melhor” e “Conturbada”. **b** Não existem diferenças significativas. **c** Diferença significativa entre as categorias “Feliz” e “Conturbada”. **d** Diferença significativa entre as categorias “Pouco Significativa” e “Conturbada”.

Tabela 16. Teste ANOVA *one-way* para a variável “*Turning Against the Self* (TAS)” em relação às categorias da variável “Duração da Relação”

Variável <i>Turning Against the Self</i> (TAS)	F	ANOVA <i>p-value</i> (p) entre grupos
Entre Grupos	6.289	0.001**

Nota. ** Diferença de médias com nível de significância de 0.001 ($\alpha = 0.001$).

Tabela 17. Testes *t-Student* para a variável “Turning Against the Self (TAS)” em relação às categorias da variável “Duração da Relação”

Variáveis		N	Média (M)	<i>t-Student</i> <i>p-value</i> (p) para a homogeneidade de variâncias
Turning Against the Self (TAS)	Dias	1	51	0.0301*
	Semanas	6	43.50	
	Meses	41	39.80	0.004*
	Anos	89	36.38	

Nota. * Diferença de médias com nível de significância de 0.05 ($\alpha = 0.05$).

Tabela 18. Teste *t-Student* para a variável “Tipo de relacionamento Amoroso Submisso-Idealizador” em relação às categorias da variável “Idade”

Variáveis		Média (M)	<i>t-Student</i> <i>p-value</i> (p) para a homogeneidade de variâncias
Tipo de relacionamento Amoroso Submisso- Idealizador	18 aos 30 anos	2.78	0.006*
	31 aos 45 anos	2.49	
	Global	2.71	

Nota. * Diferença de médias com nível de significância de 0.05 ($\alpha = 0.05$).

Tabela 19. Teste ANOVA *one-way* para a variável “Tipo de Relacionamento Amoroso Eufórico-Idealizante” em relação às categorias da variável “Nº de Relações Amorosas”

Variável Tipo de Relacionamento Amoroso Eufórico-Idealizante	F	ANOVA <i>p-value</i> (p) entre grupos
Entre Grupos	4.97	0.003**

Nota. ** Diferença de médias com nível de significância de 0.01 ($\alpha = 0.01$).

Anexo iv) Termo de Consentimento Informado

Exm.º(a) Senhor(a)

O presente estudo, é realizado no âmbito académico, com o fim de obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica na Universidade de Évora.

Este estudo pretende recolher informação acerca das representações parentais na infância e de que forma, estas, influenciam a escolha do par amoroso na vida adulta.

São condições necessárias à sua participação nesta investigação: (1) ter idade compreendida entre os 18 e os 45 anos, **(2)** ter mantido ou manter uma relação amorosa e **(3)** ser de nacionalidade portuguesa.

A participação neste estudo é inteiramente **voluntária**. O participante tem a possibilidade, de negar a participação ou de se retirar, sem qualquer prejuízo. O tratamento dos dados recolhidos será totalmente **confidencial e anónimo**.

Por favor, seja sincero/a nas respostas e não escreva o seu nome em nenhuma das folhas. Preencha os questionários na sua totalidade, caso contrário, ficarão inviabilizados para o estudo em questão.

Declaro que tomei conhecimento do objetivo deste estudo e dos procedimentos pedidos. Fui esclarecido/a acerca de todos os aspetos importantes e não tenho qualquer dúvida.

Fui informado/a que a participação é voluntária e sei que tenho liberdade de recusar/desistir sem qualquer penalização. Assim, aceito participar neste projeto.

Data: ____/____/____

**A sua colaboração é fundamental para a realização deste estudo.
Agradeço desde já a sua participação!**

Margarida Sampaio da Silva

Caso surja alguma dúvida pode entrar em contacto através do e-mail:
margaridasampaiodasilva@gmail.com

Anexo v) Questionário Sociodemográfico

Sexo Masculino Feminino

Idade _____ anos

Nível de Escolaridade Ensino Básico Ensino Secundário
Bacharelato Mestrado
Licenciatura Doutoramento

Profissão _____

Encontra-se numa relação?

Sim

Não

Quantas relações amorosas já teve?

1-3

4-7

8-10

Mais

Qual a duração média das suas relações?

Dias

Semanas

Meses

Anos

Complete a frase: *A minha infância foi...*

A melhor

Feliz

Pouco significativa

Conturbada

Anexo vi) Memórias de Infância (EMBU)

(Versão Portuguesa Autorizada: MC. Canavarro, 1996)

Por favor, leia atentamente as instruções:

Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões acerca da sua infância e adolescência.

É importante lembrar-se dos comportamentos dos seus pais em relação a si, tal como os recorda, até ter 16 anos de idade. Mesmo que seja difícil lembrarmo-nos de como os nossos pais se comportavam em relação a nós, quando eramos crianças e adolescentes, temos certas memórias dos princípios por eles usados na nossa educação.

Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Resposta separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando, para cada questão. Um X num dos quadrados em frente a Pai, para avaliar o comportamento do seu pai e outro num dos quadrados em frente a Mãe, para avaliar o comportamento, da sua mãe.

Por exemplo:		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
Os meus pais eram amáveis comigo		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1. Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os meus pais elogiavam-me		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os meus pais deram-me mais castigos físicos do que eu merecia		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os meus pais contribuíram para que a adolescência fosse uma época de aprendizagens importantes, na minha vida		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Os meus pais criticavam-me à frente dos outros		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Os meus pais proibiam-me de fazer coisas que as outras crianças eram permitidas por terem medo que me pudesse acontecer alguma coisa		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
9. Os meus pais incentivavam-me a sobressair em tudo o que eu fazia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais faziam-me sentir culpado por os tratar mal	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me pudesse acontecer era exagerada	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Se as coisas me corressem mal, eu sentia que os meus pais me tentavam confortar e encorajar	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu era tratado(a) como a «ovelha ranhosa» ou como o «bode expiatório» da família	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu sentia que os meus pais gostavam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os meus pais faziam-me sentir vergonha de mim mesmo	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus pais não se preocupavam muito com as minhas saídas	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sentia que os meus pais interferiam com tudo aquilo que eu fazia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentia que havia ternura, entre mim e os meus pais	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os meus pais estipulavam limites sobre o que me era permitido e sobre o que não me era permitido fazer, que seguiam rigorosamente	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Os meus pais castigavam-me mesmo por pequenos erros	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os meus pais é que decidiam sobre como eu me devia vestir ou parecer	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu sentia que os meus pais ficavam orgulhosos quando eu era bem-sucedido(a) em qualquer coisa na qual me havia empenhado	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo vii) Inventário de Necessidades de Objetos do Self (SONI)

(Versão Portuguesa Autorizada: I. Mesquita, 2012)
(E. Banai; M. Mikulincer & P. Shaver, 2005)

As seguintes afirmações dizem respeito ao que as pessoas procuram nas suas relações sociais, nas relações de intimidade e nas atividades de grupo.

Por favor, leia cada uma das afirmações e indique em que medida está de acordo, utilizando a escala.

1. Sinto-me magoado/a quando os meus sucessos não são suficientemente admirados.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

2. É importante para mim estar junto de pessoas que estão na mesma situação que eu.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

3. Quando tenho um problema é-me difícil aceitar sugestões mesmo de pessoas mais experientes.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

4. A ligação a pessoas de sucesso faz-me sentir também uma pessoa de sucesso.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

5. Não necessito do elogio dos outros.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

6. Não me envolvo com pessoas que tenham problemas idênticos aos meus.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

7. Fico desapontado/a quando o meu trabalho não é apreciado.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

8. Procuo pessoas que partilhem dos meus valores, opiniões e actividades.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

9. Tenho dificuldade em aceitar orientações, mesmo das pessoas que respeito.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

10. Identifico-me com pessoas famosas.

Completamente em desacordo							Completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

11. Não funciono bem em situações em que recebo muito pouca atenção.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

12. Sinto-me bem ao saber que faço parte de um grupo de pessoas que partilham um estilo de vida particular.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

13. Sinto-me mal comigo mesmo/a depois de ser ajudado/a por outras pessoas mais experientes.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

14. Para mim é importante sentir que eu e um amigo chegados estamos "no mesmo barco".

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

15. Quando faço algo, não necessito do reconhecimento dos outros.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

16. Aborrece-me estar em relações próximas com pessoas idênticas a mim.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

17. Sinto atracção por pessoas de sucesso.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

18. Não sinto qualquer necessidade de me vangloriar dos meus sucessos.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

19. Sinto-me melhor comigo mesmo/a quando estou na companhia de peritos.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

20. Prefiro não ser amigo/a de pessoas que são demasiado idênticas a mim.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

21. Sinto-me melhor quando eu e alguém que me é próximo partilhámos os mesmos sentimentos em relação a outras pessoas.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

22. Para mim é importante pertencer a um grupo que partilha opiniões idênticas.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

23. Não me importo com o que os outros pensam a meu respeito.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

24. Sei que sou uma pessoa de sucesso e por isso não necessito do feedback dos outros.

completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

25. Aborreço-me com pessoas que pensam e sentem de modo demasiado parecido ao meu.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

26. Para mim é importante estar junto de pessoas que me podem servir de modelos.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

27. Sinto-me mais forte quando pessoas em meu redor estão a lidar com problemas idênticos.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

28. Para mim é difícil pertencer a um grupo de pessoas que sejam muito parecidas comigo.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

29. Para me sentir bem sucedido/a, eu necessito do reforço e aprovação por parte dos outros.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

30. Quando estou preocupado/a ou angustiado/a, não me ajuda muito receber conselhos de pessoas mais experientes.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

31. Procuro estar perto de pessoas que admiro.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

32. Sinto-me mais auto-confiante quando tenho amigos que acreditam no mesmo que eu.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

33. Necessito muito da opinião dos outros

Completamente
em desacordo

Completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

34. É difícil orgulhar-me dos grupos a que pertença.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

35. A maior parte das vezes sinto-me pouco reconhecido pelos meus superiores.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

36. Para mim é importante pertencer a grupos com elevado estatuto social e com "glamour".

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

37. Não tenho necessidade de ser encorajado e apoiado por outros.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

38. Prefiro não pertencer a grupos que tenham um estilo de vida semelhante ao meu.

completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Anexo viii) Inventário de Mecanismos de Defesa (DMI)

(Adaptação Portuguesa Autorizada: J. Justo, 2009)
(G.Gleser & D. Ihilevich, 1969)

Por favor, leia as seguintes instruções:

Em cada uma das páginas seguintes, encontrará uma certa narrativa. Depois de cada narrativa, estão quatro perguntas e, para cada uma delas, há cinco respostas à sua escolha. As quatro perguntas procuram informação sobre quatro tipos de reações emocionais. Destas quatro perguntas, só o comportamento efetivo tem correspondência na realidade. As outras três acontecem só no foro íntimo, dentro da cabeça de cada um.

O que nós queremos é que selecione uma única resposta, de entre as cinco, que lhe pareça ser mais representativa (M) do seu modo de agir. Depois, escolha uma resposta que lhe pareça estar mais longe (L) do modo como reagiria. Por exemplo, vamos imaginar que de entre as cinco respostas possíveis a uma pergunta (números 136, 137, 138, 139, 140), a resposta 137 lhe parece a mais representativa do seu modo de reagir, e que a resposta 140 é a que está mais longe da sua forma de reagir.

136.	...	M	L
137.	...	M	L
138.	...	M	L
139.	...	M	L
140.	...	M	L

Por favor, marque apenas um M e um L em cada grupo de cinco respostas. Os restantes M's e L's, em cada conjunto, não devem ter qualquer anotação. Leia o conjunto das cinco respostas às perguntas, antes de pensar na sua escolha.

Não há respostas verdadeiras nem falsas, nem boas nem más; a única orientação para as suas escolhas é aquilo que sabe a respeito de si próprio. Deixe-se imaginar, por um momento, que o acontecimento descrito na narrativa está realmente a passar-se consigo; ainda que nunca se tenha passado consigo nada de igual. Quando escolher as suas respostas, lembre-se que não lhe estamos a pedir que diga do que gosta mais ou do que gosta menos, mas sim aquilo que mais ou menos se aproxima do modo como você reagiria ou se sentiria em tais situações.

Se não tem dúvidas a esclarecer, comece. Repare que todas as folhas estão impressas na frente e no verso, não deixe nenhum item por responder.

(b) Você está à espera do autocarro na esquina da rua. As ruas ficaram molhadas e lamacentas depois das chuvas da noite passada. Um carro, em alta velocidade, passa junto ao passeio e dá-lhe um duche de lama.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

1. Tomaria nota da matrícula, para poder identificar esse condutor perigoso.	M	L
2. Sorrindo, limparia os pingos com um lenço.	M	L
3. Gritava insultos ao condutor.	M	L
4. Censurava-me por não ter, ao menos, vestido uma gabardine.	M	L
5. Resignado/a, lembrava-me que, no fim de contas, estas coisas acontecem.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

6. Enfiava a cara do condutor na lama.	M	L
7. Denunciava esse condutor incompetente à polícia.	M	L
8. Chamava-me burro/a, por ter ficado tão à beira da estrada.	M	L
9. Dizia ao condutor que isto é uma coisa sem importância.	M	L
10. Informava esse condutor que os peões também têm os seus direitos.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

11. Porque é que eu estou sempre a meter-me em coisas destas?	M	L
12. Este condutor que vá para o diabo.	M	L
13. Tenho a certeza de que, lá no fundo, este condutor é boa pessoa.	M	L
14. Em dia de chuva, estas coisas podem acontecer a qualquer pessoa.	M	L
15. Gostava de saber se este condutor me terá molhado de propósito.	M	L

Como se sentiria e porquê?

16. Satisfeito/a, afinal de contas podia ter sido pior.	M	L
17. Triste, por causa da minha pouca sorte.	M	L
18. Resignado/a, porque uma pessoa tem que se aguentar com as coisas que acontecem.	M	L
19. Ressentido/a, por esse condutor ser tão descuidado e egoísta.	M	L
20. Furioso/a, por esse condutor me ter sujado.	M	L

(a) Você trabalha, há algum tempo, no corpo da Polícia de Segurança Pública. O seu cargo é de muita responsabilidade na eficiência de um departamento que está sempre debaixo de uma grande pressão para cumprir os regulamentos. Como ultimamente as coisas não têm corrido tão bem como deviam, apesar da sua iniciativa e qualidades pessoais, você planeou fazer, dentro de

pouco tempo, algumas alterações nos postos de trabalho. Antes de executar esses planos, o seu oficial superior aparece inesperadamente, faz algumas perguntas bruscas acerca do trabalho do departamento e, depois, diz-lhe que está demitido/a do seu posto e o/a seu/sua assistente é nomeado/a para tomar o seu lugar.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

21. Aceitaria a minha demissão com bons modos, uma vez que o meu oficial superior está, apenas, a cumprir as suas funções.	M	L
22. Censurava o meu superior por ter tomado uma decisão contra mim, mesmo antes de se ter encontrado comigo.	M	L
23. Ficaria agradecido/a por ter sido aliviado/a de um trabalho tão difícil.	M	L
24. Ficava à espera da primeira oportunidade para lixar o/a meu/minha assistente.	M	L
25. Censurava-me por não ter sido bastante competente.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

26. Dava os parabéns ao/à meu/minha assistente, pela sua promoção.	M	L
27. Esclarecia a provável conspiração entre o meu superior e o/a meu/minha assistente para se verem livres de mim.	M	L
28. Dizia ao meu superior para ir para o inferno.	M	L
29. Ficava com vontade de me matar.	M	L
30. Preferia abandonar tudo, mas isso não se pode fazer na polícia.	M	L
31. Quem me dera poder encontrar-me, a sós, com o meu superior, numa rua escura.	M	L
32. Na polícia, é importantíssimo que a pessoa certa esteja no lugar certo.	M	L
33. Não há dúvida de que tudo isto não passou de uma desculpa para ele se ver livre de mim.	M	L
34. Realmente, tive muita sorte em só ter perdido o meu trabalho e não a minha graduação.	M	L
35. Como é que eu fui tão parvo/a a pontos de deixar as coisas chegarem a este estado.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

Como se sentiria e porquê?

36. Magoado/a, porque ele estava à espera da altura própria para me tramar.	M	L
37. Furioso/a com o/ a meu/ minha assistente, por ficar com o meu lugar.	M	L
38. Satisfeito/a, por não ter acontecido nada pior.	M	L
39. Transtornado/a, por ter sido um/uma falhado/a.	M	L
40. Resignado/a, afinal de contas temos de ficar contentes quando fazemos o melhor possível.	M	L

(u) Você está a viver com a sua tia e o seu tio, que estão a ajudá-lo/a nos seus estudos. Eles cuidam de si desde que os seus pais morreram num desastre de automóvel, desde os seus treze anos. Numa noite em que você tem um encontro marcado para tarde com o/a seu/sua namorado/a, lá fora está uma tempestade danada. A sua tia e o seu tio insistem consigo para telefonar e cancelar o encontro por

causa do tempo e da hora tardia. Você está quase a desobedecer-lhes e pronta para sair pela porta fora quando o seu tio diz, numa voz de comando: “A tua tia e eu já te dissemos que não podes ir, e não se fala mais nisso”.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

41. Faria como disse o meu tio, porque ele sempre quis o melhor para mim.	M	L
42. Dizia-lhes: “Eu sempre soube que vocês não querem que eu me torne adulta”.	M	L
43. Cancelava o meu encontro porque é preciso conservar a paz na família.	M	L
44. Dizia-lhes que aquele assunto não lhes diz respeito.	M	L
45. Concordaria em ficar em casa e pedia-lhes desculpa por tê-los chateado.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

46. Batia com a cabeça nas paredes.	M	L
47. Dizia-lhes para deixarem de arruinar a minha vida.	M	L
48. Agradecia-lhes por estarem tão preocupados com o meu bem-estar.	M	L
49. Saía, batendo com a porta na cara deles.	M	L
50. Mantinha o meu compromisso, doesse a quem doesse.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

51. Porque é que eles não se calam e não me deixam em paz.	M	L
52. Realmente, eles nunca se importaram comigo.	M	L
53. Eles são tão bons para mim que eu devo seguir o conselho deles sem discutir.	M	L
54. Não se pode receber sem dar qualquer coisa em troca.	M	L
55. A culpa é toda minha, por ter marcado uma hora tão tardia.	M	L

Como se sentiria e porquê?

56. Aborrecido/a, porque pensam que eu sou um bebé.	M	L
57. Desanimado/a, porque não posso fazer nada.	M	L
58. Agradecido/a, porque se preocupam comigo.	M	L
59. Resignado/a, afinal de contas não se pode fazer sempre aquilo que se deseja.	M	L
60. Furioso/a, porque eles interferem com os meus assuntos privados.	M	L

(d) Você está a passar as suas férias com um/uma amigo/a que arranhou um ótimo emprego noutra cidade e foi viver para lá. Ele/a convidou-o/a para irem a um baile, este fim-de-semana, no clube recreativo. Pouco depois de lá chegarem, ele/a aceita um convite para dançar, deixando-o/a a si com um grupo de estranhos que mal conhecia. Eles conversam consigo mas, por qualquer razão, ninguém o/a convida para dançar. O/A seu/sua amigo/a, por outro lado, parece ser muito popular

esta noite. Parece estar a divertir-se imenso. No meio disso, chama por si e pergunta: “Porque é que não estás a dançar?”

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

61. Dir-lhe-ia, com sarcasmo: “Não estou a dançar porque prefiro estar a olhar para ti”.	M	L
62. Responderia que, realmente, não me estava a apetecer dançar.	M	L
63. Iria à casa de banho, para ver o que é que havia de errado em mim.	M	L
64. Dir-lhe-ia que é mais fácil uma pessoa familiarizar-se conversando do que dançando.	M	L
65. Levantava-me e saía dali porque parecia que ele/a me queria colocar mal.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

66. Assegurava-o/a de que estou perfeitamente feliz e contente, para ele/a não se preocupar comigo.	M	L
67. Gostava de lhe dar uma bofetada na cara.	M	L
68. Dizia-lhe que uma pessoa não pode ser a rainha da festa logo na primeira noite e, ainda por cima, num lugar desconhecido.	M	L
69. Respondia-lhe que agora eu sei que espécie de amigo/a é que ele/a é.	M	L
70. Gostava de me meter pelo chão abaixo e desaparecer.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

71. Esta foi preparada por ele/a.	M	L
72. Para começar, eu nunca devia ter cá vindo.	M	L
73. Estou contente por o/a meu/minha amigo/a se estar a divertir.	M	L
74. Coisas como esta não se podem evitar numa festa onde não se conhece o pessoal.	M	L
75. Hei-de fazer com que ele/a se arrependa.	M	L

Como se sentiria e porquê?

76. Aborrecido/a, por ter tão pouca saída.	M	L
77. Furioso/a, por causa de ele/a me estar a colocar mal.	M	L
78. Resignado/a, porque todos os estranhos têm de passar por estas coisas.	M	L
79. Zangado/a, por ele/a me ter metido numa armadilha destas.	M	L
80. Agradecido/a, por ter passado uma noite tão agradável.	M	L

(m) No emprego, você quer demonstrar ao/à seu/sua chefe que é mais capaz do que os/as seus/suas colegas. Por isso, você está à espera que surja uma boa oportunidade para se afirmar. Um dia, trazem para a fábrica uma máquina nova. O/A chefe reúne todos/as os/as trabalhadores/as e pergunta-lhes se algum deles sabe trabalhar com ela. Você sente que chegou a oportunidade de que tem estado à espera e diz ao chefe que já trabalhou com uma máquina parecida e gostaria de ter uma

oportunidade de a experimentar. Ele/a recusa, dizendo: “Desculpe mas não tem hipótese” e chama um/uma dos/as antigos/as para tentar pôr a máquina a trabalhar. Assim que ele/a puxa a manivela de arranque, começam a saltar faíscas e a máquina começa aos soluços e pára. Neste momento, o chefe chama por si e pergunta-lhe se ainda quer uma hipótese para pôr a máquina a trabalhar.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

81. Diria: “Duvido que possa pôr a máquina a trabalhar”.	M	L
82. Diria aos meus colegas que o chefe quer responsabilizar-me pelo desarranjo da máquina.	M	L
83. Respondia ao meu chefe que ficava agradecido/a por me estar a dar esta hipótese.	M	L
84. Recusaria, amaldiçoando o/a chefe pelas costas.	M	L
85. Diria ao meu chefe que iria tentar porque nunca se deve voltar as costas a um desafio.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

86. Respondia a esse/a chefe que ele/a não ia fazer de mim o bode expiatório daquela máquina estragada.	M	L
87. Agradecia ao/à meu/minha chefe por não me ter deixado estrear a máquina.	M	L
88. Dizia ao/à chefe para ser ele/a a tentar pôr a máquina a trabalhar.	M	L
89. Dizia ao/à meu/minha chefe que a experiência nem sempre é garantia do sucesso.	M	L
90. Batia com a cabeça nas paredes por me ter enfiado numa situação insuportável.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

91. Este/a chefe é mesmo muito boa pessoa.	M	L
92. O diabo que o/a carregue, a ele/a e à sua maldita máquina.	M	L
93. Este/a chefe está a tentar lixar-me.	M	L
94. As máquinas nem sempre são dignas de confiança.	M	L
95. Como é que eu fui tão estúpido/a a pontos de pensar que podia trabalhar com esta máquina.	M	L

Como se sentiria e porquê?

96. Indiferente, porque quando não nos dão o nosso justo valor perdemos o entusiasmo.	M	L
97. Irritado/a por me convidarem para fazer um trabalho impossível.	M	L
98. Contente, por não ter sido eu a estragar a máquina.	M	L
99. Aborrecido/a, por me estarem a pôr propositadamente na berlinda.	M	L
100. Agoniado/a, por me ter arriscado a fazer figura de parvo/a.	M	L

(t) A caminho do comboio, você passa por uma rua estreita com prédios altos. De repente, uma telha cai lá de cima onde estão a trabalhar alguns homens. Um bocado de telha parte-se e salta, aleijando-o/a na sua perna.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

101. Recordava, aos trabalhadores, as suas obrigações para com a segurança pública.	M	L
102. Sossegava os homens, dizendo-lhes que não tinha acontecido nada de grave.	M	L
103. Dizia-lhes um palavrão.	M	L
104. Censurava-me, por não ter reparado mais cedo em que espécie de sítio eu estava a andar.	M	L
105. Fazia com que esses trabalhadores descuidados pagassem pelo seu descuido.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

106. Diria: "O que eu devia fazer era processá-los".	M	L
107. Insultava-me, por ser tão azarado/a.	M	L
108. Seguia sem parar, porque uma pessoa não deve permitir-se que a distraiam dos seus planos.	M	L
109. Continuava no meu caminho e ficava contente por não ter acontecido nada pior.	M	L
110. Ia tentar descobrir quem eram aquelas pessoas irresponsáveis.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

111. Esses trabalhadores não sabem fazer o seu serviço como deve ser.	M	L
112. Tive muita sorte em não ficar gravemente ferido/a.	M	L
113. O diabo que os carregue.	M	L
114. Porque é que estas coisas me estão sempre a acontecer?	M	L
115. Nos dias que correm não há cuidados que cheguem.	M	L

Como se sentiria e porquê?

116. Zangado/a, por ter ficado magoado/a.	M	L
117. Furioso/a, porque o descuido deles quase me matou.	M	L
118. Calmo/a, porque uma pessoa deve dominar-se.	M	L
119. Chateado/a, com a minha pouca sorte.	M	L
120. Feliz, porque saí dali apenas com um arranhão.	M	L

(p) É quase de noite. Você conduz o seu carro na cidade e pára num sinal luminoso. Quando a luz muda para o verde, você repara que os peões não obedecem

ao sinal e atravessam-se no seu caminho. Tal como a lei recomenda, você avança cautelosamente antes que o sinal vermelho apareça de novo. No momento de se safar, um polícia de trânsito manda-o/a encostar e acusa-o/a de ter ofendido o direito de circulação dos peões. Você explica que procedeu da única forma possível. No entanto, o polícia passa-lhe uma multa.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

121. Censurar-me-ia por ter sido tão descuidado/a.	M	L
122. Levava o caso a tribunal e arranjava provas contra o polícia.	M	L
123. Perguntava ao polícia porque é que ele tem tanta raiva aos condutores.	M	L
124. Tentava colaborar com o polícia que, apesar de tudo, é boa pessoa.	M	L
125. Aceitava a multa sem discussão, uma vez que o polícia apenas cumpriu o seu dever.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

126. Dizia ao polícia que ele não tem o direito de usar a sua posição para me espezinhar.	M	L
127. Censurava-me por não ter esperado pela luz verde seguinte.	M	L
128. Agradecia ao polícia por me ter salvo de um possível acidente.	M	L
129. Defendia os meus direitos por uma questão de princípio.	M	L
130. Batia-lhe com a porta na cara e continuava a conduzir.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

131. Ele está a cumprir o seu dever. Afinal de contas, devia agradecer-lhe por me ter ensinado a lição.	M	L
132. Cada um deve exercer a sua profissão da forma que acha mais correta.	M	L
133. O que este tipo precisa é de voltar para a escola.	M	L
134. Como é que eu pude ser tão burro/a.	M	L
135. Aposto que este tipo se sente alguém cada vez que passa uma multa a um desconhecido.	M	L

Como se sentiria e porquê?

136. A ferver de raiva, porque ele está a arranjar-me problemas.	M	L
137. Ofendido/a, porque ele está a fazer pouco de mim.	M	L
138. Envergonhado/a com o meu descuido.	M	L
139. Indiferente, apesar de tudo, estas coisas estão sempre a acontecer.	M	L
140. Aliviado/a, porque assim fui impedido/a de me meter em sarilhos piores.	M	L

(f) Você volta para casa, depois de ter passado dois anos lá fora com um contrato de trabalho. Na altura em que fez o contrato, podia escolher entre esse caminho ou um lugar no negócio do seu pai. Apesar dos conselhos do seu pai, você

preferiu ir-se embora. Agora que voltou para casa, você percebe que as suas oportunidades são as mesmas que tinha antes. Das duas uma, ou se associa com o seu pai, ou aceita um contrato como trabalhador/a não especializado/a. Na verdade gostava de abrir um café, mas falta-lhe o capital para esse projeto. Após uma grande hesitação, você decide pedir ao seu pai que entre com o dinheiro.

Depois de escutar a proposta, ele lembra-lhe que lhe tinha oferecido um trabalho na sua firma na altura em que você emigrou. A seguir, ele diz-lhe: “Não estou disposto a queimar, o que ganhei com tanto esforço, nos teus projetos malucos. É altura de começares a ajudar-me no meu negócio”.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

141. Aceitaria a sua oferta porque, neste mundo, toda a gente depende de alguém.	M	L
142. Confessava-lhe que apostar em mim, realmente, não resulta.	M	L
143. Mandava-o passear com todas as letras.	M	L
144. Dizia-lhe que sempre desconfiei que ele não gostava de mim.	M	L
145. Agradecia-lhe por ter conservado um emprego em aberto, para mim, todos estes anos.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

146. Ia trabalhar com ele e fazia-o feliz.	M	L
147. Desistia do esforço e acabava com tudo.	M	L
148. Aceitava a oferta do meu pai, porque ofertas como esta não caem do céu.	M	L
149. Mandava-lhe à cara que toda a gente acha que ele é um sovina.	M	L
150. Dizia-lhe que não trabalhava para ele nem que ele fosse a última pessoa à face da terra.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

151. Um dia, ele vai pagá-las todas juntas.	M	L
152. As questões familiares não podem entrar nas decisões de negócios.	M	L
153. Mas como é que eu fui tão burro/a a pontos de lhe falar neste assunto.	M	L
154. Tenho de admitir que o meu pai está a fazer por mim o melhor que pode.	M	L
155. Isto prova o que eu sempre pensei: o meu pai nunca acreditou em mim.	M	L

Como se sentiria e porquê?

156. Enraivecido/a, porque ele não quer que eu vença com o meu esforço	M	L
157. Agradecido/a, por causa da oferta de um emprego com futuro.	M	L
158. Ofendido/a, por ele estragar o meu futuro.	M	L
159. Resignado/a, não se pode ter tudo ao mesmo tempo.	M	L
160. Desesperado/a, por não ter conseguido a aprovação do meu pai.	M	L

(e) Uma tarde em que você e o/a seu/sua melhor amigo/a estão a marrar para os exames, o/a seu/sua namorado/a aparece inesperadamente. Vocês namoram

há mais de um ano mas, ultimamente, não se têm encontrado muitas vezes e você fica muito contente por ele ter aparecido. Convida-o/a para tomar café e apresenta-o/a ao/à seu/sua amigo/a. Passados uns dias, você telefona-lhe e convida-o/a para jantar consigo, para celebrarem o fim da semana de exames. Ele/a responde que apanhou uma constipação e que é melhor não sair de casa. Depois de jantar, você está chateado/a e decide sair com os seus pais que vão ao cinema. À saída do cinema, você vê o/a seu/sua namorado/a de braço dado com o/a seu/sua melhor amigo/a.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

161. Não olhava porque tenho a certeza que eles iam fingir que não me tinham visto.	M	L
162. Cumprimentava-os delicadamente, tal como fazem as pessoas civilizadas.	M	L
163. Amaldiçoava-os pelas costas.	M	L
164. Dizia-lhes que estava encantado/a por saber que eles se tinham tornado amigos.	M	L
165. Ia para casa e fartava-me de chorar.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

166. Escondia-me para não ficar frente a frente com eles.	M	L
167. Dava-lhe uma bofetada na cara.	M	L
168. Mostrava que me sentia feliz por saber que eles se juntaram.	M	L
169. Perguntava-lhe se roubar é a única forma que ele/a conhece de arranjar um homem/mulher.	M	L
170. Mostrava-lhes que no amor e na guerra vale tudo.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

171. Não admira que ele/a goste dele/a, ele/a é muito mais bonito/a do que eu.	M	L
172. O egoísmo pode tornar desleal o/a melhor dos/as amigos/as.	M	L
173. Aqueles dois sempre me saíram uns aldrabões.	M	L
174. Espero que venham a ter aquilo que merecem.	M	L
175. Realmente, que casal mais bem-parecido.	M	L

Como se sentiria e porquê?

176. Contente, por eles se darem tão bem.	M	L
177. Magoado/a, porque eu não devia ser tão confiante.	M	L
178. Resignado/a, porque temos que aceitar a vida como ela é.	M	L
179. Indignado/a, por causa da desonestidade deles.	M	L
180. Furioso/a com eles os dois, por causa do que aconteceu.	M	L

Você e um/uma antigo/a colega do liceu estão a concorrer para uma vaga que abriu no Conselho de Administração da firma em que trabalham. Ainda que pareçam ter as mesmas hipóteses, o/a seu/sua amiga teve mais oportunidades para evidenciar recursos pessoais em situações críticas. Contudo, recentemente, você conseguiu arranjar alguns negócios excepcionais. Apesar disso, o Conselho de Administração decide promover o/a seu/sua amigo/a em vez de o/a promover a si.

Qual seria a sua reação (comportamento real)?

181. Tentava descobrir quem foi o diretor que me lixou.	M	L
182. Continuar a cumprir o meu dever como uma pessoa responsável deve fazer.	M	L
183. Aceitaria a decisão como a prova de que eu não sou feito/a para ser diretor/a.	M	L
184. Contestaria vigorosamente as decisões do Conselho de Administração.	M	L
185. Dava os parabéns ao/à meu/minha colega pela sua promoção.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

186. Pediria ao Conselho de Administração para reconsiderar, porque uma decisão errada poderia prejudicar a companhia.	M	L
187. Censurar-me-ia por ter desejado um lugar que não está ao meu alcance.	M	L
188. Mostrava ao Conselho de Administração até que ponto eles foram parciais na sua decisão injusta.	M	L
189. Ajudava o/a meu/minha amigo/a a ser bem-sucedido/a no seu novo lugar.	M	L
190. Partia a cara de cada um dos membros do Conselho de Administração.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

191. Reconheço que não estou à altura.	M	L
192. Com certeza que não ia gostar mais do lugar de diretor/a do que do lugar que tenho agora.	M	L
193. Aqui há gato, esta decisão não me cheira bem.	M	L
194. Temos de passar por estas coisas como se não fossem nada.	M	L
195. O diabo que carregue aquele Conselho de Administração.	M	L

Como se sentiria e porquê?

196. Contente, por ainda conservar o trabalho a que estou habituado/a.	M	L
197. Perturbado/a, porque a minha falta de capacidades passou a ser conhecida por todos.	M	L
198. Furioso/a com os diretores, por causa da forma como me trataram.	M	L
199. Resignado/a, porque no mundo do trabalho as coisas são assim mesmo.	M	L
200. Zangado/a, porque fui vítima de uma decisão injusta.	M	L

Anexo ix) Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA)

(Isabel Mesquita, 2011)

O seguinte inventário foi construído com o principal objetivo de conhecer diferentes tipos de relacionamento amoroso.

Leia atentamente cada afirmação e assinale na escala o valor que melhor a caracteriza (com um círculo), tendo sempre em mente o seu comportamento num relacionamento amoroso.

Caso não tenha atualmente um relacionamento amoroso, pense no último que teve, caso nunca tenha tido, imagine como será o seu comportamento.

Por favor confira se respondeu a todos os itens.

1. O(a) meu (minha) companheiro(a) não é o principal da minha vida.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

2. Aflige-me a ideia de que o(a) meu (minha) companheiro(a) não queira estar mais comigo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

3. As minhas relações amorosas não podem ser nem muito próximas nem muito distantes.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

4. Penso sempre que as relações amorosas raramente são boas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

5. Sei que até o(a) meu (minha) companheiro(a) tem inveja de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

6. Chamo sempre a atenção dos erros do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

7. Desiludo-me frequentemente com as relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

8. Acho difícil o(a) meu (minha) companheiro(a) encontrar-me defeitos.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

9. É frequente eu saltar de uma relação amorosa para outra.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

10. É importante para mim que o(a) meu (minha) companheiro(a) pense em mim e no primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

11. É-me indiferente quando o(a) meu (minha) companheiro(a) não está disponível.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

12. Sinto-me muito melhor sem ninguém.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

13. Estou sempre disposto(a) a sacrificar o que eu quero em benefício do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

14. Eu e o(a) meu (minha) companheiro(a) somos como um só.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

15. Eu e o(a) meu (minha) companheiro(a) somos iguais na maioria dos aspetos.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

16. Eu gostava de ser como o(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

17. Existem aspetos da minha vida muito mais importantes do que a minha relação amorosa.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

18. Gosto de desfrutar "jogos de sedução" com várias pessoas ao mesmo tempo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

19. Gosto de levar o(a) meu (minha) companheiro(a) a satisfazer os meus desejos em primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

20. Na minha relação amorosa gosto de sentir que domino.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

21. Na minha relação, sou sempre eu que invisto mais.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

22. Na minha vida, as relações amorosas estão em último plano.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

23. Não gosto de ter relações nem muito sérias nem muito intensas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

24. Não gosto que o(a) meu (minha) companheiro(a) tenha qualidades superiores às minhas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

25. Não necessito de partilhar a minha vida com o(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

26. Não quero que o(a) meu (minha) companheiro(a) tenha muitas certezas sobre os meus sentimentos em relação a ele(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

27. Não sei o que faço da minha vida se a relação terminar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

28. Nos meus relacionamentos amorosos considero-me sempre superior, pessoal e profissionalmente, ao(à) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

29. O meu desejo de proximidade afasta o(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

30. O que eu sou depende muito do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

31. O(a) meu (minha) companheiro(a) tem de estar disponível quando eu quero.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

32. Para mim, numa relação, é mais importante ser admirado pelo(a) companheiro(a) do que admirá-lo(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

33. Para nos entendermos o(a) meu (minha) companheiro(a) tem de se comportar como eu gosto.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

34. Preocupo-me muito com os sentimentos do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

35. Quando estamos em grupo, tenho de sobressair mais do que o(a) meu(minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

36. Quando não estou envolvido(a) amorosamente com ninguém, sinto-me mais eu próprio.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

37. Quando não preciso do(a) meu (minha) companheiro(a) para resolver problemas meus, sinto-me mais independente.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

38. Quando o(a) meu (minha) companheiro(a) começa a depender muito de mim, eu afasto-me.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

39. Quando tenho uma relação amorosa sinto-me mais confuso(a) acerca das minhas ideias e valores.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

40. Receio que se eu não for como o(a) meu (minha) companheiro(a) deseja, ele(a) deixe de gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

41. Recorro sempre ao meu (minha) companheiro(a) para resolver os meus problemas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

42. Se a minha relação amorosa terminar, envolvo-me rapidamente com outra pessoa.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

43. Sei que quando as minhas relações amorosas terminam é sempre por culpa minha.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

44. Sinto-me mais ansioso quando o(a) meu (minha) companheiro(a) quer estar muito próximo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

45. Sinto-me mais importante quando o(a) meu (minha) companheiro(a) tem uma boa posição social.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

46. Sinto-me muito mais abatido(a) e triste quando não tenho um companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

47. Sinto-me vaidoso com o meu desempenho sexual.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

48. Sou eu quem termina as minhas relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

49. Sou superior ao(à) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

50. Tenho muito mais força para conseguir o que quero quando tenho o(a) meu (minha) companheiro(a) por perto.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

51. Tenho muito receio de perder o amor do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

52. Tenho receio que se me der a conhecer o suficiente, o(a) meu (minha) companheiro(a) possa não gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

53. Ter um relacionamento amoroso não altera nada na minha vida.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

Obrigada pela sua Colaboração!